A viuva Simões

Júlia Lopes de Almeida

A VIUVA SIMÕES

JULIA LOPES D'ALMEIDA

A Viuva Simões

LISBOA
ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1897

A VIUVA SIMÕES

I

APESAR de moça e de rica, a viuva Simões raras vezes sahia; dedicava-se absolutamente á sua casa, um bonito *chalet* em Santa Thereza. Vivia sempre alli, inquirindo, analysando tudo n'um exame fixo, demorado, paciente, que exasperava os seus cinco criados: a Benedicta, cosinheira preta, ex-escrava da familia; o Augusto, copeiro, francez, habituado a servir só gente de luxo; a lavadeira Anna, allemã, de rosto largo e olhos deslavados; o jardineiro João, portuguez, homem já antigo no serviço, e uma mulatinha de quinze annos, cria de casa, a Simplicia, magra, baixa,

com um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e terriveis.

Não era facil dirigir pessoal tão differente em raças e em educação. A viuva, modesta, e um pouco indolente para os deveres exteriores, consumia alli, dentro das suas paredes, toda a sua actividade.

Em vida do marido frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que elle partiu sósinho para o outro mundo, ella encolheu-se com medo que se discutisse lá fóra a sua reputação, cousa em que pensava n'uma obsessão quasi nevrotica.

Adquirira fama de *menagère* exemplar; e então levava o escrupulo a um ponto elevadissimo, para não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa. Levantava se cedo; percorria o jardim, a horta, o pomar, o gallinheiro; censurava o hortelão pelo menor descuido; via bem até as mais insignificantes ninharias: a gramma precisava ser aparada... As roseiras careciam de poda; porque não se enxertavam estes ou aquelles pés de fructa? O homem respondia que já tinha deliberado aquillo mesmo, e ella passava adeante, sempre com perguntas ou ordens.

No interior era um chuveiro de recriminações. A cosinha tomava-lhe horas. Passava os dedos nas panellas e nos ferros do fogão, a ver se estavam limpos; cheirava as caçarolas; obrigava a Benedicta a areiar de novo tachos e grelhas, a lavar a taboa dos bifes e o marmore das pias e da

mesa. Se havia alguma torneira pouco reluzente ou alguma nodoa no chão, detinha-se, exigindo que se corrigisse a falta logo alli, á sua vista. E era assim por todos os compartimentos, minuciosa, activa, severa.

Lamentava-se da falta de methodo, que a obrigava a ter em casa tantos criados; mas se pensava em despedir algum d'elles, achava-o logo indispensavel. A casa era grande e o dia curto para observal-a em todas as suas exigencias A viuva não fazia outra cousa senão mandar; entretanto não lhe sobrava tempo para mais nada!

Tinha de vez em quando as suas horas tristes, em que a intelligencia se lhe revoltava contra a monotonia d'aquelles mezes que se desfolhavam eguaes em tudo, sempre eguaes... O corpo cançado não reagia, e o pensamento nadava preguiçosamente em idéas vagas, coloridas pelo romantismo da idade em que as alegrias e enthusiasmos da mocidade já não existem, e em que as friezas da velhice ainda não chegaram... Ella tinha uma filha, Sara, que era o seu conforto e a sua agonia. Por causa d'ella renunciava aos divertimentos do mundo, exagerando as suas attribuições caseiras. Tinha medo de apaixonar se um dia, fugia do perigo de amar, de trazer para casa, para o goso do seu corpo e da sua alma, um padrasto para a filha, um estranho com quem tivesse de repartir os seus cuidados e as suas riquezas.

O seu temperamento, apparentemente frio, dava-lhe por vezes, momentaneamente, um ar de rija auctoridade, muito em contradicção com o seu typo moreno, de brazileira. No trato commum era calma, e tinha sempre o cuidado de não trahir as suas horas de desfallecimento, em que lhe passavam pela mente desejos e idylios irrealisaveis...

A viuva já não tinha a frescura da primeira mocidade, mas era ainda uma mulher bonita. Era alta e esbelta e tinha um par de olhos pretos bellissimos e uma pellé morena delicadamente pennujenta e macia.

A sua carne já não tinha a rijeza do pomo verde, que resiste á dentada, e cahia sobre ella toda um ar de molleza, de doce cansaço, que lhe quebrantava a voz e o gesto. Vinha d'ella um encanto exquisito e delicado, que ninguem affirmaria ser da pureza das suas linhas ou da maneira que tinha de andar, de sorrir ou de dizer as cousas.

Aos domingos a vida era mais calma. Os criados trabalhavam afincadamente ao sabbado, em lavagens, polimentos, renovações de plantas e de flôres nas salas, e gosavam de lazeres maiores e permissões de passeios no dia immediato. A viuva então respirava de allivio com o silencio e a ausencia dos servos que se revesavam no serviço.

N'um domingo de junho de 1891 ella sentou-se

na sua sala, muito fresca e perfumada; e, estendida n'uma cadeira de balanço, perto da janella, poz-se muito socegadamente a lêr um jornal do dia.

Estava n'um dos seus momentos de melancolia; almejava qualquer cousa que ella mesma não sabia definir. Era a revolta surda contra a pacatez da sua vida sem emoções, contra aquelle proposito de enterrar a sua mocidade e a sua formosura longe dos gosos e dos triumphos mundanos.

O que lhe parecia agora um sacrificio parecera-lhe horas antes uma delicia.

A verdade era que a viuva, além do medo de comprometter a felicidade da filha, sentia preguiça de cortar de uma vez aquelle systema recolhido de vida, iniciado pelo marido, um pouco ciumento.

Os seus olhos percorriam superficialmente todo o jornal, quando de subito estacaram n'um ponto. Por muito tempo não se despregaram de quatro linhas banaes, lendo-as e relendo-as até que o jornal, levado por um dos seus gestos languidos, cahiu aberto sobre os joelhos. Voltada para o sonho, ella continuou immovel, com os membros lassos estendidos sob as roupagens longas e negras do seu ainda rigoroso lucto de viuvez, e poz-se a seguir com o olhar, que o pensamento erradio tornava ora abstracto, ora pensativo, uma barquinha de velas pandas que

deslisava lá em baixo, isolada e pequenina, na solidão das aguas.

Estava uma manhã gloriosa, céu azul, cheio de sol, mar de um azul ainda mais denso, pacificado pela doçura da atmosphera.

Pelos socalcos abruptos da montanha desciam os quintaes e o casario disperso. A grande alegria da luz envolvia tudo: manchas vermelhas de barro, tufos de vegetação, quadros domesticos encerrados entre a brancura de quatro muros caiados surprehendidos do alto, homens trabalhando nas suas hortas, mulheres estendendo roupa ao sol. O azul e o verde enchiam o ar com os seus tons fortes. Agua, céu e montanhas, tudo isso a viuva olhava do alto, como se estivesse suspensa no espaço. Seguindo a linha alva de uma praia riscada além da bahia, o seu pensamento ia agora em línha recta aos primeiros tempos da sua vida. .

Mal se lembrava da mãe, um vulto tenue que fugia á sua lembrança... ficara orphã cedo... Do pae sim! Que bom velho! Que doce amigo fôra elle sempre!...

A transparencia do dia fazia realçar com nitidez todas as minucias da paizagem, mas os olhos da viuva affeitos áquelle esplendor não o observavam, tinham um fluido dourado, vago, de quem olha para cousas que outros não vêem...

Lembranças antigas de pessoas, de palavras, de idéas ou de sonhos, fugidios, apagados ou mortos.

Silenciosas, no meio das aguas profundas e aniladas, as fortalezas de Santa Cruz e da Lage viam-se distinctamente, na sua triste côr de granito humedecido e velho. Na de Santa Cruz, poder-se-hiam contar as setteiras da casamata, como orbitas vazias; nos recifes da Lage, a onda, embora branda, punha rendilhações brancas, de espuma salitrosa; e lá ao fundo, na barra, como outras sentinellas egualmente firmes e egualmente poderosas, levantavam os seus dorsos redondos, duas ilhas em tudo similhantes, como dous irmãos gemeos.

As montanhas succediam-se, esmeraldinas, escuras, azuladas ou violaceas conforme o gráu de distancia e a luz que as feria, e para além das ilhas o mar estendia-se, até confundir-se no horisonte n'um tom enfumaçado e compacto.

A areia do jardim rangeu e a viuva voltou para lá a cabeça. Era a Simplicia, que ia lépida, de saias engommadas, procurando cravinas para enfeitar a carapinha, já amarrada com uma fita azul. Quando passou rente á janella, a viuva sentiu o cheiro das suas essencias exaggeradamente impregnadas na mulatinha; fechou os olhos, sentindo preguiça de ralhar por aquella confiança... A rapariga rabeou ligeira por entre os canteiros e sumiu-se.

O barco de vela ia tambem ligeiro, como uma aza branca cortando o azul, e a moça seguia-o, pensativa, lembrando factos...

De repente o seu olhar perdeu aquella côr crepuscular, que dá a saudade, e fixou-se na cidade, como se quizesse indagar do que se passava por lá.

Surgindo de entre a verdura e a casaria, erguia-se logo em baixo, risonho e fresco, o outeiro da Gloria, encimado pela egreja branca e pittoresca, contrapondo a sua poesia graciosa e aldeã á magestade illimitada do mar.

Todo o bairro do Cattete, com as suas ruas elegantes, parecia immerso n'uma grande paz. A esguia chaminé da *City Improvements* não sujava o ar com o seu fumo, denegrido e infecto. Subia de tudo uma poesia alegre, desde as pontes rusticas de madeira alcatroadas, que mal se viam n'uma curva de praia, até o deslisar da barca de Nictheroy que atravessava a bahia, com a bandeira fluctuante na ré e um rastro de espumarada na prôa.

A filha da viuva jogava o *croquet* com um grupo de amigas, no pomar; mal se ouviam em casa a bulha secca dos martellos nas bolas, mais as risadas das jogadoras alegres. Tinha sido o pae, rio-grandense robusto e sanguineo, quem a habituára áquelles exercicios e jogos ao ar livre.

Filho de uma senhora allemã e de um negociante portuguez, o Simões de Porto Alegre, elle tinha recebido da mãe uma educação viril e uma saude robusta, e do pae um pequeno patrimonio com que mais tarde se estabeleceu no Rio,

quando, já orphão de mãe, o veiu acompanhar até ás portas do hospicio de D. Pedro II, onde o velho, louco, ainda viveu alguns annos terrivelmente agoniados!...

O olhar da viuva passou n'um vôo rapido por sobre o mar, as ilhas, a cidade e as montanhas e ficou abstracto, voltado de novo aos sonhos, inconscientemente preso ao Pão de Assucar, cabeça da formidavel esphynge que descança sobre o leito mysterioso do mar o seu enormissimo corpo de montanha, com as garras sumidas nas aguas e a fronte sumida nas nuvens. O seu pensamento lá ia esvoaçando como ave ligeira, pelo tempo antigo, sem que a vista se desfitasse da pedra arroxeada do monte, cortada de grandes laivos esbranquiçados ou escuros, escorregando de cima, como se fossem lagrimas.

E o pensamento, accordado de um lethargo em que jazia sepultado havia longo tempo, corria agora mais doce e velozmente do que o barco de velas lá em baixo, na solidão das aguas.

Junho espalhava côres luminosas; as primaveras estavam cobertas de petalas solferinas, as paineiras abriam sorrisos côr de rosa nas suas grandes flores; nas innumeras araucarias do morro suspendiam-se estrellas de um verdor condensado e as rosas embalsamavam o ar fresco, leve, inundado de luz.

A viuva deixava-se, preguiçosamente, no mesmo logar, a idéa longe, a carne afagada pela do-

çura inegualavel do inverno fluminense e os olhos errando pelo que a natureza pode ter de mais idealmente formoso ! O pensamento ia, ia...

— O Dias... o Luciano Dias ! que lindo e que amavel elle tinha sido ! Sempre muito assiduo... apaixonado... meigo, desenrolando uma voz velludosa, concentrada, acariciadora... Ai, o Luciano ! fôra quasi seu noivo...

Luciano tinha sido o primeiro e o mais duradouro amor da viuva; cartas, promessas, juramentos, phrases aquecidas na mais ardente paixão, haviam partido de um para outro nos bons tempos da juventude. Ella era ainda muito creança, elle tambem... como se amaram ! Entretanto, ella o havia esquecido: só uma ou outra vez, por qualquer acaso, se recordava d'elle. Suppunha mesmo que nunca mais o tornasse a ver, e que, se porventura isso se viesse a dar, ella não experimentaria a mais leve commoção; e eil-a agora alarmada, só porque lera na *Gazeta* a noticia da sua chegada da Europa ! Havia dois dias já que elle estava no Rio, debaixo do mesmo céu, respirando o mesmo ar que ella !

Quando o encontraria ? Desejava vel-o. Uma revoada de saudades trouxe-lhe á alma todo o perfume d'aquelle amor passado. Parecia-lhe que estivera todo aquelle tempo á sua espera, como uma noiva extremosa e fiel...

Sim, desejava vêl-o, mas tinha receio.

Receio... nem sabia de que, mas tinha o. Afi-

nal não houvera amado nunca outro homem como amara aquelle!

— O Luciano... porque a deixara elle? Que historia tel-o-hia obrigado a abandonar o seu amor? Diziam-no leviano... voluvel... talvez o tivesse sido. Que seria agora?

Voltaria casado? Pensaria ainda alguma vez nos tempos idos, quando se correspondiam e se encontravam em casa do tio Gustavo, no Engenho Velho? Elle teria ainda na memoria o beijo que lhe furtára, na face, timidamente, no dia dos annos d'ella? Teria sabido do seu casamento? Desconfiaria que elle se havia realisado por despeito? Dezenove annos tinham decorrido depois de tudo isso! parecia-lhe impossivel! Dezenove annos já! A verdade, porém, é que a memoria do Luciano estava, havia muito, apagada no seu coração, e agora uma simples noticia, laconica e murcha, resuscitava-lhe na alma a saudade de todo aquelle romance passado. O Luciano já lhe não sahia do pensamento: era alto... magro, tinha o cabello ligeiramente ondeado e os olhos grandes, negros, um pouco melancholicos talvez, em todo o caso formosos.

E ficou ainda por alguns minutos a pensar nas coisas que lêra ou julgara lêr n'esses formosos olhos languidos e pretos.

Em que consistira a sua vida depois d'essa encantadora leitura? Arranjos de casa... idas á modista... passeios inuteis pela rua do Ouvi-

dor... estudos de musica para figurar nos saráus das amigas... um ou outro verão em Petropolis, raro... e os cuidados pela educação e saude da filha, pelo bem estar do marido e por bem conservar as regalias da sua vida material, de burgueza rica.

Dias faceis, simples, sem commoções que os marcasse. O esposo fôra um bom homem, embora genioso e um pouco violento; ella era grata á sua memoria e sentia-se feliz por tel-o estimado com sinceridade, fidelidade.

Com o jornal cahido nos joelhos, a viuva continuava immovel, misturando na idéa a lembrança da morte do pae com as expressões amorosas do Luciano, o nascimento da Sara, o dia da partida do namorado e o dia do seu casamento com o Simões; a paciencia do marido, os successos da sua voz nos concertos das Nunes, a ultima carta de Luciano e o primeiro beijo da filha... lagrimas, alegrias... banalidades, coisas que enchem a vida de toda a gente.

Na sua intelligencia modesta todas as miudezas tomavam grandes vultos. A volta de Luciano Dias reavivava-lhe a imaginação.

Desde a morte do marido que procurava estiolar, resequir o seu coração de moça. O seu egoismo maternal absorvia-a toda; não se daria a ninguem, não roubaria á filha nem um dos seus afagos, nem um unico dos seus pensamentos e dos seus cuidados. Pela sua idolatrada Sara dei-

xaria queimar o seu corpo, cegar os seus olhos e despedaçar o seu coração. Perecesse tudo sobre a terra, se só á custa d'esse anniquilamento pudesse o sorriso illuminar os labios frescos da filha!

A viuva cahira n'uma prostração singular; por fim, sacudindo o pensamento, procurou reagir e fixar o espirito em coisas diversas.

Pensar em Luciano. . para quê? Élle deixara-a sem explicação, ella casara-se com outro, estava tudo acabado.

A estas horas elle teria meia duzia de filhos, uma esposa estrangeira, um lar calmo e feliz; ella tinha uma filha moça, a responsabilidade do seu nome e da sua casa. Cada um que seguisse o seu rumo; olhar para traz seria, além de ridiculo, pueril e perigoso... Na estrada da vida todos os passos que damos deixam vestigios, mas desde que desejemos voltar atraz, já não lhes encontramos as pégadas. Tudo se esvae, todas as scenas se desligam, ficando aqui e ali, como nevoas esgarçadas em penedias calvas, uma ou outra lembrança, uma ou outra saudade. A vida é assim.

A viuva Simões estava a pensar n'isso quando o Augusto foi entregar-lhe um cartão de visita.

Ella leu-o e quedou-se pensativa. O sangue affluiu-lhe ao rosto, apertou com força nos dedos finos e nervosos o bilhete, indecisa, com o

olhar chammejante e o labio inferior apertado entre os dentes.

— A resposta ? perguntou por fim o creado.

— Manda entrar.

— E' extraordinario! murmurou a viuva Simões; nunca mais pensei n'elle... hoje penso... e elle chega!

Aquella coincidencia afigurava-se, ao seu espirito mal educado, como que um aviso sobrenatural. Já nem se recordava de que a sua memoria fôra despertada pela noticia da *Gazeta!*

Luciano! sim. Era elle quem se annunciava! Que vinha fazer á sua casa, após dezenove annos de ausencia e de completa indifferença? Que saudades vinha revolver ou que idylios acordar?

Ao mesmo tempo que estes pensamentos se atropelavam no seu espirito, ella, por um movimento em que entrava tanto de *coquetterie* como de nervosismo, ergueu-se, apoiou a mão no espaldar baixo de um *fauteuil*, impellindo com o pé, para o lado, a longa cauda do seu vestido de viuva. Houve um silencio; o coração bateu-lhe com força. Soaram passos pelo corredor encerado; esses passos foram abafados na alcatifa da saleta contigua, onde a voz do Augusto indicou:

—Tenha a bondade de passar á outra sala...

Ella voltou-se com um sorriso desbotado e viu destacar-se, no fundo bronzeado do repos-

teiro, a figura elegante e correcta de Luciano Dias...

Elle avançou, e curvando-se deante d'ella:

— Minha senhora...

A viuva Simões extendeu-lhe a mão que a commoção gelava e elle galantemente beijou a mão que se lhe offerecia.

Lá fóra, entre os murtaes, continuavam as gargalhadas das moças, e, na doida alegria da luz, voavam os pombos por sobre as arvores e o telhado do *chalet*.

Sentados um em frente do outro, a viuva Simões observava que o Luciano Dias de então era bem diverso do Luciano de outr'ora! Tinha os cabellos grisalhos, embora fartos, o que lhe dava um novo encanto á physionomia viril; já não era esbelto: o seu corpo perdera a graciosa flexibilidade dos vinte annos, tornara-se um pouco grosso, o ventre arredondara-se-lhe, e no seu rosto expressivo e sympathico, havia vestigios de cançadas insomnias.

Por seu turno elle analysava a viuva. Achava-a com certeza muito menos fresca, mas talvez mais encantadora. Agora tinha a graça consciente, um pouco amaneirada, em todo o caso captivante. As faces tinham descahido um pouco mas o corpo era agora mais airoso e ondeante.

Se as olheiras se haviam accentuado e os cabellos negros estriado de um ou de outro fio branco, ao menos o sorriso tornara-se mais fino,

mais intelligente e perspicaz, e para elle, homem de sociedade, no saber sorrir estava toda a arte e sciencia da mulher de salão.

Ao principio houve um certo embaraço na conversa. Esboçavam-se phrases que morriam depressa. Elle não justificava a visita; ella encolhiase com reserva. Luciano, era, apparentemente, já quasi um estranho! Trocaram-se fallas banaes.

Se a viagem tinha corrido calma... se não achava agora o Rio uma cidade feia...

Elle respondia n'um modo cerimonioso e discreto e ambos, escondendo com todo recato os seus pensamentos e lembranças, affectavam indifferença e socego.

Um gesto, um olhar, um suspiro quebram ás vezes os mais firmes propositos.

Fios ha que parecendo de ouro são de seda: se lhes querem prolongar muito a tensão—estalam. Foi o que succedeu.

Luciano, depois de um pequeno silencio, fixando a viuva nos olhos, deu-lhe os pezames pelo seu luto.

Houve um estremecimento.

Sem saberem como, de facto em facto, vieram a fallar do tempo antigo. A evocação d'esses dias de mocidade foi como que um pouco de sol que derretesse o gelo entre ambos, e chegou mesmo um instante em que elle, enlanguescendo a voz e os olhos murmurou baixo:

— Ernestina!

Era o nome d'ella. A viuva Simões levantou-se muito vermelha, atravessou a sala até a um *gueridon* que ficava em frente, mudou ahi a posição de uma camponeza de *biscuit*, sem perceber mesmo porque fazia aquillo, e voltando a sentar-se perto de Luciano, disse, olhando para os zig-zags da alcatifa:

— Estou velha!

— Formosa velhice!

— Trinta e seis annos...

— E eu trinta e nove...

— Os homens são sempre moços...

Luciano não respondeu; contemplava agora, com muita attenção o retrato a oleo do finado commendador Simões.

Ernestina, um tanto embaraçada, perguntou:

— Conheceu meu marido?

— Conheci... quando fui para a Europa elle tinha-se associado a um amigo de meu pae, o Nunes. Vi-o no armazem, exactamente no dia da partida.

— Era muito bom homem... murmurou Ernestina quasi a medo.

— Sim? talvez por instincto, eu antipathisava com elle... perdoe-me que lhe confesse estas coisas...

Ella sorriu-se, elle continuou:

— Tive uma grande surpreza em Paris quando soube do seu casamento. Eu tencionava voltar cedo e julgava vir encontral-a ainda solteira...

Luciano crivava de reticencias essas phrases, sublinhando-as com o olhar. Chegou ao ponto de affirmar que, se não fosse esse casamento, elle não teria vivido na Europa tantos annos...

Ernestina, attonita, respondeu com visivel resentimento:

— Mas o sr. foi como addido da legação!

— Não .. mas que teria isso? Por acaso um addido de legação não póde vir buscar a noiva ao seu paiz?

— Inda não eramos... Ernestina suspendeu a ultima palavra.

— Noivos?

— Sim, respondeu ella com a cabeça.

— Eu assim a considerava, disse Luciano, envolvendo-a no seu olhar de velludo. Que faltava? o pedido ao papae!... elle consentiria por certo...

— Mas nem ao menos...

— Conclua! por Deus!

— Não recebi nem uma linha, nem uma explicação... A sua partida era a significação de um rompimento! Foi o que eu entendi.

— Entendeu mal... não tive coragem de lhe dizer adeus... e depois, perdoe-me a vaidade! quiz pôr em prova o seu affecto!

Ernestina abaixou a cabeça, subitamente arrependida de ter dado a mão de esposa ao Simões. Lamentava agora em espirito a perda de

todo esse tempo, em que poderia ter vivido ao lado de Luciano, na Europa, frequentando palacios de principes e fazendo resaltar, com os atavios parizienses, os seus encantos de brasileira gentil. .

— Affirmaram-me que o senhor ia para sempre... murmurou ella por fim.

— Calumnias... aposto que foi o Simões quem lhe disse isso?

— Talvez...

— Mas como foi que elle conseguiu fazer-se amar! era um urso, lembra-me bem, era um urso!

D'esta vez foi Ernestina que murmurou como um queixume:

— Sr. Luciano!

— Isto não é fallar mal, mas sempre gostaria de saber... como foi?

— O casamento foi feito... meu pae queria... eu cedi.

Ernestina não teve coragem de levantar os olhos; receiou ver erguer-se da sua cadeira de velludo escarlate, na grande tela em frente, o marido terrivel e ameaçador.

Emquanto Luciano lhe dizia quanto tinha soffrido com esse casamento e a especie de allivio que sentira ao sabel-a viuva, emquanto elle, cheio de seducção, se apoderava da sua mão esguia e branca e lhe dizia que viera da Europa por ella, só por ella, Ernestina, tremula, enver-

gonhava-se da sua mentira, parecendo-lhe sentir os olhos do esposo fixos n'ella.

O casamento feito pelo pae! Mentira! O Simões fôra acceito por despeito d'ella com o outro, o Luciano, mais nada. O pae não interviera, ficou até surprezo quando o negociante lhe pediu a filha. Em verdade, elle, o bom Simões, fôra requestado pela moça! O plano fôra seu; queria casar, ser rica, vingar-se de Luciano, que a perseguia sempre nos bailes, nos theatros, em toda a parte, e que afinal, sem uma explicação, deixava-a para ir para França!...

O commendador Simões tinha sido um bom marido, carinhoso, cortez, sempre prompto a dar-lhe tudo quanto ella desejasse, vestidos caros, casa ajardinada, mobilias modernas, vida farta, confortavel e doce.

Ella tinha consciencia d'isso tudo, gosára a seu modo, conforme as exigencias da sua educação burgueza. Se não tivesse tido a filha, talvez que a propria commodidade em que vivia immersa a tivesse feito procurar os gosos ephemeros da sociedade, mas a sua pequenina Sára prendia a aos deveres da casa, preoccupando-a muito...

— Então seu pae obrigou-a a casar? perguntou Luciano n'uma insistencia maldosa.

— Obrigar propriamente não... aconselhou e achei que era do meu dever obedecer...

— E não se arrependeu, Ernestina? Não lhe

occorreu nunca á memoria a lembrança de alguem que soffreria muito com o seu casamento?

A viuva Simões córava, alisando com a mão a lã preta do seu longo vestido. Conteve o desejo de contar quanto tinha chorado, na manhã do casamento, com a lembrança de Luciano... Occorreu-lhe tambem o constrangimento que tinha sentido, no dia seguinte, pelo marido, vendo-o comer com a faca, ao almoço... Vieram-lhe á mente scenas desligadas, que ella repellia, sem atinar com uma resposta.

Luciano approximava-se d'ella, envolvendo-a com a sua voz quente e o seu olhar macio e caricioso, alli mesmo, bem em frente ás barbas fartas e ruivas do commendador Simões. As suas palavras escorriam como o mel de um favo. Ernestina, sempre de cabeça baixa, tinha o sorriso paralysado, sem coragem de pôr um dique áquella ternura perigosa.

Elle ousava queixar-se de ter sido esquecido! A viuva não protestava. Entretanto, lembrava-se bem! nos primeiros mezes de casada aborrecia o marido e disfarçava mal esse sentimento. O seu sonho tinha sido casar e partir. Ir a Paris, ver Luciano, tratal-o com despreso, fingir-se feliz... O marido oppoz-se á viagem, o unico desejo em que a contrariou, expondo-lhe rasões de commercio e fortuna... Sair do Rio era impossivel então: prometteu que mais tarde percorreriam o mundo!

O tempo e a convivencia desvaneceram o desamor da esposa. O nascimento de Sara acabou de solidificar a affeição de Ernestina pelo marido. O pensamento de ambos convergia para a pequenita; tinham ambos o mesmo cuidado, encontravam-se ao mesmo tempo a beijar o mesmo rosto ou a embalar o mesmo berço... As suas conversações mais intimamente doces eram a respeito da Sarinha, vendo-a brincar dos joelhos de um para os joelhos do outro, a dizer com egual ternura:

— Papae... ou mamãe!

Essas coisas iam voando pelo espirito da viuva, emquanto Luciano lhe dizia que viera de Paris por sabel-a livre, do contrario lá estaria ainda!...

Falando sempre, doce e mansamente elle pegou-lhe na mão e retirou, muito devagar, a alliança de ouro que ella ainda usava no dedo.

Ernestina consentiu. O annel rolou para o chão.

— Sempre julguei que o senhor voltasse casado.

— Não se lembrava que os homens são menos voluveis do que as mulheres...

— Oh!

E Ernestina riu-se.

— Temos uma prova em nós mesmos.

Ernestina, já menos perturbada, perguntou, fixando em Luciano um olhar claro e sério:

— Diga-me uma coisa, com toda a franqueza e lealdade: porque saiu do Rio sem me mandar ao menos um bilhete, uma palavra qualquer de despedida?

— Mas eu já lhe disse.

— Não, interrompeu Ernestina, a rasão apresentada não é acceitavel. Pôr em prova o meu affecto! Isso não é coisa que occorra a um namorado de vinte annos.

— Incompletos... accrescentou Luciano com um sorriso.

— Demais a mais!

— Realmente eramos muito creanças ..

— Não fuja á minha pergunta, lembraremos isso depois...

— Que maldade! porque não ha de acreditar no que eu disse? Quiz pôr á prova o seu amor; além d'isso, meu pae, note que meu pae é que era secretario da legação e não eu, impôz-me essa viagem; negocios de familia complicados e que nem mesmo a gente, depois de passado o tempo, sabe explicar! Eu era o secretario de meu pae... foi isso naturalmente o que fez com que lhe dissessem que eu tinha ido como addido. Inda ha pouco não esclareci esse ponto para não interrompel-a...

— Bem! vejo que o senhor é teimoso e não quer dizer o motivo de um rompimento tão inesperado... Seja. E mesmo, agora, que nos importa isso?

— Ficou zangada commigo?

— Muito!

— Perdôa-me?

Ernestina teve vontade de dizer — esqueci-o — mas calou-se; toda a sua energia e resolução tinham-se despedaçado!

— A senhora casou muito cedo..

— Com dezoito annos incompletos...

— Quantos mezes depois da minha partida?

— Cinco...

— Que barbaridade!...

Riram-se. Lembravam-se juntos do passado. Tinham começado a amar-se em casa de um tio de Ernestina, ella com quinze annos, elle com dezoito... uma creancice de que Ernestina se teria esquecido, se o seu casamento não tivesse sido feito por despeito d'isso. Luciano era então estudante de medicina; o pae morava em Minas e elle hospedava-se em casa de um negociante, Gustavo Ferreira, no Engenho Velho.

O negociante era o correspondente e o amigo mais querido do pae de Luciano e era tambem o irmão preferido do pae de Ernestina. Isso ligou-os.

O tio Gustavo, como ambos diziam, não tinha filhos, a mulher passava a vida doente, sempre queixosa e asthmatica, no emtanto, ella vivia ainda e elle tinha morrido de um ataque apopletico.

— Seu pae? perguntou Luciano.

— Morreu... D'aquelle tempo só vivem a tia Marianna e a Josepha.

— Que Josepha?

— Aquella mulata lá de casa... que lhe fazia muita guerra.

— Uma baixa... queixuda...

— Isso mesmo...

— Tenho idéa... sim... que interceptava as minhas cartas!...

— Exactamente.

— Deve estar muito velha!

— Não...

— Como o tempo passa!

— E que saudades o senhor veiu trazer-me da minha mocidade!

Ouvindo de longe uma gargalhada argentina e fresca, a viuva Simões disse:

— Minha filha! é preciso que a conheça; vamos ao jardim!

— Uma filha!... tornou Luciano com tristeza, ahi está uma lembrança do outro que me amargura bastante ..

— Ella é um anjo!

— Tanto peior...

Ernestina tornou-se muito séria e o seu olhar, até ahi ineffavelmente doce, ficou de repente aspero, por offendido.

— Vamos, desejo mesmo cumprimentar M.elle Simões... murmurou Luciano emendando o seu erro, e demonstrando interesse pela menina.

— Pois sim, mas prometta-me...

— O que?

— Não é nada, vamos! E a viuva passou adeante.

A sala tinha portas para uma varanda de ladrilhos côr de rosa e columnas finas de ferro bronzeado. D'ahi descia-se por tres degráos baixos e muito largos para o jardim. O sol de junho illuminava tudo com uma luz risonha, e nos largos canteiros relvados as flôres rubras das casadinhas pareciam gottejar o sangue nos seus braços espinhosos.

A viuva Simões ia adeante, erguendo a cauda do vestido preto; Luciano admirava-lhe a graça do andar e a côr levemente morena do seu pescoço roliço e delicado. Dando volta ao jardim foram parar a uma segunda grade; a dona da casa abriu e entraram no pomar. Ahi, n'um espaço bem varrido, nivelado e todo guarnecido em derredor por bambús, é que Sara e as amigas jogavam o *croquet*.

No momento em que entraram, exactamente quem jogava era a filha de Ernestina. Não lhe viram a cara; estava curvada para deante; o vestido arrastava na frente, mostrando-lhe atraz os tornozellos finos e as meias pretas riscadas de cinzento. A mãe deixou-a jogar, e ao vel-a erguer-se bateu-lhe levemente no hombro. Sara voltou-se.

Luciano observou-a com curiosidade.

— Mas é já uma moça! observou elle attonito.

— Eu não lhe disse que estava velha? perguntou Ernestina com um sorriso.

Olhando attentamente para Sara, Luciano resumiu assim o seu juizo: a cara do pae! ponham-lhe umas barbas vermelhas e ahi teremos o commendador Simões.

Sara não era alta como a mãe, nem tinha a gentileza do seu porte aristocratico. Tinha a cabeça um pouco grande e forte, a testa arredondada, os olhos castanhos e intelligentes, o cabello de um louro ardente e luminoso, a bocca risonha, os dentes sãos.

O que encantava n'ella era o bom ar de saúde, de innocencia e de alegria que se emanava do seu olhar franco, da sua pelle rosada e fresca, e da sua bocca sympathica.

Pareceria um rapaz vestido de mulher, se não tivesse uma expressão tão ingenua e se os cabellos não lhe cobrissem as costas n'uma trança tão longa e tão farta.

Fallava alto, e comquanto de tom auctoritario, a sua voz era doce e clara.

Ganhara a partida e estava victoriosa; extendeu a mão a Luciano, como se fosse a um amigo velho, com uma franqueza descuidada. Impellindo para traz o cabello que lhe voava para o rosto, convidou as amigas para outra partida mas as companheiras estavam cançadas e ella começou a juntar o apparelho n'uma caixa, con-

tando ao mesmo tempo á mãe o fiasco de Georgina Tavares. Uma graça!

A Georgina era uma moreninha galante, filha de um advogado da visinhança, e a maior amiga de Sara. As outras eram quatro sobrinhas do dr. Tavares, filhas de um medico do Espirito Santo, e estavam passando uma temporada com a prima. Vestiam mal e encolhiam-se envergonhadas, umas de encontro ás outras.

Ernestina voltou para dentro em companhia de Luciano. Atravessaram calados o jardim. No primeiro degráo da varanda a viuva perguntou, parando de repente, com a mão sumida na trepadeira que envolvia uma das columnas:

— Que tal achou minha filha?

Elle moveu a cabeça com um sorriso, extendeu, depois de alguma hesitação, os beiços em bico, e não respondeu.

— Quer dizer que lhe desagradou...

— A senhora parece-me ser uma d'essas mães excessivas a quem não se póde dar uma opinião franca dos filhos?

— Engana-se, respondeu seccamente a viuva.

— O melhor é não perguntar nada...

— Ao contrario, eu quero saberq ual a sua impressão! Tenho empenho n'isso!

— Manda?

— Exijo!

— Então ahi está: acho-a feia!

— Feia! mas em que!?

— Em tudo, menos no cabello, que assim mesmo tem o defeito de ser um pouco avermelhado, e na côr da pelle. Admira-me como não tem sardas, que são quasi uma consequencia do typo.

— Antipathisou com ella, é o que eu vejo!

— Não... balbuciou Luciano vacillando.

— Sara é um anjo!

— Muito parecida com o pae!

— Ora...

— Antes tivesse sahido á mãe, concluiu Luciano, seria muito mais formosa e menos...

— E menos?

— Quero dizer — mais agradavel para mim.

Ernestina, apezar dos esforços por encobrir a tristeza que essas palavras provocaram, deixou-a transparecer e Luciano despediu-se com uma certa frieza, como se estivessem amuados.

II

— Então você foi hoje a Santa Thereza? perguntou o Rosas a Luciano Dias.

— Fui...

— E então, que tal?

— Ainda fresca! bonita!

— É bonitona, é.

Conversavam ácerca da viuva Simões.

O Rosas acabava de jantar com o amigo regaladamente, na sua saleta do pavilhão, no Flamengo, com vista para o mar. Estavam sós; o criado levara o café e elles tinham accendido os charutos.

A tarde caía serena e bella n'um esmaecimento de tons delicados. Deante da porta aberta do pavilhão, a rua larga e arenosa do jardim exten-

dia-se com uma brancura pallida, sem brilho, e nos largos canteiros relvados, batidos de sombra, as palmeiras ornamentaes abriam muito as folhas, como enormes mãos espalmadas. Entre o verdor ennegrecido das plantas, sorriam de vez em quando rosas claras, côr de carne moça, e os arbustos das azaleas brancas destacavam-se muito, todos cobertos com as suas flores de neve.

Do outro lado, pelas janellas abertas, vinha o marulho das ondas a morrerem na praia.

— Já tenho licor... disse Luciano, respondendo a um gesto do Rosas, que tornara a encher o seu calice e passava a garrafa ao amigo.

— É bom; isto reanima e conforta o estomago. E depois de um trago em que exgottou o calice:

— Pois você fez mal em ir á Simões... póde comprometter-se e depois não ter remedio, senão...

— Casar?

— Casar.

— Qual!

— Veja o que aconteceu commigo!

O Rosas, homem já dos seus cincoenta annos, gordo e calvo, cançado do seu viver de solteirão, tinha-se casado, para um anno depois separar-se da mulher, com grande escandalo.

A pobresinha tinha sido uma cabeça tonta e bonita. Passara a mocidade a ler novellas dos

jornaes e a fazer *crochet* á janella da casa do pae, em S. Christovão.

Montépin lançou-lhe no espirito a semente da inveja das fidalgas loiras, de mãos de setim e olhos de velludo turqueza. O *crochet* dava-lhe tempo para remoer mentalmente scenas de amor adultero deslisadas nos parques alfombrados de castellos provincianos. Quando casou, o Rosas tinha ainda todos os gostos do negociante pacato e burguez. Como isso fosse por 1890, no periodo effervescente do jogo da bolsa, em que os luxos se assanharam até o desmando, não custou muito transformal-o. Foi ella, portanto, quem o acostumou áquelles jantares no pavilhão, quem o obrigou a comprar carro, a frequentar o lyrico, até que um bello dia — zás! lá se foi mar em fóra com um primo d'elle, levando todas as joias e deixando por despedida algumas linhas mal escriptas.

Entretanto, aquelle golpe não o desesperou; tinha mesmo facilidade extrema em alludir a elle. Chegava a ponto de constranger os amigos. Um d'elles notou-lhe um dia:

— Homem! ha certas infelicidades que se escondem...

—Ao contrario, respondeu-lhe o Rosas, ha certas infelicidades que devem ser espalhadas para servirem de exemplo!

Lá tinha o seu modo de ver.

—Ha muitos mezes que não vejo a Simões,

proseguiu o dono da casa, fincando o cotovello na mesa e erguendo até a altura da calva a mão gorda e curta, em que luzia um enorme brilhante.

— Eu, já agora hei de morrer solteiro, disse Luciano pausadamente. Conheci por alguns annos a vida de familia, fui tão feliz quanto podia ser nas condições em que me achava, e isso bastou-me.

— Alguma ligação...

— Sim. Uma rapariga por quem me apaixonei... vivemos quatro annos juntos. Hei de ter sempre saudades d'esse tempo... ella era linda e era um anjo!

— Um anjo com azas para fugir depois de quatro annos de ventura, não é assim?

— Não.

— Foi você que a deixou?

— Morreu.

— Ah!...

Houve um instante de silencio. O Rosas proseguiu:

— Sabe que eu estava mal com o Simões?

— Não... porque?

— Negocios.

— Ouvi dizer que elle era um homem máo.

— Não era tal.

— Por mim não sei nada. Eu mal o conheci.

— Elle era um pouco irascivel e muito extremado nas suas opiniões; mas era o que se pode

chamar homem de bem! Na questão que tivemos, eu mesmo confesso, hoje, bem entendido, que a razão estava do lado d'elle.

— Então?

— Que quer? tive máos conselheiros. Essa é que é a verdade.

— Elle era portuguez, não era?

— Não... rio-grandense, filho de allemã e de um negociante que morreu doido, aqui no hospicio; ainda o conheci... O Simões tinha puxado ao typo da mãe, era vermelho e ruivo; morreu de congestão. Já se esperava isso mesmo: era um touro, pescoço curto, cabeça grande..

— A filha parece-se muito com elle, deve ser violenta e forte. É feia.

— Tem uma filha só?

— Só...

— Pois o Simões não era máo homem. Um pouco curto de idéas... Se a menina sair ao pae não será atormentada pela intelligencia...

— Agora diga-me: ácerca do comportamento de Ernestina nunca se falou?

— Nunca ouvi nada! Gosou sempre de boa reputação. Isso a meu ver não tem valor. Ha mulheres tão sonsas!

— Que diabo! nem um amante, hein?

— Nenhum, que me conste.

— O Simões deixou grande fortuna?

— Não sei... calcula-se n'uns quatrocentos contos, talvez.

— Não é má somma... Pois se não fosse o demo da filha, quem sabe? Talvez que realmente eu caísse na asneira de casar...

— Você não quiz quando ella era moça, e então agora...

— Quando era moça era pobre... Mas o que me mettia mais medo, ainda assim, não era a pobreza, eram os olhos d'ella!

— Os olhos!

— Receiava que viesse a succeder-me o que succedeu a você. Ernestina tinha uma belleza provocante, de espantar maridos!

— Pois foi uma boa mulher... essas coisas enganam. A minha era mansa como um cordeiro, olhos postos no chão... parecia um anjo! caí como um patinho... e ahi está o resultado! Ora! estou livre! Isto de casamento é o diabo! Evita Santa Thereza!

— Não ha perigo! preciso de alguma coisa para entreter o tempo...

— Trabalha...

— Em que! Perdi o costume. Depois o que tenho dá me para viver...

Luciano levantou-se e foi á janella, emquanto o Rosas sacudia com o dedo a cinza do charuto.

— Sabe! disse Luciano sem se voltar, e proseguindo logo: estou encantado com a minha terra. Que belleza!

— Homem, não é isso que costuma dizer quem vem da Europa...

— Ora! onde viu você nunca uma cidade com vistas d'estas?! e apontou com um gesto largo a bahia em frente.

O Rosas levantou-se e foi encostar-se ao peitoril, ao lado do outro. Ficaram silenciosos vendo os ultimos raios do sol illuminarem com uma luz polychroma parte do mar. De um lado tremulava uma rede malhada de ouro scintillante, mais além uma nuvem vermelha reflectia nas aguas um tapete de rosas, e em outros pontos appareciam manchas violaceas e sombrias que iam crescendo e movendo-se na onda. Na areia clara destacavam-se velhas pedras escuras, em que as algas se apegavam, como aranhas seccas.

— Vamos dar um giro, interrompeu o Rosas, pouco affeito ás contemplações da natureza.

E sahiram os dois.

III

Luciano e o amigo desceram pela rua do Cattete conversando e de vagar, n'um exercicio de boa digestão.

O Rosas bamboleava o corpo curto e grosso, com o *veston* azul aberto na frente e as mãos sumidas nos bolsos; o Luciano ia ao lado, distrahido, com os braços p'r'as costas e o bengalão suspenso entre as duas mãos.

Os bonds passavam cheios. Em uma ou outra casa viam-se moças á janella, quasi todas bonitas, bem vestidas.

Ia cahindo docemente a noite. Um *propheta* corria de lampião a lampião, com a blusa de

zuarte fluctuante, o varal erguido e o chapéo enterrado até ás orelhas.

A rua tinha trechos menos tumultuosos de feição aristocratica, onde as casas não se abriam tão burguezmente á poeira e á curiosidade de fóra; mas logo em outro quarteirão, tudo mudava, aspecto de pessoas e de coisas, como se se tivesse dado um salto para outro bairro. Então, em vez de predios grandes, de cortinas cerradas e plantas ornamentaes nas entradas, eram as casas apertadas, deseguaes; e, de vez em quando, ou um *frege* tresandando a azeite e sardinhas, ou uma quitanda apertada, cheirando a fructa apodrecida e a hortaliça murcha. N'esse ponto andavam creanças aos magotes pela calçada, de mãos dadas, embaraçando os transeuntes. A' porta de um barbeiro ou de outra qualquer casa de negocio, suffocada por predios maiores, conversavam algumas pessoas com muitos gestos e poucas risadas.

Luciano prestava attenção ás minimas coisas, querendo em vão comparar o aspecto d'essa rua de então, com o do tempo em que ahi tinha morado, havia largos annos!... A differença estaria na sua maneira de olhar? perguntava elle a si proprio.

O Rosas conhecia meio mundo, morava por alli havia muito, por isso cumprimentava quasi toda a gente; quando o fazia a alguma senhora *chic*, Luciano não tardava em perguntar-lhe:

— Quem é ?

Pelo meio da rua rolavam maciamente os carros particulares, de volta do passeio a Botafogo e em demanda dos lares. O Rosas citava o nome das donas, gente boa, frequentadora do Lyrico e de Petropolis.

O Luciano pedia-lhe que o apresentasse, elle não conhecia ninguem, e era sociavel, affeito ás salas e a conversações com senhoras.

O Rosas sorria.

— Você está-me com cara de conquistador...

— Ora...

— Hoje apresentar a gente um amigo como você em casa de outro... é um perigo... emfim, não direi que...

— Faça-se de puritano!

— E sou; desde que me succedeu o que você sabe, então, nem se fala!...

— Ora adeus!

N'isso o Rosas apontou para um carrinho elegante e leve, que vinha da cidade guiado por uma moça de claro, airosa, bem sentada na almofada. Como a luz já fosse escassa, Luciano não a pôde ver bem. Atraz d'ella desenhavam-se as *silhouéttes* de dous lacaios impertigados.

— Quem é? inquiriu Luciano, reparando para um gesto do Rosas.

— Clara Sylvestre... uma ex-actriz do Recreio.

— Parece *chic*.

— É uma das mais bonitas, ahi...

— Apresenta-me?

— Sem escrupulo.

Houve um sorriso. Passavam pela esquina de Santo Amaro. Luciano parou, mostrando um predio em frente.

— Já morei n'aquella casa... era então rapazinho, andava ás voltas com exames de francez.

— Você não foi nascido e criado em Minas?

— Não. Alli ao lado era uma padaria e aqui, n'esta esquina, um armazem.

— Já as reminiscencias vão tomando um caracter mais positivo. Mas, que diabo! não me lembra que seu pae tenha morado aqui!...

— Pois não, foi só depois do meu nascimento que meu pae se resolveu a ir para a provincia; voltámos de lá por doença de minha mãe. No fim de dois annos ella morreu, meu pae regressou para a provincia e eu fui então morar com o nosso correspondente, o Gustavo Ferreira...

— Tio da Simões...

— Sim, tio da Simões...

— Conheci-o. Morreu, sabe?

— Disse-m'o a sobrinha.

— Ah... ella pôl-o ao corrente de todos os successos... Falaram do passado?

— Um pouco...

— Devia ter sido linda, a Simões.

— Esplendida! e depois viva, alegre!... pare-

ce muito mudada. Era de metter medo!... Hoje não é a mesma... ainda assim... não lhe digo nada...

— É *chic*. Agora, fóra de caçoada, não se ponha a brincar com o fogo inutilmente! A Simões é séria; você deve evitar a convivencia, visto não querer casar. Conheço bem a nossa sociedade... isto está feio...

— Que mania!

— Tome sentido!

— Que diabo! Ernestina é uma viuva, não é mulher que se deixe illudir... Será capaz até de me illudir a mim!

— Qual! e quer saber uma coisa? em todo este desmando em que vivemos, eu não culpo as mulheres, culpo os homens. Ellas são boas.

— Ora essa!

— Se você quer a Simões, case-se com ella.

— Isso não.

— Então não volte a Santa Thereza.

— Eu tenho muita pratica... conheço bem as mulheres!...

— Póde enganar-se uma vez. Você agora não está em Paris...

— Parisiense ou não, a mulher é sempre a mesma!

— Pois sim! ouça o meu conselho!

— Ora!

A noite tinha caído completamente. Durante a travessia do caes da Gloria, sentiram frio. O Ro-

sas falava sempre, Luciano mal o ouvia, com o pensamento afastado.

Atravessavam agora a rua da Lapa.

Moças cheias de fitinhas e de papelotes recostavam-se ao peitoril das janellas baixas; na calçada os moleques assobiavam o *Chegou, chegou, chegou*, e os baleiros roçavam pelas creanças, offerecendo-lhes balas. Alli não podiam conversar, a calçada era estreita, muito atravancada; Luciano caminhava atraz do Rosas, reparando para os typos, admirado de ver tão poucas pretas. Uma ou outra mulata cruzava-se de vez em quando no caminho, carregada de essencias e de laços, muito espartilhada, exaggerando a moda do vestido e do penteado. Onde se teriam mettido os pretos do ganho, os minas, de cara retalhada, rodilha na cabeça, cesto na mão? E o fervilhamento de crioulas na rua, de vestido de riscado e manga curta, mais a quantidade de formosas bahianas, muito limpas, com o seu bello traje flammante, a camisa de renda, o turbante airoso, o pescoço e os braços cheios de contas de vidro e de coraes, a manta riscada, a tiracollo, a saia muito franzida rebolando aos movimentos dos solidos quadris carnudos, e as chinellinhas tac-que-tac nas calçadas?

E os chins de trança longa, roupa de algodão grosso, vara no hombro, gigos pendentes, percorrendo as ruas n'um passo apressado e ferindo o ar com a sua voz achatada — *camalon* —

péce!? E os crioulos que vendiam calçado em caixas envidraçadas, apregoando, n'uma melopéa grave e prolongada — *Sapato!* E as *gondolas*, diligencias desengonçadas, suspensas sobre as suas quatro rodas altas, rodando aos solavancos sobre os parallelepipedos, n'um fracasso tremendo? E os meninos vendedores de canna, entoando musicalmente:

— *Vai canna, sinhá, vai canna sinhá, vai canna sinhá, bem doce!?* E os carregadores de pianos, empunhando o caracaxá tradicional, que vinha desde longe n'um rumor inconfundivel?

Que vento dispersara aquella gente? para que paiz teriam fugido todos aquelles typos a que se habituara na infancia? Agora só via caras estrangeiradas, muitos italianos, turcos immundos, quasi toda a gente branca, muito luxo, muitas equipagens, cavallos de raça guiados por titulares, com lacaios e *grooms* inglezes, muitas *toilettes* vistosas, muitos brilhantes e uma variedade infinita de côres nas bandejas de balas e nas cabeças das burguezinhas pobres, cheias de papelotes!

De dia para dia as coisas mudam de aspecto e muda a observação dos olhos que as vêem. Luciano sentia saudades da sua maneira de ver e de sentir de outr'ora! Então as impressões ficavam-lhe sem que o espirito as analysasse, agora submettia tudo á critica e á comparação estupida e fatigante, sem conseguir fixar bem no espi-

rito o caracter especial do logar e do povo por que passava.

Tinham chegado ao largo da Lapa e encaminharam-se para o passeio. O Rosas retomou o fio da conversa; para elle era ponto de fé: a felicidade no lar era prejudicada pelo marido.

— Somos uns viciosos, accrescentava elle; pensamos em duas coisas — roleta e mulheres; ainda no Rio não é nada, mas nas provincias? Nós damos ás nossas esposas o luxo que podemos, mas não as associamos aos nossos emprehendimentos, não as fazemos entrar em nosso espirito. Comprehende você? São objectos de luxo e de commodidade... tambem percebendo isto mesmo, algumas d'ellas, desde que não nos faltem botões na roupa branca e o almoço á hora certa, não têem muito escrupulo em nos retribuirem as mentiras que lhes pregamos.

— Homem! você é um original! Se outro o dissesse...

— Isto não quer dizer que a maioria das familias aqui não sejam honestissimas!

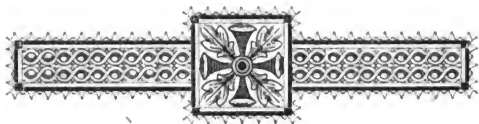
— Honestidade é palavra que se não usa em paizes civilisados ..

O Rosas não respondeu; seguiram pela alameda da esquerda até o terraço, fugindo ao povo que se approximava do *restaurant*, á espera da musica.

E foi então á luz das estrellas que tremulava lá em cima entre flocos de nuvens, e ao maru-

lhar das ondas cá em baixo, que um desfiar de anecdotas, de parte a parte, os obrigava muitas vezes a parar e a torcerem-se de riso.

Uma hora depois despediram-se. O Rosas ia para um voltarete com amigos e Luciano para o theatro.

IV

O caracter de Ernestina ia-se transformando rapidamente. Depois da visita de Luciano, ella passou uns dias muito sombria e rispida, indignada comsigo mesma contra as idéas que lhe iam nascendo como rebentões novos em tronco maduro, diversas em tudo das antigas, que se despegavam como folhas seccas... Enraivecia-a a lembrança da sua fraqueza e condescendencia, deixando Luciano recordar coisas perigosas... Ah! se podesse voltar atraz, recomeçar todo o tempo da visita, como se faria impassivel, serena e austera!

As coisas agora eram bem outras! Ainda ha pouco tempo ella não saía de casa e impunha á filha, rigorosamente, todos os preceitos e triste-

zas do luto. Eram então baldados os convites da Georgina Tavares, que morava ao lado e que não faltava com os paes a instancias e offerecimentos. Nada! Sara tinha muitas vezes desejo de ir a uma ou outra *soirée*, mas respondia gaguejando que não, á espera que a mãe consentisse.

Ernestina conservava-se muda e Georgina retirava-se desapontada e triste. No dia seguinte esta corria logo cedo a vasar nos ouvidos da amiga as suas impressões do baile ou do theatro, e era então um chilrear de risadinhas suffocadas e de exclamações por coisas apenas entrevistas por uma nas descripções muito falhadas e entrecortadas da outra.

Sara perguntava pelas *toilettes* mais lindas do baile e Georgina explicava-as com uma minucia surprehendente. Assim o enredo dos dramas. Que de lagrimas rebentavam dos olhos de ambas e que desfolhar de risos tinham os seus labios de meninas, quando Georgina trasladava para aquelle sereno canto do jardim os gritos de agonia ou as phrases jocosas que ouvira no palco!

E era só:

— Meu Deus! você não imagina! que coisa bonita!

— Conte o resto! supplicava Sara com olhar avido e ouvidos bem abertos.

E as scenas atropellavam-se.

Georgina ia e vinha muito ligeira, esquecia minucias que ligavam o entrecho, voltava atraz, parava de repente para um detalhe, descrevia os vestidos das actrizes e atrapalhava-se a miudo embrulhando scenas ou repetindo phrases.

Ás vezes, n'um ou n'outro ponto, confessava : aqui não entendi bem ! e, outras vezes então, a sua imaginação collaborava em grande escala com o auctor da peça, descripta e ampliada.

Sara impacientava-se, tirava por conclusões, farrapo a farrapo, o drama inteiro ! Como deveria ser lindo !

Na manhã seguinte a uma recita do Lyrico, Georgina ia mais cedo para a casa da amiga, havia mais que contar. Em primeiro logar, descarnava-se o libreto, depois o scenario. Georgina movia o seu corpo leve e delgado, explicando com muitos gestos :

— A scena representava o mar, ao fundo ; á esquerda uma egreja com torres, sino e tudo. Aqui, e apontava para um canteiro de jurujubas, havia uns degraus, alli (outro canteiro) uma casa grande com um portão em arco ; á direita as ruas. Quando a Theodorini entra, com um grande véo branco pelo rosto e o vestido de noiva a rastos, a gente sente um calafrio — que não pode explicar.

Podia ; Sara encolhia os hombros, imitando insensivelmente o movimento da outra.

— Que pena que você não ouça a Theodorini !

— E a musica ?

— Ah!... Georgina levantava embevecida os olhos ao céo.

Sara suspirava, lamentando não ter ouvido e visto tudo aquillo.

Passava depois á descripção dos espectadores.

— Estavam muitos conhecidos ?

— Alguns. O Breves foi fallar comnosco n'um intervallo; perguntou por você...

O Breves era sempre o primeiro mencionado, por fazer a côrte a Sara.

— Que me importa o Breves! e o Raul ?

O Raul fazia a côrte a Georgina.

— Estava tambem.

— Olhou muito p'ra você ?

— Olhou... Eu fingi que não o via... por causa da mamãe...

Seguia depois a relação dos camarotes. As Mendes; duas de azul, duas de côr de rosa; já um pouco amarrotadas pelos annos, mas, com o muito pó d'arroz e alguns brilhantes, ainda faziam vista...

O pae, em pé, atraz d'ellas, com as barbicas brancas espetadas e a sua eterna posição de braços cruzados, parecia um lacaio...

— A Helena Gomes estava ?

— Muito *chic!* toda de branco, com perolas no pescoço e violetas na cintura... O marido, que tolo! deixava de olhar para ella para se derreter para a prima, que é uma lesma!

— Que prima?

— Para a D. Catharina!

— Ah! aquella a quem você me apresentou no hotel da Boa Vista?!

— Essa mesma! Está secca e com umas olheiras que lhe comem a cara! Horrivel!

— A Helena vinga-se...

— Isso é verdade!... lá estava o Seixas no mesmo camarote...

— Assim mesmo têm sido fieis...

Riam-se. Commentavam tudo. O focinhosinho intelligente de Georgina farejava todo o theatro, descortinava sorrisos que partiam de uns para outros, leves e subtis como o voar de arminhos soltos. A ingenuidade dos quinze annos era uma historia n'essa creatura frequentadora da sociedade em que todos os vicios se expõem tanto á luz. Curiosidade e perspicacia, sim, tinha de sobra, e quando commentava erros alheios punia sempre os delinquentes, affirmando:

— Quando eu me casar não hei de incorrer na mais pequena falta!

Partiam quasi sempre d'essa phrase no batel de ouro do futuro, a fazer e desfazer sonhos, até que se separavam com dous beijos.

Antes d'isso, ainda n'um lamento por não ter visto o mesmo que Georgina, Sára suspirava:

— Se papae fosse vivo!

Era o ponto final.

Ernestina, que fôra sempre inflexivel ás soli-

citações da filha para saídas e divertimentos, mudára completamente de parecer depois da visita de Luciano.

Agora, ella não sabia mesmo por que, sentia necessidade de andar, divertir-se, n'um ambiente diverso do seu.

Pouco a pouco, com a tardança que Luciano punha em fazer-lhe a segunda visita, esse desejo augmentou, caracterisando-se pela vontade que tinha de o encontrar na rua, n'um jardim, n'uma sala, em qualquer parte, como obra do acaso.

Ernestina lembrou á filha *toilettes* novas, como pretexto para descer á cidade.

Era a sua primeira tentativa. Sára exultou. Estavam ao almoço; comeram com appetite, conversando n'uma camaradagemr isonha. Bonito sol... dia fresco. Bello passeio! Logo alli fizeram uma lista de coisas precisas.

Ernestina disse á filha que se não vestisse antes das duas horas, e dirigiu-se para o seu quarto. O diabinho da Simplicia é que sabia bem o logar de todas as coisas, e veiu pressurosa ajudar a ama, observando-a de esguelha, como se lhe estudasse os movimentos. Começou a dispor das roupas para a saída, com o maior esmero. Os crépes do lucto passavam do guarda-vestidos para cima da cama, onde Ernestina os examinava com cuidado.

A Simplicia ia e vinha, sumindo as mãos magras nas gavetas, retirando as roupas brancas e

os fichús, lenços e meias de seda. De vez em quando, n'um gyro rapido, occultava no seio, subtilmente, um rolo de fitas, sem que a viuva desse por tal, mas vinha logo extender na cama o leque, as luvas, o véu, a saia de seda, até o chapéo de sol, que ella escovava com minucia. Tudo prompto, Ernestina mandou-a sair; mas a rapariga achou geito de se chegar para o guarda-vestidos, ainda escancarado, e de exclamar com modo lisonjeiro:

— Yayá é a moça de mais gosto que ha em Santa Thereza!... E' *perciso* yayá se casá outra *veiz* para usá seus vestidos claros... Hi! yayá fica bonita com roupa clara!

Ernestina corou; e vendo os olhinhos da mulata fixos n'ella, disse com aspereza:

— Vai-te embora.

A Simplicia saiu e a moça fechou-se por dentro. Foi então para outro quarto contiguo, onde estava o toucador. Sentou-se em frente ao espelho e ensaiou penteados novos, pacientemente, a ver se algum lhe ficaria melhor que o habitual; venceu por fim o costumado; o cabello parecia ir tombando sósinho, nas ondulações naturaes. A viuva curvou-se, observou de perto os dentes, perfumou-se muito, sorrindo para o espelho, achando bonito o seu rosto oval, onde as pestanas faziam sombra.

Em frente d'ella, sobre o marmore, o perfumista *Guerlin* parecia ter despejado, profusa-

mente, os seus mais finos productos. Potes de porcelana, vasos de crystal. bocetas de *veloutine* exhalavam um aroma confuso, forte, entontecedor.

Sósinha n'aquelle quarto, em que a sua imagem se duplicava, Ernestina estudava os seus movimentos, procurando ao mesmo tempo adivinhar qual seria, entre tantos, o perfume preferido de Luciano.

O musgo?... Quem sabe? Talvez .. fazia lembrar o campo... agua limpa rolando em pedras claras, camponezas contentes, de carnes fortes...

O lirio? Quem sabe?... Talvez .. fazia sonhar em idylios brandos e amores virginaes. A flor de fructa? O jicky? O heliotropo? A violeta?... Quem podesse adivinhar! Ernestina abria os diversos frascos, consecutivamente, chegava-os bem perto, ás narinas palpitantes; mas no fundo det odos elles encontrava o mesmo mysterio, a mesma vertigem, a mesma duvida!

Isso exacerbava a voluptuosidade da moça, irritando-a ao mesmo tempo. Desmanchava com mãos nervosas, na agua simples, as nuvens opalinas das essencias e quedava-se depois observando os seus hombros delicados e nús, os seus formosos braços e a maciez do seu collo airoso.

Vestia-se devagar, demoradamente. A lã preta do lucto repugnou-lhe; aquelle trajo aspero e triste não era o que o seu corpo desejava. A

pelle bem tratada queria seda, um contacto macio que cahisse sobre ella como uma caricia...

Abriu a gaveta das joias, apalpou os anneis de brilhantes e de perolas, as pulseiras e o seu alfinete predilecto, um botão de rubim e brilhantes. Mas sobre a lã do vestido as joias iam mal, e o mundo impedia-lhe o prazer de as trazer com o lucto...

Toda de preto parecia mais magra e menos bonita. Exasperou-se. Achou o vestido medonho, o chapéo detestavel!

Durante mais de uma hora foi um incessante abrir e fechar de gavetas, até que a voz de Sara se fez ouvir através da porta.

— Mamãe? está prompta? São duas horas!...

— Já vou...

— Sim... eu estou prompta... A senhora quer *lunch?*

— Não!

— E' melhor irmos ao Paschoal, não é?

— E' sim, vae descendo... eu já vou.

Sara descia o jardim quando sentiu os passos apressados da mãe. Ernestina impacientava-se com a espera do bond para o elevador, e em baixo, com o outro que a levasse a S. Francisco. Fallava em comprar carro, mudar mesmo de bairro, ir para Larangeiras. Sara estranhava aquillo, fazendo objecções. Concordava com a acquisição do carro, mas oppunha-se á troca de casa; aquella em que viviam estava cheia de

recordações do pae: o escriptorio, sua varanda predilecta... os cantos preferidos no terraço, na sala de jantar... até as plantas fóra, arvores e roseiras cultivadas por elle! Supplicava que não fallasse n'isso!

Chegadas á cidade, Ernestina procurava em vão esconder o seu alvorôço. Sara fêl a entrar na *Notre Dame*, encantada pela exposição das *vitrines*. A mãe deixava-a perto do balcão, sósinha e dirigia-se amiudadamente á porta, n'uma anciedade febril.

A moça reclamava:

—Mamãe! escolha; qual é mais bonito, este corte cinzento ou aquelle branco e preto?...

— O azul.

— O azul!

—Sim, o azul é o mais bonito, respondeu a mãe apressada, quasi sem olhar.

— E o luto?

Ernestina atrapalhou-se, já nem lhe occorria o luto. E n'um disfarce:

—Quero dizer—podes tambem comprar o azul, para fazer depois.

—Não passará da moda?!

—Eu sei lá!...

— Mamãe, acha que o azul me vae bem?

—Muito bem.

Cançada de pedir conselhos á mãe, Sara passava sósinha do *rayon* das lãs para os das sedas, das capas, dos chapéos, das rendas, de tudo!

Comprava aqui, alli, acolá, meio tonta, magnetisada por tantas coisas brilhantes e bem dispostas.

A travessia d'aquella casa ia-lhe povoando a imaginação de sonhos.

As escomilhas, as gazes, as tules transparentes, as sedas muito claras, de tecidos mimosos lembravam-lhe bailes, accendiam-lhe desejos de valsas, cortadas por phrases curtas ao som rythmado da musica. As sedas pretas, os livros de missa, as grandes franjas de vidrilho, chamavam-a de repente a festas de egreja, muito solemnes, onde o bispo abençoasse o povo... D'alli saltava para o *ménage;* as toalhas de linho adamascadas com barras vermelhas, ouro velho e azul persa, sorriam-lhe, chamando-a para a sua alegre sala de jantar, cheirando ás bellas rosas — *marechal Niel*, que se enroscavam ás janellas. E ella apalpava pellucias côr de fogo e rendas côr de opala, pensava em *toilettes* de theatro, de baile, de recepção, de passeio, vendo as fitas desenroscarem-se d'entre as mãos de um caixeiro, como serpentes multicores e tentadoras, e contemplando os grandes leques de plumas, que uma moça escolhia perto do balcão.

Queria comprar tudo; encontrava uma applicação immediata para cada objecto. A moda sorria-lhe, chamava-a para fóra d'aquelle luto, d'aquella vida austera, concentrada e simples do seu *chalet*. Invejava as mulheres que frequentam

a sociedade, arrastando capas de arminhos em corredores de theatros e caudas de velludo nos salões de baile.

Na occasião do pagamento, Sara correu á mãe, que não saira da porta. Ernestina entregou-lhe a carteira, que fosse sósinha á caixa, ella esperaria alli.

Um instante depois desciam a par a rua do Ouvidor.

Havia muita gente nas calçadas, um rumor surdo de passos e de vozes que as atordoava; tinham-se affeito ao silencio da sua chacara. Sara entrou n'um armarinho, Ernestina acompanhou-a até o interior da casa, mas voltou depressa para fóra com um sobresalto. Parecia-lhe ouvir a voz de Luciano. Fôra erro: era um sujeito que discutia com um velhote surdo, gesticulando muito.

De pé, na soleira da porta, a viuva olhava para a multidão que passava, esperando, a todos os minutos, o Luciano... Pela lã mole do seu vestido preto roçavam as saias de seda e as saias de chita das outras mulheres que passeavam devagar, ou que passavam apenas, na pressa dos que trabalham.

Na esquina, perto, estacionavam os vendedores de flores; os seus ramos de cravos e violetas embalsamavam o ar; e era um encanto ver a variedade de rosas finas, brancas, amarellas, escarlates, cor de rosa, e os raminhos de myo-

sotis, de um azul delicado, dormindo na concha verde e macia de uma folha de malva, mais as formosas camelias de Petropolis de uma alvura purissima...

No meio da rua, um homemsinho cor de folha secca attraia a creançada segurando pelos fios os alegres balões de gaz, vermelhos e azues, muito leves, que bailavam sobre a onda movediça dos chapéos escuros.

Mas que importava á viuva Simões aquella variedade de matizes, aquella doçura de sons, aquella onda de perfumes, de *toilettes*, e de mulheres bonitas que se alastrava por alli? Tinha só um objectivo: vel-o.

Uma cigana immunda, com o filho ao collo e o chale em farrapos, esteve longo tempo parada deante d'ella, com a mão estendida, murmurando queixumes. Ernestina, com a cabeça erguida e o olhar em busca de Luciano entre grupos e grupos de homens que se succediam, nem a viu nem ouviu, e a mendiga, desanimada, passou adeante.

Uma pancada de leque n'um hombro chamou-a á realidade. Era D. Candinha, a mulher do Nunes.

— Que milagre é esse?! Você na cidade!

— Ah! é verdade...

— Onde está Sara? Bem se vê que você não vem á rua do Ouvidor ha muito tempo!

— Porque?!

— Está com ar exquisito... tem alguma coisa ?

— Não... Sara !...

— Estou aqui, mamãe.

Foi um allivio para a viuva. Sara desatou a conversar com D. Candinha e Ernestina deixou-se silenciosa, á vontade.

D. Candinha era uma boa companheira de passeio, desembaraçada, risonha e conhecendo meio mundo, o que encantava Sara, ávida por divertimentos e sociabilidade. A mulher do Nunes era alta, gorda, morena, beiço ensombrado por um buço, ameaçador de se tornar em bigode lá para a velhice, bonita de feições, com dentes magnificos e olhos rasgados, humidos e expertos. Gostava muito de reunir em casa os amigos em *soirées* que se prolongavam até ás primeiras horas do dia. Vestia com luxo, embora sem gosto, sedas com ramos, tecidos vistosos que lhe iam mal. Usava muitas joias e fallava alto, abrindo os braços para cada amiga, e a bolsa para cada pobre.

— Viram passar por aqui o meu velho ? perguntou ás Simões.

— Não...

D. Candinha adorava o marido, negociante portuguez, homem generoso, que lhe fazia todas as vontades e ainda pagava collegio de luxo ás cunhadas e casa a duas tias velhas, irmãs do sogro.

Estiveram conversando algum tempo, até que

Ernestina, muito impaciente, arrastou a filha comsigo.

De longe em longe alguns conhecidos faziam-nas parar, manifestando espanto por encontral-as na cidade, tão raro isso era. Sara ria-se, Ernestina respondia, seguindo com o olhar a turba que passava. Em uma d'essas occasiões conversavam com um velho, amigo do finado Simões, quando Ernestina julgou ver Luciano ao longe.

Foi uma lastima! o velho fallava-lhe sem que ella percebesse nada e apressou-se em despedir-se, cortando uma phrase que o pobre homem começava a dizer. Estranhando os movimentos da moça, elle não se pôde cohibir e perguntou:

— Procura alguem?

— Não!... respondeu Ernestina embaraçada; ha muito tempo que não saio e esta bulha incommoda-me. Vou para casa.

Entretanto, seguiu caminho opposto e até ás 6 horas subiu e desceu a rua do Ouvidor, deixando Sara comprar o que lhe aprouvesse, sem a minima intervenção, n'um verdadeiro supplicio.

V

— *Çá va bien monsiu Auguste?* perguntava a Simplicia ao copeiro, na cosinha, esganiçando-se e rindo para elle, que mal lhe respondia, com um sorriso desdenhoso.

— Diabo de negrinha assanhada! murmurava Benedicta, remexendo as panellas.

— Ora veja só! aquella treze de maio!... Eu não sou negrinha, sou moça morena, ouviu?

— Quem lhe ensinou francez?! perguntou o jardineiro á mulata, interrompendo o café que bebia pelo pires.

— Mamãe.

A Benedicta riu-se alegremente, fartamente. Simplicia na ausencia de Ernestina chamava-a mamãe.

— Ora veja se *nhanhã* ia-se cançá de ensiná franceis á negrinha! Seu João! Ella só sabe dizê aquillo!...

— Sei mais coisas!...

— Então converse com *seu* Augusto, prá gente vê...

O copeiro levou os talheres para a sala de jantar, sem querer dar confiança á pequena.

— Toma! gritou-lhe a Benedicta; e estalou a lingua depois de ter provado o feijão.

Simplicia accrescentou, espalmando no ar a mão curta e magra: — Deixe está, que elle me paga; inda ha de gostá mais di mim do que eu gosto d'elle. Depois tirou do peito um lencinho da ama, muito perfumado, e começou a dançar, cantando alto: *xó-xó-xó-araúna,* para que o copeiro a ouvisse, sacudindo o lenço sobre a cabeça, hirsuta e cheia de terra, do hortelão.

— Sapêca! murmurou a Benedicta com desprezo.

A dança continuou requebrada e lenta, até que ouviram a voz de Ernestina zangada por não encontrar ainda a meza posta.

Calaram-se todos; caiu a casa no costumado e respeitoso silencio.

A viuva voltara enfadada e nervosa; saira á procura de Luciano e não o tinha encontrado. Onde estaria? Por que o amava assim?! Como podia um amor ha tanto tempo extincto renascer com tamanha vehemencia? Arrependia-se

de ter saido ; não queria pensar n'elle, nem amar ninguem. Aquillo era uma loucura que havia de passar... Desejava sómente vel-o mais uma vez, só uma vez... depois afastal-o-ia da idéa. Ella não se pertencia, era da filha; tudo que havia alli devia ser da filha... tinha sido ganho pelo pae, com esforço, por amor d'ella...

Logo depois do jantar, Ernestina recolheu-se ao quarto, muito fatigada e nervosa. Parecia-lhe um sonho tudo aquillo! Principiava a considerar ignominioso todo o tempo que vivera ao lado do marido, na pacatez burgueza e honesta do seu lar. Lembrando-se dos beijos que o esposo lhe dera, esfregava com força os labios e as faces, como se os sentisse ainda e os quizesse arrancar da pelle. Chegou a lamentar o nascimento da filha, mas d'esse sentimento arrependeu-se depressa; adorava Sara, e queria-a sempre bem pertinho de si, comquanto désse rasão a Luciano; afinal, o ciume d'elle lisonjeava-a... Se Luciano aborrecia Sara era porque a amava, a ella, e a pequena era a recordação viva e inextinguivel do pae...

Andou pelo quarto, febrilmente, até o anoitecer.

Volta e meia esbarrava com algum objecto que pertencera ao marido e desviava o olhar, indignada de o ver ainda alli, na intimidade do seu quarto. Ernestina encostou-se por fim á janella: a tarde morria rapidamente; toda a terra

lhe parecia escura, de uma tristeza singular; o mar, ao longe, como que um deserto de cinza; as casas, tumulos dispersos; as arvores, sombras negras e mudas!

Ernestina sentia as lagrimas queimarem-lhe as palpebras, o coração grosso pesando-lhe no peito, e uma raiva crescente de tudo, de todos! Ficou por muito tempo olhando, até que as luzes de gaz bordaram toda a cidade de pontos luminosos. N'um canto, um fóco de luz clara enluarava um grande circulo em um nimbo indistincto, e a viuva, aconchegando os braços ao corpo friorento, olhava para a luz, fixa, abstractamente.

Eram sete horas quando desceu ao jardim á procura da filha. Encontrou-a trepada n'uma escada de mão, debruçada no muro, conversando para o quintal visinho, com a sua amiga Georgina.

D'esta vez era Sara quem descrevia as suas impressões, narrando episodios vulgares do passeio e relatando o numero de pessoas conhecidas, com que se tinha encontrado.

Ernestina zangou-se, desabafando contra a filha toda a sua colera.

— Que é isso!? Estás aqui com este frio?! Eu depois que te ature, se ficares doente! Vamos; para dentro, anda!

— Já vou, mamãe... adeus Gina!

— Então! que modos são esses?

— Já estou descendo, mamãe!

— Vamos, vamos!

— Eu ainda hoje não tinha visto Gina...

— Nem ha necessidade de se verem todos os dias! Estou farta de tolices!

A voz de Ernestina tornara-se brusca, imperativa.

Entraram ambas.

— Mamãezinha está zangada? perguntou Sara com doçura, abraçando a mãe.

Ernestina arrependeu-se e, envergonhada da sua asperesa, beijou a filha, dizendo-lhe com brandura:

— Vae tocar.

— Tocar?! e o lucto?

O lucto! o eterno lucto! era sempre a resposta! Passaram um serão melancholico. Ás 10 horas recolheram-se aos quartos.

Ernestina não pôde dormir; a cama fazia-lhe mal; atormentava-a a idéa das noites que dormira alli, com o Simões.

Quinze dias depois Luciano fez-lhe a segunda visita. A viuva lamentou-se da sua ausencia e indagou dos logares que elle mais frequentava.

Elle, muito calculadamente, mostrava-se frio, disse ter estado fóra, na fazenda de um amigo, e a visita correu ás vezes silenciosa e sempre constrangida.

Quando Luciano saiu, Ernestina fechou-se no quarto, a chorar.

No dia seguinte, Sara, ao almoço, notou a falta da alliança no dedo da mãe.

— Ha já muitos dias que ando sem ella, objectou Ernestina, perdi-a.

Sara mandou immediatamente a Simplicia procurar o annel. A mulata encontrava tudo, parecia ter o dom especial de adivinhar as coisas, o que fazia dizer á Benedicta:

— Simplicia acha tudo que se some, porque é ella mesma que esconde tudo que se póde sumir!

O annel não fôra escondido por ella, entretanto achara-o rapidamente, embaixo de um dunkerque da sala. Aquillo acabou de contrariar Ernestina. Allegou que a alliança estava muito larga; o frio contrahira-lhe a carne...

Ella já não procurava luctar contra o seu amor; a resistencia tinha-a martyrisado inutilmente.

Passava os dias a pensar n'elle, n'uns idyllios de menina de quinze annos. Os criados já não soffriam a mesma fiscalisação severa. Os armarios ficavam abertos, a chave da dispensa nas mãos da Benedicta, para regalo da Simplicia, que apreciava os seus copinhos de licor de cacáo...

Uma noite em que a saudade e o desejo de ver Luciano apertaram, foram ao theatro.

Sara estava contentissima, mas a mãe arrependeu-se depressa. Levavam uma peça grosseira, que a platéa applaudia muito. Luciano não appa-

recia. A Simões não tirava os olhos das portas da entrada, esperando sempre que elle viesse, attrahido pelo seu amor. Sentia febre e não prestava attenção ao que se passava em scena. As gargalhadas e os applausos atormentavam-n'a. Á saída, quando já nada esperava, teve uma surpreza: Luciano conversava n'um grupo de rapazes, perto do theatro. Elle, destacando-se da roda, foi cumprimental-a.

— Vieram de carro, não? perguntou, procurando em redor com a vista.

— Não... viemos de bond...

— Sózinhas?! e mostrou espanto.

Ernestina ficou embaraçada.

— Que tem isso? objectou Sara, o luar está tão lindo que até convida a irmos a pé até o ascensor!

— Sim... mas não é prudente arriscarem-se duas senhoras moças a andar por estas horas na rua, sem um cavalheiro.

Luciano acompanhou-as; ia ao lado da viuva censurando-a pela má escolha do theatro e por virem ambas tão sós. Achou a linda n'essa noite.

Ella calava-se, sem confessar que todas aquellas loucuras as fazia por elle, mesmo com prejuizo da filha! Passadas as ruas de maior movimento, elle deu-lhe o braço e curvou-se meigo para ella.

— Lembra-se de uma noite de luar como es-

ta, em que andamos de braço pela chacara do tio Gustavo?

— Se me lembro!... Dias depois foi o senhor para a Europa...

— E um anno depois recebi a noticia do seu casamento...

A evocação do tempo passado tornou a envolvel-os na mesma familiaridade da primeira visita. Sara andava na frente, cantarolando baixo os *couplets* que ouvira; elles iam muito juntos, apertando-se as mãos e falando de amor.

VI

No dia seguinte Luciano foi jantar a Santa Thereza; encontrou as duas senhoras na saleta do piano; a viuva fazia um bordado de tapeçaria, a filha renovava as flores de um jarrão.

Elle sentou-se entre ambas, voltando toda a sua attenção para a dona da casa, a quem offereceu um pacote de *marrons-glacés*, enfeitado de fitinhas azues. A viuva desamarrou o embrulho com toda a delicadeza, mostrando as unhas, que brilhavam como coral polido. Entretanto, Sara, com o pescoço esticado, ia dizendo:

— Eu gosto muito de doces... sahi a papae! Como elle apreciava *marrons-glacés!* lembra-se,

mamãe, d'aquella vez que fomos todos ao Jardim Botanico? só nós dois acabamos com um pacote de *marrons* do tamanho d'esse? Mamãe só dizia: «Sara! que é isso?! basta!» e papae então, santo que elle era! respondia-lhe: «Ora, meu amor! deixa a pequena! se ella come, é porque tem vontade!»

Papae muitas vezes chamava mamãe assim: Meu amor!

Luciano mordeu o bigode, emquanto a viuva, muito corada, disfarçava, perguntando-lhe se não achava de bom gosto o seu bordado.

E erguia a talagarça, já meio encoberta pelas sedas e as lãs.

Querendo desviar da memoria da filha a lembrança do pae, ella começou a falar com volubilidade em coisas differentes, saltando de assumpto, como a escolher terreno.

Como por fim a conversa recahisse sobre coisas de arte, Luciano pediu-lhes que marcassem um dia para irem ver o seu pequeno museu.

Elle trouxera da Europa algumas coisas valiosas, e citava entre ellas um busto de garoto que figurara no *Salon*.

— Está dicto! exclamou Sara alegremente, iremos amanhã!

— Amanhã, não... objectou Luciano quasi sem olhar para a moça. Tenho ainda alguns preparativos a fazer. Ainda não achei um tapete a meu gosto para a bibliotheca.

— Ah! o senhor tem uma bibliotheca? tornou Sara.

E depois de uma pequena pausa:

Ahi está uma coisa que eu ainda não vi em casas particulares... Se papae fosse vivo eu tambem teria uma bibliotheca! Elle dizia sempre que havia de me dar uma bonita educação. Não é verdade, mamãe?

— É sim... é...

Luciano rufava com os dedos na mesa, sem occultar o seu enfado.

— Ah! se o senhor conhecesse papae, havia de gostar muito d'elle!

Luciano sorriu; Sara continuou:

— Todos o estimavam! Só uma pessoa lhe tinha raiva... Inveja! Tambem eu odeio-a!

Sem pronunciar o nome, comprehenderam todos que alludia ao Rosas.

— Papae era tão meigo! tão condescendente! Dava-me sempre um beijo em cada face e outro na bocca. E á mamãe tambem.

Luciano levantou-se, e Ernestina, muito corada, disse, precipitando as palavras:

— Então, Sara! que termos são esses? Vae espairecer as saudades de teu pae lá com a Gina, anda! É melhor isso do que estar constantemente a relembrar coisas passadas!

Os olhos de Sara encheram-se de lagrimas; mas para que Luciano não a visse chorar, saiu precipitadamente da sala.

Ernestina ficou silenciosa, com as mãos tremulas, a vista pasmada nas cores vistosas do bordado.

— Decididamente, eu não posso tolerar a presença d'esta menina! exclamou Luciano n'um desabafo.

— Oh!...

— Sou brutal? desculpe, mas sou sincero.

— Ella é uma creança... ignora que...

— Uma creança!

— Então?

— Mas diga-me: que significação tem aquillo de estar sempre, mas sempre, referindo-se ao pae?!

— Amava-o muito.

— Embora, mas isso parece ou não parece proposital?!

— Não!...

— Não?! As mães são cegas!

— Coitadinha, é tão innocente, a minha Sara...

— Não sei; mas confesso-lhe que só a sua vista me mortifica!

Ernestina levantou-se pallida e tremula de indignação.

— Não lhe posso impor sympathia por minha filha, mas julgo estar no direito de ordenar que a respeite... ou...

— Ou que me retire?...

Ernestina calou-se, suffocando na garganta os soluços.

— Pois não vê, Ernestina, que se eu odeio a filha, é porque adoro a mãe?! Perdôe as minhas palavras, são filhas do ciume violento, tenaz, que se apoderou de mim desde que vi Sara! Ella é a continuação do pae, o beijo vivo, ardente, trocado pelas vossas boccas! é essa idéa que me martyrisa e que me perde!

— E' uma... insensatez...

— Chame como quizer.

N'essa tarde Ernestina lembrou á filha que fosse passar parte da noite em casa da Gina.

— Mamãe vae?

— Eu não.

A filha admirou-se; até então a mãe não a deixara nunca sair só!

O luar inundava a terra com a sua luz velludosa. Pelas portas de vidro, fechadas ao frio, via-se lá em baixo a cidade, com umas luzes frouxas.

Sara tinha saído; Ernestina e Luciano, sentados junto a uma janella da sala, conservaram-se por instantes silenciosos, pensando talvez nos primeiros dias do seu amor, desabotoado e esquecido em plena mocidade.

— Dizem os psychologos que duas creaturas que se amaram e que se esqueceram mutuamente, não se tornam a amar nunca mais!

— Bravo! não a imaginava tão lettrada!... mas fique certa de que a psychologia é uma palavra tão enganadora como outra qualquer...

E depois, nós nunca nos esquecemos, não é assim?

— Eu por mim... Ernestina não teve coragem de concluir. A mentira não lhe saiu da garganta. Luciano approximou para bem perto da d'ella a sua cadeira, tomou a mão da viuva e beijou-a demoradamente na palma, nos dedos, nas unhas.

— Que mãos bonitas!... Como eu adoro estas mãosinhas!... Ernestina sorriu; elle continuou a fallar amorosamente, e pediu-lhe que tirasse o lucto. Queria vel-a de branco, como uma noiva, e de côres claras e cantantes.

— E' preciso esperar...

— Dê-me esta prova de amor, tire o lucto!...

— E' cedo... tenho medo...

— Medo de quê? de que os outros reparem?!

— Medo de...

— De quem?!

— De minha filha...

— Oh!

Ernestina corou, arrependida de ter dicto aquillo. Ficaram alguns segundos calados e immoveis; de repente a moça, resvalando o olhar pelas paredes, pareceu-lhe distinguir o corpo da Simplicia, mal occulto por um reposteiro; levantou-se de chofre e atravessou a sala. Luciano seguia-lhe os movimentos com estranheza.

— Que tem? que é isso?!

Mas a viuva chamava para dentro, afastando rapidamente o reposteiro; já não havia nem a

sombra da mulata. O Augusto appareceu e ella mandou illuminar a sala.

— Para quê? indagou Luciano, o luar está tão bonito...

Entretanto, Ernestina não cedeu e exigiu de Augusto que accendesse todos os bicos do lustre e das arandelas...

Quando voltou para o lado de Luciano, encontrou-o com a physionomia aspera e pensativa. Ella fallou lhe em casamento. Não queria prolongar aquella situação. Logo que expirasse o prazo do lucto, poderiam unir-se para sempre.

Elle ouvia-a calado; depois de um curto espaço de silencio, perguntou se não haveria algum pretendente á mão de Sára...

— Não... por quê?!

— Seria melhor que ella casasse primeiro... viveriamos sós, sem ouvir referencias *a outro* que me viessem estragar a felicidade!...

— Separar-me de minha filha?!

— Não será a primeira mãe a quem isso aconteça!

— Nunca!

— Não falemos mais nisso, replicou Luciano com tristeza.

Conservaram-se por algum tempo afastados, mas as mãos uniram-se outra vez, os olhos procuraram-se e elle beijou-a na fronte, na face, na bocca.

Ernestina, meio occulta pela cortina de renda preta, deixava-se abraçar, amollecida, tonta, sem forças para resistir; o busto vergado para Luciano, os braços pendentes, o corpo tremulo.

Nas paredes cinzentas da sala, os arabescos de ouro scintillavam, como se os milhares de gafanhotos que estampavam no papel as suas azas agudas e as suas pernas finissimas, se embaralhassem n'uma dansa endiabrada!

O gaz a toda força chammejava no crystal do espelho, amornando a atmosphera e fazendo uma bulha de sopro surdo, como riso abafado!

Toda a energia da viuva tinha fugido. A luz? que lhe importava a luz?! Ella não via, não pensava, resvalava sem pena nem cuidado, sentindo-se feliz, mais nada!

Subitamente ouviram a voz de Sara, que se approximava de casa, cantando alto.

— Vá-se embora, Luciano!

— Mais um momento...

— Minha filha ahi vem!...

— Está ainda em casa da Gina... a voz vem de lá...

— Não, vem do jardim...

— Mais um beijo... Affirmo-lhe que ella está em casa da Gina!

— E que esteja... é tarde.

— É cedo...

Elle quiz abraçal-a; ella resistiu: reassumira toda a sua energia.

Luciano saiu, cruzando-se com Sara já perto do terraço. A moça sorriu-se e, interrompendo o canto, deu-lhe as boas-noites; elle resmungou umas palavras incomprehensiveis e mal tocou o chapéo.

— Então não me diz adeus?! perguntou Sara attonita, voltando-se para traz, para o vulto de Luciano, que fugia na sombra.

Elle não respondeu.

— Bruto! murmurou a moça offendida. Por que não fallaria commigo?! Ora! por qualquer coisa! que me importa!

Ernestina tinha ficado só. A filha calára-se; a casa parecia adormecida. Batia-lhe o coração e o sangue abrasava-lhe as faces. Precisava de ar; abriu a janella e encostou-se; respirou com força, sentindo-se feliz por ter vencido. Ser amante de Luciano? nunca. Esposa, sim. A' proporção que os seus sentidos se acalmavam, ella pensava na implacavel exigencia de Luciano, de a separar da filha...

Encostada ao humbral, deixou que a sua alma fraca de mulher interrogasse as coisas mudas! Que lhe destinaria o futuro? Nada lhe respondia. Foi em vão que meditou, cravando o olhar interrogativo na grande sphinge que desenhava além, na noite enluarada, o seu enorme corpo vigilante e altivo!

Voltou para dentro muito nervosa e agitada. Ao atravessar a sala, teve medo.

Da sua grande tela sombria, o marido parecia acompanhal-a com a vista.

Ernestina sentiu vergarem-se-lhe os joelhos e tacteou com mão tremula o fecho da porta por onde saiu.

N'essa noite não pôde conciliar o somno. No quarto tudo lhe falava do marido.

A cama parecia-lhe guardar o calor do seu corpo; os lençoes e as fronhas eram marcados com o seu nome, e o cabide em que elle costumava pendurar a roupa extendia para ella os braços nús...

Ernestina revolvia-se no leito, sem descanso. Sem perceber como, com a convivencia adquirira certos habitos do esposo; procurava agora um meio de os corrigir. Só agora notava que era como o d'elle o geito por que cerrava o cortinado, sempre de um lado só; que fôra com elle que se viciára em não adormecer sem tomar uns golles de agua assucarada, e que até os seus gestos, as suas palavras e o seu modo de pensar reflectiam particularidades d'elle.

Sem poder dormir e muito impressionada, passou ao quarto da filha. Sara dormia profundamente, respirando alto, com os braços sumidos embaixo da roupa e a sua cabeça redonda e grande enterrada no travesseiro.

Ernestina, a tremer de frio, deitou-se aos pés da cama, muito devagarinho, encolhendo-se para diminuir de volume.

Adormeceu e acordou varias vezes, mas o seu somno era leve, como que assustado.

Ao amanhecer, levantou-se antes que Sára a surprehendesse e saiu. Tornou para o seu quarto, extendeu-se n'um divan, muito cançada, com o corpo cheio de dores, a cabeça fraca, e poz-se a scismar em futilidades: concertos de joias, vestidos a fazer, e visitas...

N'esse dia alliviou o lucto.

Sara mostrou-se admirada e offendida.

— Ainda não ha um anno e mamã já usa branco ?!

— O lucto é uma tolice... creio que já dei uma satisfação á sociedade...

— De rigor é um anno.

— Não é na roupa que está o sentimento, é no coração.

— Eu sei... mas... gostava que mamã fizesse como as outras...

— As outras! Quem te ouvir falar assim ha de pensar que não lamentei a morte de teu pae?

— Não, minha mamãsinha. Deus me livre! Eu bem sei que mamã tem muitas saudades... pudera! se não fosse assim, a senhora seria ingrata!

Ernestina córou, mas Sara, muito ingenua, não deu por tal.

Principiou então uma vida toda differente.

Era a lufa-lufa dos vestidos novos, sedas caras, luxo sem methodo. Assignatura no Lirico,

concertos, dias inteiros fóra de casa, em passeios onde se encontrasse Luciano. Elle vinha sempre muito attencioso, n'uma amabilidade discreta e delicada, conversar com Ernestina, que tinha assim a sua recompensa. Sara recebia com prazer e sem observação essas coisas, que a mãe explicava assim aos amigos:

— Sara tem dezoito annos... está no tempo de gosar, não lhe faltarão desgostos no futuro!

O seu amor por Luciano crescia como uma febre. Não pensava, não via outra coisa. Era sempre elle a povoar-lhe o espirito de sonhos! Nos bailes, como não dançava ainda, incitava-o a dançar com a filha, e no outro dia, indagava d'ella o que lhe tinham dito os pares, fazendo-a repetir as palavras de Luciano.

Sara ia contando, sem reparo, e confessava que fôra elle o mais espirituoso entre todos os pares com quem tinha conversado.

Ernestina, lisonjeada, beijava a filha, muito alegre.

Todas as pessoas que elogiassem Luciano tornavam-se logo para ella muito sympathicas. Sabendo que o Rosas, velho e encarniçado inimigo do seu defunto marido, era o melhór e mais intimo amigo de Luciano Dias, entrou a consagrar-lhe tal amisade que o convidou repetidas vezes, com insistencia, para ir a sua casa. E isso aconteceu.

O Rosas cedeu á vontade da viuva e do ami-

go, procurando mesmo intervir para que se realizasse o casamento. Um dia Ernestina conversava com elle muito satisfeita na sua sala, esperando ouvil-o falar de Luciano, quando Sara, ainda desprevenida, abriu a porta e entrou.

A moça estacou no humbral, fixando attenta e admirada os olhos na visita. O seu rosto, habitualmente rosado, tornou-se livido, os labios tremeram-lhe, não encontrando palavras para a indignação que lhe fervia no peito.

A mãe, embaraçadissima, ergueu-se e foi ter com ella, automaticamente, sem atinar com o que dissesse; mas Sara repeliu-a com um gesto.

Ernestina comprehendeu então, n'um relance, a sua imprudencia e empurrando a filha para fóra, fechou com raiva o reposteiro.

Sara saiu para o jardim, tonta e tremula. Não via nada; andava de um lado para outro como um passaro ferido a luctar com a morte. A pouco e pouco a dôr ia-se abrindo, mostrando-se toda, como uma flor ao sol. A moça esmagava com os pés, maldosamente, os myosotis rasteiros de florinhas azues como olhos de anjos e as folhas tenras da malva-maçã cheirosa. Rangiam sob as suas botinas a gramma fresca, as hastes dos junquilhos, os amores-perfeitos de cores velludosas, os botões de ouro, as violetas, os cravos, as anémonas e as flores lacteas do nardo.

Destruir, arrazar tudo, era a sua vontade.

O Rosas, o grande inimigo de seu pae, ali,

dentro d'aquella casa, em doce *tête-a-tête* com sua mãe! O commendador Simões não o podera ver nunca sem desgosto e sem raiva, e o vil aproveitava-se agora que elle já não vivia, para ir recostar-se nos seus estofos e pisar as suas alcatifas!

Sara sentia-se forte; tinha impetos de esperar ali o Rosas e de lhe bater na cara com as suas mãos nervosas. Desesperada, fustigava as plantas, em movimentos furiosos. Voavam dispersas as flores aromaticas do bello manacá, e o heliotropo languido pendia para o chão. Um diluvio de flores inundava os gramados. Choviam petalas de rosas e de ibiscos, de dhalias, lirios, margaritas, jasmins, cidrilha, jurujubas, murta, petunias, fuchsias, resedá, esponjas, ixora e açucenas. Flores de arbustos, flores de trepadeiras, flores tuberosas ou flores de orchideas, obedeciam todas á vontade de Sara, que as derrubava, subindo e descendo as ruas do jardim e do pomar, repetindo baixinho: Papae... papae!... como a pedir-lhe soccorro, por sentir imminente um perigo.

O dia estava formoso, de um azul-violeta muito intenso, onde a luz dourada do sol rolava em ondas largas. As romanzeiras enfeitavam-se com as suas flores de um escarlate régio; pendiam das jaqueiras, como uberes enormes, grandes jacas maduras; e a parreira abria n'uma cruz, côr da esperança, os seus braços cobertos de fo-

lhas largas e macias. Sara corria no meio de tudo aquillo, nervosa, resfolegante como um animal de raça, mostrando as pernas finas, galgando os degraos dos socalcos, esmagando com as solas as flores claras dos morangueiros, abrindo para todas as coisas os seus olhos muito brilhantes e movendo os labios seccos na repetida supplica da sua alma: «Papae... papae!...» Mas o pae não lhe respondia e ella, de vez em quando, desesperada, arrancava com repellões as fructas que a mão alcançava e atirava-as ao chão, brutal, violentamente, só pelo delirio de estragar.

As laranjas, de um verde que a maturação começava a tingir, rolavam de socalco em socalco. Grupos de jambos brancos, caíam, separando as suas campanulas de crystal rosado de mistura com araçás ainda verdes e pitangas côr de rubi. Um tapete de fructas ia-se alastrando pelo pomar, e Sara pisava, esmigalhava, mordia, rangendo os dentes nas fructas acres, ainda verdes, ou sacudia as arvores, abraçando-se aos troncos setinosos dos pés de cambucá, ou aos galhos asperos das goiabeiras.

Tudo a mortificava, a exacerbava. Revivia a lembrança do pae, o odio antigo, entranhado, feroz, por elle consagrado ao Rosas, a surpreza de o ver sentado perto da mãe e ao mesmo tempo a vergonha, a dôr de ter sido repellida!

O sol parecia queimal-a, abrasando-lhe a cabeça nua, refulgindo no seu formoso cabello côr

de ouro, solto pelas costas, n'uma trança lassa. Ella ia, ora batida de sombra, ora toda vestida de sol, sem saber para onde, parando aqui, alli, voltando para traz, desfolhando sem piedade as grandes flores roxas do maracujá ou as flores perfumosas dos limoeiros, batendo com os pés nos cajás soltos, nas carambolas e nas ameixas de Madagascar, espalhadas no chão. O seu desejo era que aquelle bom sol, enorme e fecundante, incendiasse n'um momento todas aquellas limeiras e cidreiras, os pés de sapoti, de pinhas, de genipapo e dos abíos, as figueiras, as ameixeiras, o laranjal, os bambús, as jaboticabeiras, os pés da grumixama e de abricó, todas as velhas arvores amadas e o roseiral, e a casa, e ella, e tudo!

De repente estacou; os joelhos vergaram-se-lhe—e rebentou em soluços. Em frente d'ella erguia-se o vulto enorme e sombrio de uma mangueira, que tinha sido sempre alli a arvore predilecta do pae.

Sara deixou cair na terra dura o seu corpo branco e cançado. A mangueira era no alto, no extremo da chacara; extendia para todos os lados os seus poderosos braços tranquillos, de onde pendia a herva—*barba de velho*, caindo em fios longos, que lhe davam um aspecto de vetusta e doce austeridade.

Sara quedou-se immovel, sobre as raizes da mangueira, que se salientavam na terra escura,

como uma vigorosa ramificação de nervos. Lá em baixo, ao longe, a cidade atirava ao ar rolos de fumaça, e como que a evaporação do suor do trabalho, que parecia subir em camadas continuas, densas, distinctas na atmosphera. No mar, que a muita luz empallidecia, distinguiam-se os cascos negros dos navios mercantes e as chaminés bojudas dos paquetes. A febre dos dias de semana rumorejava n'um delirio rouco, cortado de vez em quando por um ou outro silvo agudissimo, das machinas de alguma fabrica...

O Rio de Janeiro arfava. De todos os telhados parecia elevar-se, ignota e grande, a dôr da lucta pela vida.

A felicidade, o luxo, a miseria, o dinheiro, o goso, a raiva, o esplendor, a fé, a mentira, a paz e a desordem, tudo ella via d'alli, na suprema glorificação da luz de ouro que tombava a jorros do ceu violaceo.

O theatro, o hospicio, as egrejas, as fabricas, os caes, os jardins, os palacios, os casebres, o mar, o arvoredo, o cemiterio, tudo se unia e se confundia na fogueira do sol, na vida da grande e poderosa cidade.

Sara chorava baixinho.

Aquella mangueira muda, serena, com a sua velha casca rugosa, as suas nodosidades cobertas de camachilras, as suas folhas sombrias e abertas, e as suas parasitas, quebrava-lhe a excitação raivosa n'uma onda de ternura. Era alli

que o commendador Simões gostava de sentar-se, nas tardes de domingo, recommendando sempre ao hortelão que não lhe bulisse n'essa arvore; que a deixasse livre de enxertos e de pódas; queria-a assim: agreste, inculta e socegada.

Sara recordava isso, olhando para as toalhas ondeadas de verdura que se iam desenrolando pelo pomar até lá em baixo, á casa, de que só distinguia o telhado. Os tamarindeiros, salpicados com florinhas amarellas, e os pecegueiros, de um verde cinzento: mais as figueiras, as ameixeiras, os cajueiros, as arvores de abricó, das carambolas, da fructa do conde, do abacate, as amendoeiras enormes e as bananeiras airosas, confundiam-se, unindo as ramas, variando os matizes do verde mais claro até o verde mais negro, com manchas: aqui louras, alli esbranquiçadas, ou roseas, ou côr de ferrugem. A meio do pomar, á direita, destacava-se entre todas, pela fórma bizarramente recortada das suas folhas elegantissimas, a arvore da fructa-pão, e lá embaixo, sobre o telhado vermelho do *chalet*, ella via a ultima estrella, pequenina e escura, da grande araucaria do jardim.

Sara continuava chorando, enraivecida contra a mãe. Porque consentiria ella em receber o Rosas?! Porque mudava de dia para dia o seu caracter?, Porque se occupava agora tanto comsigo, passando horas no seu quarto, sósinha, fugindo da companhia dos outros e apparecendo

depois toda cheirosa, fresca como a flor apenas desabrochada? Que mysterio seria esse que ia afastando d'ella, evidentemente, todo o carinhoso e doce amor de Ernestina? Que falta teria ella commettido? Porque se adivinhava tão só?

Sem achar explicação para os seus tristes presentimentos, Sara escondeu o rosto, a invocar a memoria do pae.

Estava assim, quando ouviu passos perto. Era a mãe que a procurava, entre zangada e afflicta.

— Sara!? Que loucura é essa!?

— Mamãe...

— Levanta-te!

A moça ergueu-se, commovida pelo tom severo da viuva.

Ernestina continuou áspera e decisivamente:

— E' preciso comprehender bem isto: Exijo que sejas cortez para toda a pessoa, *seja ella quem fôr*, que *eu quizer* receber em minha casa!

— Mamãe, eu...

— Se não deseja sujeitar-se á minha vontade, case-se!

— Ah!...

— Que vergonha!

— Mas mamãe! Aquelle homem!

— Com aquelle ou com qualquer outro tens de ser delicada.

— Não! isso não! aquelle é um infame; foi o

maior inimigo de meu pae! eu não o esqueço! e se elle voltar cá eu bato-lhe na cara, bato-lhe!

— Cala-te! Quem manda aqui sou eu! Se o recebi, é porque entendi que o devia fazer!

— Oh! mamãe!

— Vamos! E Ernestina com o olhar secco apontou o caminho de casa.

Sara seguiu silenciosa, tremula, ainda embaixo da raiva e do despeito que tão intensamente tinham vibrado n'ella. Pisava com força, fitando a sombra da mãe, que se projectava muito esguia a seu lado.

A' porta da sala de jantar encontraram o jardineiro, que subira da cidade com um garrafão de vinho ao hombro.

Elle quiz dizer qualquer coisa; a viuva fez-lhe um gesto, que se calasse. Durante o jantar a mãe e a filha não se falaram. Sara não comia, sentia um novello na garganta e receiava chorar alli mesmo, deante dos creados. A' noite entrou cedo para o quarto, deixando a mãe sósinha no terraço.

Ernestina não soffria menos. A indignação da filha exasperara-a, mas a sua submissão depois tinha-a commovido. Afinal reconhecia razão na moça e chegava a envergonhar-se do seu procedimento. O Rosas tinha sido um inimigo acerrimo do marido. A questão entre ambos tomara um rumo tão perigoso, que fôra preciso inter-

venção de terceiro. O Nunes, como amigo mais intimo do commendador, tinha-se posto de permeio e evitado um desenlace terrivel á negregada questão. Por muito tempo o nome do Rosas tinha sido envolto no mais asqueroso desprezo; e Sara, que adorava o pae, e comparticipava do seu temperamento, começou a ter pelo Rosas a mesma raiva, talvez ainda mais violenta que a d'elle. Depois da morte do Simões, esse sentimento de rancor havia-se accentuado. A lembrança do pae enchia-a de caridade para todos, menos para os que em vida o tivessem insultado ou feito soffrer!

Por isso a viuva Simões entrava a ter remorsos e a preoccupar-se muito com a opinião de Sara. Que diria ella quando soubesse de tudo?

Pensava n'isso quando sentiu ranger o portão de ferro do jardim; voltando o rosto percebeu, atravez da meia escuridade da noite, o vulto de Luciano Dias, em que se destacava n'um fato escuro uma nesga de collete branco.

Ernestina levantou-se e disse-lhe, mal o viu approximar-se:

— Sei porque veiu. O seu amigo Rosas contou-lhe tudo!

— E' verdade: e já que abordou a questão tão abruptamente, deixe-me dizer-lhe que venho indignado!...

—Não sei porque!...

— Não sabe porque!?

— A culpada fui eu... Sara não tinha sido prevenida, e...

— Não a desculpe, pelo amor de Deus!

— O Rosas não devia ter vindo. . eu estava louca quando o convidei!...

— Veiu porque eu lhe pedi tambem que viesse. E' tempo de se acabar com inimisades insensatas. Elle é um bom homem.

— Será, mas...

— Mas?

— Sara teve razão.

— Não diga isso! uma menina de educação não faz o que ella fez! Foi insolente!

Ernestina levantou-se, muito offendida; mas Luciano não lhe deu tempo de falar; continuava, muito nervoso:

— O Rosas descreveu-me bem nitidamente a scena... saiu envergonhadissimo e furioso! Quando eu digo que precisamos arranjar um casamento para sua filha!

Ernestina mastigou, colerica:

— Um casamento...

— Sim! é indispensavel para a nossa felicidade. Isto assim não póde continuar, bem vê...

— Póde. Eu não quero que minha filha se case. É minha, amo-a; acabou-se! Pensando friamente, Sara fez bem. O Rosas foi um inimigo acerrimo do pae; não devia ter vindo...

— Perfeitamente; mas o pae está morto, o Rosas esqueceu offensas, veiu exactamente para

uma reconciliação e não é a ella, menina sentimental e mal educada, a quem compete receber ou despedir este ou aquelle individuo que entre em casa de sua mãe...

— Luciano!

— Não senhora! Sara foi brutal. Além de tudo, o Rosas é um velho e ella abusou da sua posição de senhora...

— Basta! Isso desgosta-me.

— E a mim ainda mais. Imagine: caso-me. Bem. E então? hei de deixar de receber o meu melhor amigo, em minha casa, só por um capricho piégas da menina? Precisamos meditar bem em tudo! O que passou, passou!

— O Rosas era inimigo do pae? Que tenho eu com isso? É meu amigo, e portanto da minha familia!

— Lembre-se de que nós ainda não somos *a sua familia*... Amamo-nos, queremos casar, e desde que isso succeda, as vontades d'ella ficarão em segundo plano, terá de submetter-se á nossa. O que determinarmos é o que se ha de fazer. E' melhor explicar-lhe isso já.

— Fallar-lhe no casamento? E' cedo... deixemos passar o anno de lucto... respondeu Luciano.

— Do lucto? mas onde está elle?

— N'ella.

— E' verdade que Sara persiste em andar de lucto...

— A sua tolerancia, Ernestina, é que a tem perdido! Sua filha é auctoritaria e caprichosa. Decida-se a fazer o que lhe tenho dito: e aconselhe-a de longe...

— Ella vae soffrer muito!... Não...

— Embora; tudo redundará em seu proveito.

— Não sei por que aborrece assim a minha pobre filha: se convivesse com ella, havia de adoral-a! é um anjo.

— O que vejo é que tem medo de magoal-a com uma simples palavra, e entretanto a mim não poupa desgostos...

— Eu?!

— Sim.

— Meu Deus! mas como?!

— Referindo-se constantemente ao seu finado marido, não reprimindo o modo desabrido da senhora sua filha, conservando na sala, bem em frente ao seu, o retrato do Simões, como senhor legitimo de sua casa e do seu coração... Por que não retira d'alli aquelle quadro? não calcula o ciume, o odio que lhe tenho e o mal que elle me faz!

— Desculpo as suas palavras, porque ellas são filhas do ciume...

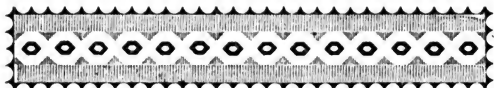
Ernestina estava surprehendida e desgostosa com Luciano. A colera tornava-o grosseiro, aspero. O seu genio rompia todos os preceitos da educação e do cavalheirismo para se mostrar rude e indomavel.

Sara foi todo o assumpto da noite. A mãe defendia-a, punha-a acima de tudo e de todos, como se fosse um symbolo da perfeição na terra. Fazia isso exactamente por vel-a accusada. O seu amor maternal reagia contra todas as censuras, n'um grande exaggero.

Luciano saiu cedo, impressionado e nervoso. A verdade era que os olhos de Ernestina inquietavam-no mais do que elle desejava.

Como dissera ao Rosas, furtava-se ao casamento, procurando no amor da viuva uma d'essas paginas de paixão, frequentes na vida dos homens. Ernestina, porém, sabia defender-se, era muito mais forte do que elle poderia suppor; os seus planos de amor facil iam-se desmoronando e elle revolvia-se desesperado entre o desejo de possuir a mulher e a má vontade de a chamar — esposa!

Não era positivamente como marido que elle queria beijar a bocca pequena e rubra da viuva Simões! O corpo esbelto e ondeante da moça, o negro azulado do seu cabello farto, a doçura dos seus olhos rasgados e humidos, o moreno quente da sua pelle rosada, accendiam-lhe no coração, não o amor puro e casto que o homem deve dedicar á companheira eterna, mas o fogo sensual de uma paixão violenta e transitoria. Elle amava-a, amava-a, sim; tinha ciumes do passado, era sincero na sua colera, odiava o Simões, e a filha do Simões, porém á sua imagi-

nação o vulto de Ernestina apparecia, teimosamente, engrinaldado de pampanos e de taça em punho, como uma bacchante!

VII

Corria o mez d'agosto, muito morno e ameno. No meio da bateria da cozinha a Benedicta ouvia o palavreado da Simplicia, que rodopiava pela casa, trazendo novidades e inventando coisas. O Augusto olhava com altivez e desdem para aquella raça de mulheres, emquanto o hortelão se babava todo, ouvindo as tagarellices e a discussão das duas. Simplicia tinha o bolso sempre cheio de dinheiro, moedinhas de prata e nikeis subtrahidos á gaveta da ama. Detestava o cobre. Fazia-se fina, com lacinhos de fita na gola do casaco branco e saias bem talhadas. A outra era fiel e ameaçava ás vezes de ir direito á ama denunciar a mulata.

Simplicia levantava os hombros. Que lhe importava? Que fosse!

Como se approximasse o dia de Nossa Senhora da Gloria, ella affirmava que iria á festa de braço com *seu* Augusto, como se fossem marido e mulher...

Os outros riam-se, vendo a indifferença e um certo ar de nojo do copeiro pela pequena.

Na vespera do dia da Gloria a Simplicia foi direita á viuva pedir-lhe licença para a saida. Ernestina negou-lh'a; mandara retirar da sala, precipitadamente, o retrato do commendador. Simplicia sorria sem resentimento, vendo o Augusto e o João descerem a tela da parede. Aproveitava uma occasião em que Sara conversava com Georgina, no jardim visinho. Mal o hortelão saira de casa com o quadro, já a Simplicia rondava o portão, á espera de Sara. Qando a moça entrou, a mulata disse-lhe:

— Nhá Sara, a senhora sabe para onde é que Yayá mandou o retrato de Senhô?

— Hein?!

— Seu João levou elle... Coitado de quem morre!

Aquella piedade da negrinha pelo morto fez estremecer a moça com um movimento de amargurada indignação. Subiu correndo até á casa e abriu com estrondo a porta da sala.

Ernestina voltou-se, inquieta. A filha olhava attonita e demoradamente para a parede vazia,

onde se destacava n'uma mancha clara o bocado de papel até ahi resguardado pela tela.

— Porque tirou d'alli o retrato de papae ?! perguntou Sara á mãe, com a voz alterada e o rosto pallido.

Ernestina córou: disse de um modo confuso que o retrato precisava de reparo... que o tinha mandado ao pintor que o fizera; e inventou um desastre, em que um desageitamento do Augusto figurava como unico responsavel.

Tinha mentido e desviava a vista dos olhos claros da filha.

Cedera ao desejo de Luciano. O retrato do commendador tinha ido para S. Christovão, para a casa de uma mulher pobre, a Josepha, que a tinha creado e a quem ella protegia com uma pequena mesada.

Até então não se servira d'essa creatura, que entretanto lhe apparecia agora como um recurso para segredos e afflicções.

Sara retirou-se, desconfiada e tristonha; occorreu então a Ernestina ir á casa da ama e fazer voltar o retrato. Veiu um clarão de bom raciocinio illuminar-lhe o espirito. Afinal, ella andava a fazer um papel de culpada; temia a filha como se o seu amor por Luciano fosse coisa illegitima ou criminosa.

O que tinha a fazer era chamar Sara e dizer-lhe muito simplesmente: Luciano e eu amamo-nos e casar-nos-hemos em breve...

Entretanto vinham lhe á mente os conselhos e pedidos do noivo, rogando que conservasse o seu amor em mysterio! E por sua vez formulava um — porque? a que não podia dar solução!

A viuva Simões saiu sem se despedir da filha, desceu rapidamente o jardim, compondo sobre o rosto o véozinho preto e sacudindo com as pontas dos dedos o plastron do vestido. Chegou afadigada á casa da ama.

A pobre mulher recebeu-a de braços abertos, como de costume.

— Uê gente! como yayá veiu vermelha! foi a sua primeira exclamação; e logo depois foi-a levando para o sofá, tirou-lhe o chapéo, disse-lhe que descançasse para ir depois fazer *lunch*, e apontou para o doce de côco em duas compoteiras na mesa.

Ernestina deixava-a falar; estava ainda offegante, meditando no que devia fazer. De repente:

— Diga, Josepha! recebeu o retrato de meu marido, não recebeu?!

— Pois então não *havéra* de recebê?! está no quarto do oratorio, mas ha de se pendurá aqui, em cima do sofá! Como aquelle, é que não ha outro homem! santo mesmo! *Não se case mais*, yayá, que outro assim não acha!

— Cale-se... você nem sabe o que está dizendo!...

— Como não sei?! Agora *me* diga: porque

foi que me deu o retrato d'elle ? mandou copiar outro novo lá prá sala ? !

Ernestina não pôde deixar de sorrir áquella ingenuidade e, attrahindo a velha para seu lado, contou-lhe tudo.

A Josepha era uma velhota acaboclada, baixa e ossuda, de hombros largos e direitos, queixo quadrado e mãos grandes. Gozara a preferencia entre os antigos escravos dos paes de Ernestina por ser de uma limpeza e fidelidade sem exemplo. Toda a sua roupa andava rescendendo ás raizes do capim cheiroso e ella era o braço direito da casa. Quando a senhora morreu, Ernestina tinha só dois annos. A Josepha ficou encarregada de olhar por tudo : dirigia o serviço das outras, tratava da menina com esmero, trazendo-a sempre aceiada e contente. Alforriada, não abandonou a casa. Era teimosa, de humor desegual, mas firme e amoravel como um cão.

Tinha reminiscencias muito claras de Luciano Dias. Embirrára sempre com elle. Farejára-lhe maus sentimentos. Tinha-lhe feito um mal terrivel: apprehendido cartas, rasgado photographias, feito desapparecer muitos raminhos de flores por elle dirigidos á moça. Agora o que a commovia era a saudade de Sara. Já não tinha ascendente na familia, nem a edade lhe consentia a mesma força de genio. Estava quebrantada, molle; apoiou por isso todas as idéas de Ernestina sem contestar nem aconselhar coisa al-

guma; dependia d'ella e temia ir de encontro aos seus desejos.

Recebeu calada as confidencias, ficando por fim assente que no dia seguinte voltaria para Santa Thereza o retrato do commendador. Ernestina saiu risonha; aquelle desabáfo fizera-lhe bem. Percebia ter na Josepha um arrimo seguro. Se por um lado a velha não a consolava, não sabendo aconselhal a, por outro dizia a tudo *amen* e favorecia-lhe assim todos os seus projectos. Em caminho para casa, Ernestina forjava uma mentira, preparando-se para sustentar o olhar claro e interrogativo da filha.

VIII

A Simplicia aproveitava a ausencia de Ernestina, enchendo-se de goiabada, queijo do Reino e calices de licor, muito bem repimpada n'uma cadeira da sala de jantar. Sara conversava com a amiga na casa visinha, Augusto fôra á cidade, a Anna estava no tanque ás voltas com a roupa e a Benedicta cochichava com o hortelão lá para os fundos da casa; podia estar tranquilla.

A Simplicia arremedava a senhora na maneira de estar á mesa, movia com delicadeza o calice e dava dentadinhas pequenas no doce, sorrindo da sua finura, a remoer idéas.

A tola da *yáyá* estava-lhe nas unhas. Conhecera-lhe o seu amor por Luciano desde o pri-

meiro dia... não que ella não tinha só habilidade para encontrar as coisas que as outras perdiam, nem para subtrahir das gavetas moedinhas e fitas... Ria-se da cegueira de Sara... ainda havia de ser ella quem lhe abrisse os olhos!....

Os calices de licor succederam-se até cahir do frasco a ultima gotta. Que estupidez! ella ainda tinha tanta goiabada no prato... lembrou-se do *cognac*. Foi ao armario, mas deu-lhe uma tontura; o chão fugia-lhe embaixo dos pés, o guarda pratos inclinava-se, a mesa recuava, as cadeiras tomavam attitudes de dansa e as aves mortas dos quadros das paredes agitavam se todas, sacudindo as pennas.

— Uê! exclamou a mulatinha, esfregando os olhos; e demorou-se, percebendo a verdade, com tacto bastante para esconder a garrafa e leval-a para o quarto... Beberia á noite, na cama. Não lhe convinha embebedar-se de dia; e foi pedir á Benedicta uma chicara de café. Estava com uma enxaqueca!

Quando Ernestina entrou, a Simplicia correu a tirar-lhe o chapéo e guardar as luvas. Ernestina deu-lh'as machinalmente.

— Então, yayá, me deixa ir na festa?

— Não.

— Porquê?... seu Luciano não quer?

Ernestina deu um salto, assustada; sem atinar com o que dissesse, repetiu:

— Seu Luciano!

— Sim, senhora... pois então elle não está para casar com a senhora?

— Estás doida! Cala-te; reprehendeu a viuva, mas a Simplicia ajuntou com ar malicioso:

— Yayá não se zangue não... mas eu vi outro dia seu Luciano dar um beijo na senhora... lá na sala... perto da janella... Eu não conto nada a nhá Sara... mas a senhora ha de me deixá i na festa...

Ernestina estava vencida; entretanto levantou-se, colerica, erguendo a mão para bater na negrinha. A'quella ameaça Simplicia saltou:

— Yayá, já não sou sua escrava! Se a senhora não me fizé as vontades eu juro em como vou direitinha dizê tudo a nhá Sara: que seu Luciano tem raiva d'ella, e que dá beijinhos na senhora!...

O licor fazia-a ir muito mais longe do que premeditára; a cabeça girava-lhe ainda um pouco e ella não podia conter a lingua. Via o seu erro, mas já não o sabia emendar; declarára tudo; tinha um plano antigo: ir confidenciando aos caixeiros das vendas o segredo da ama... e ser a primeira a declaral-o a Sara, se Ernestina não lhe désse consentimento para ir á festa, e ainda mais dinheiro e mais ainda a ordem para que a acompanhasse o Augusto!

A viuva estava aterrada, com medo de levantar um escarcéo despedindo a rapariga, e sem vontade de lhe fazer o gosto. Mas a mulata ven-

ceu; e ainda Ernestina lhe poz nas orelhas uns brincos de coral e nas mãos uma nota de dez mil réis.

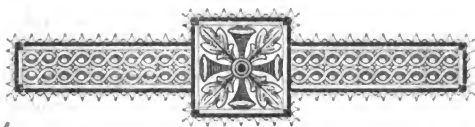
— Vae...

Ernestina chorou de raiva. Por ella, chamaria immediatamente Sara, e diria toda a verdade; mas Luciano oppunha-se a isso tenazmente e ella mesmo esperava fazel-o quando o visse mais propenso a estimar a filha. O seu terror agora era que Sara viesse a saber de tudo pela bocca asquerosa da mulata.

Resolveu mandal-a passar um tempo em Friburgo, com a tia Marianna, viuva de Gustavo Ferreira. N'aquelles dias ao menos estaria livre de qualquer intriga ou revelação desagradavel. Escreveu a Luciano largamente. Pedia que decidisse o casamento. A convivencia fal-o-ia depois amar a enteada. A seu ver, Luciano não esperava outra coisa senão vencer a antipathia pela pequena...

No dia seguinte a Simplicia, toda vestida de branco, com fitinhas verdes, descia o jardim ao lado do Augusto, muito sério e bem arranjado.

A Benedicta acompanhava-os com a vista, e quando elles, em baixo, abriram o portão, ella disse alto, em cima, sacudindo no ar a mão engordurada:

— Sapeca do diabo! que bôa sóva!

IX

Em um dos primeiros dias de setembro, Ernestina partiu para Friburgo, com a filha e a Georgina Tavares. Durante a viagem ellas mal se falavam, abrindo muito os olhos para as paizagens soberanamente bellas do caminho.

A tia Marianna já as esperava, palestrando na *gare* com um empregado da estação. Era uma velha alta e secca, fiel ao uso da crinoline, com uns bandós grisalhos que lhe tapavam as orelhas, e umas sobrancelhas espessas, que em vão pretendiam dar ferocidade ao seu aspecto tranquillo. Passava por millionaria e avarenta; mas em verdade a pobre senhora só tinha com que viver regularmente e bem alimentar a criação

dos seus ricos bichinhos de seda, goso unico dos seus dias insipidos.

Morava n'um casarão baixo, antigo, com janellas de peitoril para o largo e grande quintal plantado de amoreiras, de onde se via, ao longe, a cascata do Neves, desenrolando no velludo verde da montanha o seu lençol d'agua crystallina...

A primavera desabotoava-se magnifica, n'uma exuberancia de tons deliciosa; mas as meninas, affeitas ao clima do Rio, andavam tiritantes, envolvidas em lãs.

Nos primeiros dias a tia Marianna reclamava detalhes da revolução, maldizendo a republica e chorando pelo imperador, o bom velho das barbas de neve, que lhe tinha apertado casualmente a mão uma vez, havia muitos annos, n'uma festa de caridade...

Ernestina fazia côro nas lamentações, mas não sabia explicar nada, o que desesperava a outra; então Sara, mais indifferente, inventava detalhes que a velha ouvia, limpando os oculos.

Um dia, a viuva Simões decidiu-se a deixar as meninas com a tia, e descer para o Rio sósinha, comquanto um pouco assustada por aquella ousadia.

Ella affirmava á filha que voltaria depressa, explicando alto, repetidamente, que não podia deixar a casa entregue aos criados...

A Anna era cada vez mais exigente; todos os

mezes pedia augmento de ordenado, e mais cerveja, e mais isto e mais aquillo...

O Augusto mudára completamente depois do passeio á Gloria do Outeiro, dormia de dia horas inteiras e ria alto com a Simplicia, pelos cantos, sem respeito nenhum...

O João andava doente, a Benedicta com um mau humor execravel... e ella, confessava, tinha medo que lhe pozessem fogo á casa!...

A tia Marianna approvava: — que fosse depressa! Isto de criados não ha que fiar... cada um faz o que póde para ser peior!

Quando Ernestina entrou em casa sentiu uma profunda e dolorida saudade da filha. Era o seu primeiro apartamento. Toda a tarde e toda a noite não lhe poderam sahir do sentido a voz e o vulto de Sara, a adorada companheira de toda a sua vida... Logo de manhã cedo escreveu-lhe uma grande carta cheia de recommendações: que se agasalhasse, que fizesse exercicio, que lhe escrevesse sempre...

Depois escreveu a Luciano, e parou, com a penna no ar, pensando em qual d'aquelles amores a absorvia mais...

Agora que Sara estava ausente, sentia por ella uma ternura exquisita, mais penetrante, que lhe ia até o fundo do coração, que a afastava de todas as outras coisas, arredando mesmo para um plano mais nublado e indeciso a figura de Luciano.. . Estranhava aquillo; aquelle redobra-

mento de amor maternal que a dominava completamente, absolutamente. Aproveitou pressurosa a frieza que lhe parecia então sentir pelo noivo, e pediu-lhe na carta que a não fosse ver. Contou-lhe tudo. Sara estava longe mas sentia bem que não a poderia conservar assim... faltava-lhe o ar em casa, sem ella... não se resignaria nunca a viver d'aquelle modo! Casal-a não era coisa admissivel. Sara era ainda muito nova. Concluia pedindo mais uma vez a Luciano que dominasse a antipathia pueril que o afastava de Sara para viverem depois todos felizes... muito felizes!

Ernestina acabou a carta chorando. Aquella harmonia sonhada e pedida não existiria nunca; percebia bem. Viveriam junctos, talvez, mas aborrecendo-se. Era isso mesmo que ella temia outr'ora, quando escondia em casa a sua mocidade, o seu lindo rosto, a sua alma anciosa, avida de amor! Era por isso mesmo que ella desejara sempre a velhice que a vestisse de gelo, lhe quebrasse os impetos, que a deixasse sem aspirações e sem desejos, na sua grande virtude de mãe sem macula...

Ella pedia a Luciano que a não fosse ver, temendo que elle lhe desobedecesse. Entretanto era preciso. Estava só; tinha medo de succumbir.

N'essa mesma tarde recebeu a primeira carta de Sara, escripta á mesma hora em que ella lhe

escrevera, com eguaes pedidos e recommendações, com a mesma chuva de beijos, a mesma intensidade de affecto.

X

O Rosas balouçava-se em uma grande cadeira austriaca no seu terraço do Flamengo, ouvindo Luciano ler a ultima carta de Ernestina e uma de Sara, dirigida á mãe. Acabada a leitura, o Rosas deitou ao ar o fumo azul do seu havano e o amigo perguntou-lhe:

— E então?!

— E' o que eu dizia: você tem de casar com ella!

— E' boa! Se a gente tivesse de casar com todas as mulheres a quem faz a côrte!...

— Mas você foi mais longe do que isso!

— Aquelles olhos põem-me tonto! A verdade é esta: eu amo Ernestina, mas não quero casar com ella...

— Porquê ?!

— Não sei! aquella filha... o genio d'ella mesmo, incommoda-me, irrita-me! Você não vê esta carta? Manda a filha para Friburgo e é exactamente agora que me pede para não ir vel-a!

— Muito bem. Isso comprehende-se... é uma mulher honesta... você, que diabo! é um homem perigoso! Mas, deixe-se de historias! peça a viuva e case-se. E' mulher garantida, vê-se por essas cartas. Afinal, você gosta d'ella... lá por embirrar com a filha não é razão! O caso é outro. Você é um galanteador e julga que as mulheres nasceram só para joguetes do seu capricho...

— Bonito! Ponha-se agora com phrases...

— Ora! quantos amores já lhe conheci! Mas o tempo passa. Vá-se ver ao espelho! Tem já muitos cabellos brancos e olhe que por ter vindo de Paris não pense que não haja por ahi outros mais *chics*...

Luciano relia a carta de Sara.

— A pequena não escreve mal...

— E' muito expansiva!

— Você não comprehende? A mãe quer catechisar-me com as cartas da filha.

E guardando os papeis no bolso:

— Bem! Ella talvez deseje que eu lhe desobedeça...

— E até provavel que conte com isso...

— Acha?

— Ora! com certeza.

— Pois não vou; ha de chamar-me primeiro, se quizer. Hoje vou passar a tarde com...

— Clara Silvestre?

— Não! com o Henrique Bastos... elle convidou-me para um passeio a S. Paulo, vou-lhe dizer que acceito.

— Faz bem.

Entretanto, Ernestina sentia-se febril, quasi doente de anciedade, esperando o momento em que Luciano fosse pedir officialmente a sua mão. Elle escrevia-lhe de S. Paulo, mas as cartas iam rareando e as saudades crescendo. Ernestina foi duas vezes a Friburgo; afogava a filha em beijos e abraços e voltava com uma enorme lista de encommendas, que accrescentava sempre com mais tetéas e gulodices. Todavia, sentia n'essa dura experiencia ser impossivel viver longe da sua querida Sara, e teimava em prolongar a separação, pagando com lagrimas de saudade esse sacrificio.

Trez mezes depois da ausencia, Luciano voltou á casa de Ernestina; encontrou-a em doce palestra com D. Candinha Nunes. Sara voltaria no dia seguinte. Ernestina estava radiante. Elle achou-a pallida, transparecia n'ella o cansaço da tristeza e da solidão, embora a alegria do momento a sacudisse nervosamente.

Passaram a tarde no jardim; á noite entraram para a sala, mobilada de novo, e entretiveram-se vendo os arranjos e modificações feitos em tudo pela viuva para surprehender Sara.

D. Candinha exclamava:

— Qual! não ha amor como o de mãe! Vejam como Ernestina pensa na filha!

Luciano abanava affirmativamente a cabeça, vendo Ernestina embaraçada, tacteando as coisas.

Ás dez horas, como o Nunes não apparecesse, D. Candinha disse:

— Ora, o senhor meu marido esqueceu-se de mim! *Seu* Luciano, acompanha-me á cidade?

— Até á sua casa, minha senhora.

Despediram-se; e Ernestina, retendo a mão de Luciano, disse:

— Ella chega ámanhã!... Vem vel-a?

— Certamente...

Não poderam dizer mais nada... D. Candinha, murmurava já fóra:

— Que noite linda!

XI

Sara encontrou a casa toda renovada. Ernestina comprára mobilias caras e reposteiros de luxo. Tinha aproveitado a ausencia da filha para varrer pela porta fóra todas as recordações do passado.

O João enchera tudo de flores, desde a porta da rua até á do quintal, muito contente com a volta da *menina*, que era a alegria da casa. A Benedicta preparou surprezas para o jantar, uns pasteis e uns pudins especiaes, feitos com prazer e capricho, muito ornamentados. A Simplicia pregou na carapinha um cravo vermelho e amarrou fitinhas no pescoço, dizendo fazer isso para ser agradavel a Nhá Sara.

A Anna poz no guarda-louça, surrateiramente, um queijo fabricado pelo pae em Petropolis e só o Augusto continuou indifferente no serviço.

Sara tinha voltado de Friburgo com o dr. Tavares e a Gina. Não se cançava de beijar a mãe, fallando-lhe rente á cara.

— Sabe? fui pedida em casamento!

— Sim?!

— Sim, mas eu respondi que mamãe já me tinha promettido a um principe estrangeiro...

— Quem foi?

— Um velhote muito rico, mas muito feio, chamado Menezes. Depois d'esse, quem tambem não desgostou de mim foi o Eugenio Ribas. Esse não chegou a falar em casamento... mas deu a entender... e confessou ao dr. Tavares que me adorava!

— O Eugenio Ribas não é um moço louro, amigo do Nunes?

— Esse mesmo! Ia aos bailes em Friburgo, de casaca e luvas brancas. Por aqui ha alguma novidade?

— D. Candinha esteve cá, hontem; veiu convidar-nos para um baile *masqué*.

— Que bom!

Começaram logo as combinações de *toilettes* e de idas á cidade para compras.

N'essa tarde, quando Luciano abriu o portão do jardim, deparou com Sara que ia muito risonha ao seu encontro. Estranhou-a. A moça pa-

recia-lhe agora mais alta e mais elegante. Usava um vestido branco transparente, que mostrava n'uma sombra tenue a sua carnação de loura, alva e rosada. Aquelle traje dava-lhe um ar encantador de alegria e de ingenuidade.

Até então vira-a sempre de escuro, vacillando entre o cinzento e o preto tristonho do lucto; os tons claros illuminavam-lhe a physionomia n'uma doce irradiação de poesia e de graça.

— Entre depressa! exclamou ella, senhor ingrato, que não me mandava nem siquer saudades por intermedio de mamãe! e fique desde já sabendo que, para seu castigo, tem de desenhar hoje mesmo uma *toilette* de fantasia para esta sua amiguinha!

E puxou-o, rindo, para dentro, segurando-lhe a mão.

Luciano deixava-se ir, encantado com aquelle acolhimento. Estava n'um dos seus dias de bom humor, e o passeio a S. Paulo e a ausencia de Ernestina, cujo amor o enervava, tinham-lhe temperado os pobres nervos doentios. Sentia-se saudavel e tranquillo n'aquella tarde.

Passaram todo o tempo da visita combinando fantasias para o baile de D. Candinha.

A' despedida, Sara perguntou:

— E' verdade, mamãe já foi ver a sua collecção de quadros?

— Collecção de quadros? quem a ouvisse diria que possuo uma galeria!

— Está arrependido do convite que nos fez, ou gracejava quando nos relatou objectos artisticos e mais trapalhadas adquiridas na Europa?

— Não menti. O que desde já lhes digo é que a minha collecção é pobre; mas façam uma coisa: vão lá ámanhã, por exemplo.

— Está dito! valeu, mamãe?

Ernestina consentiu. N'essa noite ella foi dormir contentissima: pareciam feitas as pazes entre Sara e Luciano Dias.

No dia seguinte, ás 2 horas, desceram de Santa Thereza. A tarde estava quente, de um azul carregado.

A casa de Luciano Dias ficava perto, na rua do Riachuello; era de uma apparencia simples: fachada sem estylo, de um tom cinzento, com frisos dourados nas tres janellas de peitoril. Entraram; dentro, uma pequena escada de marmore conduzia á saleta de onde Luciano desceu a recebel-as. Ernestina estava commovida, Sara curiosa. Momentos depois, conversavam no pequenino salão de Luciano, como elle afrancezadamente chamava á sua boa sala.

Nas paredes de verde-escuro, encaixilhadas em madeiras finas, destacava-se uma multidão de objectos e pequenas telas: medalhões historicos, baixos relevos, adagas e punhaes, recordações de *touriste*, insignificantes para os indifferentes; aqui um punho da mais rara *merletti* veneziana, alli um mozaico de Roma, um

ramo da flor dos Alpes, a pennugenta *edelweiss*, uma faca de Toledo incrustada de ouro, ou um leque de Madrid.

Sara ia observando tudo com muchôchos de desillusão, até alegrar-se com a vista de uma formosa cabeça de mulher, que surgia, risonha e fresca, do fundo côr de aurora da téla.

Ernestina sentára-se n'um divan, procurando prender toda a attenção de Luciano; mas este respondia-lhe apenas, lisonjeado com a observação que Sara prestava a tudo, commentando os objectos, indo e vindo de um para outro lado, fazendo-lhe perguntas, apontando como feias, antiguidades que elle achava lindas, extasiando-se ás vezes em frente de outras coisas que considerava mediocres! Tudo que tivesse um ar de alegria ou de saúde, era o que vibrava na moça maior enthusiasmo. Um grupo de crianças, uma aldeã robusta, um pescador banhado de sol, um ramo de papoulas sanguineas ou de fructas bem desenhadas e frescas, rebentavam-lhe dos labios vermelhos phrases de espontanea admiração.

Os assumptos diabolicos, nervosos, os quadros torturados em que, em fundos torvos, se estorcessem corpos afflictos ou relampejassem olhares de agonia, de duvida, ou de odio, tudo em que a dor domadora, atrocissima e amarga, derramasse o seu travo ou fincasse o seu dente impiedoso; tudo em que a arte reproduzisse a lagrima e o soffrimento humano, arripiava as car-

nes sadias de Sara, para quem a vida tinha só por dever ser risonha, ser boa, ser fertil!

Os seus olhos de menina inexperiente não comprehendiam os requintes artisticos de um ou de outro auctor, mas a sua alma enthusiastica abria-se com alegria ás impressões da arte.

Ernestina passeou o olhar atravez do *lorgnon* por tudo que a rodeava, sem demonstrar claramente as suas predilecções, temendo cair em erros de observação. A filha, mal ou bem, ia apontando defeitos e bellezas, manifestando sem rebuço a sua maneira de ver e de sentir. A cabeça do garoto elogiada por Luciano, fez com que a moça batesse palmas de contentamento. O busto talhado em marmore tinha energia, graça e independencia, qualidades que se junctavam no caracter de Sara. A moça não poude conter-se, e, com os olhos humidos, beijou nas duas faces a cara rechunchuda do pequeno garoto de Paris.

Luciano estremeceu como se alguma coisa nova se tivesse revellado n'elle. Ernestina murmurou, reprehensivamente:

— Sara! que creancice!

— Ah! mamãe! se este diabinho é tão bonito! Repare para os olhos!... que malicia!... e para a cabeça!... que audacia... Não parece mesmo que esta bocca está gritando: Viva a França! e que n'este peito bate orgulhosamente um coração!!

Estiveram algum tempo de pé em frente ao

busto, depois Luciano conduziu-as para outra salinha interior, onde mandára preparar uma meza de *lunch*.

Sobre o linho escarlate e preto da toalha, brilhavam pratos finos de *bonbons*, fructas e gulosêimas variadas. A viuva tirou vagarosamente as luvas, sorrindo com socego para Luciano, que lhe dava o logar de honra, á cabeceira. Sara, sem esperar por convite, sentou se, dizendo alto:

— Ui! tanta coisa!! para mim bastam as uvas... o que peço é que não se admire se eu comer todas!

Luciano chegou para ella a cestinha das uvas e sentou-se entre as duas senhoras.

Ernestina rescendia a *Scherry-blossom* e as suas mãos bem tratadas moviam-se vagarosamente acima dos pratos ou do linho escuro da toalha. Por toda ella descia um ar de tranquillidade e de ventura, fixando em Luciano um olhar calmo, como o de esposa feliz, em Sara um olhar de mãe confiante.

A moça, n'uma *gourmandise* notavel, ia dando cabo das uvas brancas, falando sempre, enchendo a casa com a sua voz fresca e com os seus risos gorgeados.

N'essa tarde Luciano não saiu; sentou-se preguiçosamente a ler no seu escriptorio; mas a propria leitura fatigava-o e abandonava de vez em quando o livro, relembrando a graça de Sara, a onda de alegria que ella espalhara por toda a

sua casa; os seus ditos, a singular mudança dos seus traços, do seu caracter e até da sua roupa! Nas duas horas em que ella estivera alli, quantas coisas notara!

Tinha-lhe feito observações justas e lembrado coisas em que elle agora repararia... Aquella colcha de velludo preto suspensa na bibliotheca fazia lembrar um panno de enterro... era uma fantasia de máo gosto. O piano deveria estar longe da janella... o busto do garoto mais voltado para a luz... A sala dos quadros não devia ter cortinas... e faltava um tapete de fundo vermelho no escriptorio... Tudo isso ella dissera á *vol-d'oiseau,* no primeiro relance; e elle percebia agora que ella tinha razão. Era como se de repente o vacuo da sua casa solitaria se tivesse tornado em um corpo de mulher moça e contente, e lhe reclamasse tudo o que lhe faltava... e parecia-lhe então que Sara fôra momentaneamente a alma d'aquelle ninho que elle enfeitava, amava, e que encontrava sempre mudo, frio, morto, incapaz de corresponder ao seu carinho!

E Ernestina? Parecera-lhe n'esse dia um pouco avelhentada, medrosa de expansão. E teve pena d'aquella alma de creança, fechada em um corpo já em decadencia... Entretanto ella era mais formosa que a filha, e não era á filha certamente que elle amava!

Desde esse dia Luciano não deixou de ir nem

uma só tarde a Santa Thereza E era sempre Sara quem o vinha receber, emquanto Ernestina o esperava, risonha e calma, na sua varanda entrelaçada de flores.

XII

Chegou a noite do baile *masqué*. Fazia calor e luar; o céu tinha poucas estrellas, mas muita luz.

Ernestina trajava um dominó á phantasia, muito unido ao corpo, de seda e rendas pretas, com longa cauda e capuchão seguro ao cabello por brilhantes esplendidos.

Ia elegante na sua seriedade. O seu desejo era de ter ido decotada, com um traje farfalhante e claro, mas teve medo da critica e absteve-se, preoccupada sempre com a opinião dos outros. A's dez horas entraram no baile.

O Nunes abria os seus ricos salões burguezes n'um esplendor de luzes e de flores. Não tivera espirito para reviver na sua festa uma época his-

torica qualquer, em que tudo, convidados e casa, fosse submettido rigorosamente ao estylo e ao figurino do tempo reproduzido. Negociante rico e feliz, pouco affeito aos requintes litterarios, satisfazia condescendente e bondosamente ao capricho da esposa, proporcionando-lhe o ensejo de mostrar a sua casa e os seus jardins formosissimos.

Luciano esperava as Simões na saleta da entrada. Elle riu-se vendo Sara com um vestuario diverso do que haviam combinado. Tinha-lhe aconselhado o romantico costume de Margarida, que lhe fazia valer a belleza das tranças, e ella apparecia-lhe n'uma *toilette* extravagante, sem origem bem determinada e onde o ouro e o vermelho se embaralhavam indiscretamente.

Era uma verdadeira bohemia de opereta com pandeiro, cabello solto, braços nús, saia redonda tilintante de moedas. Sara zangou-se ao deparar com Luciano encasacado, foi logo direita a elle, dizendo que, se todos fizessem o mesmo, não teria graça nenhuma o tal baile *masqué!* Depois de um muchôcho, accrescentou :

— Estou bem ?

— Está linda !

— Se eu não lhe falasse, agora o senhor não me reconheceria... Mamãi acha a minha *toilette* vulgar. Eu estava morta por saber a sua opinião... ainda bem que me acha bonita !

Ernestina ouviu tudo immovel, sentindo um

calafrio percorrer-lhe a espinha. Luciano não desviava a vista da cabeça loura da filha, onde fluctuava a ponta de um lenço de seda vermelha.

N'essa noite ella não lhe pediu como costumava: danse com minha filha, sim? Ao contrario, desejava afastal-o de Sara. Entretanto elles dansavam juntos.

A gentil bohemia fazia tilintar as moedas da saia, em uma alegria barulhenta.

Estava feliz n'essa noite; tinha ditos de espirito e havia sempre um grupo de rapazes a cortejal-a muito.

O Eugenio Ribas não a perdia de vista, procurando todas as occasiões de estar a seu lado. A cousa chegava a dar na vista; algumas pessoas diziam mesmo que o Eugenio era já noivo da Sara Simões. O Nunes, velho amigo de Ernestina, julgou prudente advertir o moço, e elle lealmente confessou adorar a filha da viuva e esperar só um momento opportuno para fazer-lhe a sua declaração. Ernestina soube depressa da resolução de Eugenio e sentiu um allivio inexplicavel. Entretanto, Luciano, n'um zelo de pai, começava a achar embirrativa a assiduidade do outro.

Sara ia-o levando tambem, inconscientemente, atrás de si, de sala em sala, risonha e descuidada, dando-lhe sempre a preferencia, distinguindo-o entre todos os outros.

Elle seguia-a sem saber porque, obedecendo

a um sentimento de protecção que julgava dever dispensar-lhe.

A' uma hora estavam no jardim. Como a noite estivesse quente, seguiram até ao fundo, ao paredão que dava sobre o mar. Pelos relvados circumdavam linhas multicôres de copinhos luminosos e um fóco de luz electrica, partindo do centro do jardim, derramava a sua luz diaphana sobre a verdura reluzente dos arbustos e a brancura marmórea das Venus e das bacchantes nuas.

A vegetação abundante e incomparavel do Rio exhibia alli os seus mais encantadores exemplares. Palmeiras variadissimas, fetus enormes misturavam os seus leques e as suas rendas ás carnudas begonias, ás avencas subtis, ás parasitas de fórmas artisticamente rebeldes e phantasticas, ás rosas, aos cactos, aos jasmins, ás flores ardentes e rudes e ás flores idealmente brandas e leves como flócos de espuma. A folhagem vermelha e côr de ouro velho do croton tinha a seus pés os tapetes rose-dourados dos jasmins-manga, cahidos como um chuveiro de perfume e de luz dos galhos claros da arvore.

Luciano continuava ao lado de Sara, sem saber mesmo porque. Considerava-se agora o seu protector e o seu guarda, n'um zelo mais do que paterno. A moça fugira um pouco á assiduidade importuna do Eugenio Ribas, confessára isso mesmo a Luciano, n'uma confidencia amiga e sin-

cera. A intimidade a que Ernestina os obrigára auctorisava aquillo.

Sara encostou-se ao paredão, olhando para o mar. Uma expressão de indefinivel doçura espalhou-se-lhe pela physionomia, até ahi radiante de alegria. Sobre a sua cabeça extendia os braços uma formidavel magnolia escura, em que as flores pallidas vasavam dos seus copos marfineos o aroma da paixão, violento e entontecedor. Ao longe, do pavilhão das epomeias, vinham os sons da banda com os seus clarins sonoros, e lá em cima, no azul tranquillo do céu, a lua ia rolando, lentamente!

Luciano contemplava extatico a orphã do seu velho rival. Ella tinha os braços nús, brancos e roliços, extendidos para a frente, as mãos sobre as pedras esverdeadas do muro, os olhos entrecerrados acompanhando as ondas, que iam e vinham brandamente, queixosas.

Luciano contemplava-a assim, achando-a bizarra n'aquelle traje quente que envolvia, como uma injuria, o seu corpo delicado e virginal, sentindo-a ao mesmo tempo mais candida, mais ideal, mais doce do que nunca! Aquella scisma e subita melancolia da moça tornavam-n'a como que uma imagem de santa milagrosa, que elle tivesse visto surgir por encanto d'aquellas flores ou d'aquelle mar. Ora desejava vêl-a sempre assim, immovel e serena, ora sentia impetos de a beijar, de a morder, de lhe dizer que a amava!

Sara prendera a meia mascara de velludo ao cinto e no seu rosto largo, onde sempre a expressão de lealdade tinha supprido a falta de delicadeza, iam agora rolando duas lagrimas.

— Em que pensa? perguntou-lhe Luciano commovido, segurando-lhe na mão.

— Em meu pai! Sinto remorsos d'esta alegria que tenho tido hoje...

— Que creancice!

— Será! mas que quer? elle era tão bom! amava-me tanto! e depois... bem sabe, é a primeira festa a que eu assisto aqui, n'esta casa, onde tantas vezes vim em sua companhia! Elle era intimo d'esta familia... Papai e o Nunes eram como se fossem irmãos!...

Sara, excitada pelo excesso da dansa e pelo aroma das flores, poz-se a falar do commendador, relembrando os seus carinhos, o extremoso cuidado que lhe dedicava, a maneira por que se fazia criança para brincar com ella; a sua solicitude e bondade, o modo piegas com que a tratava, chamando-a: — *Jojoia, meu bem!*

Citava factos, descrevendo a sua caridade modesta, a sua honradez sem macula e a rectidão do seu espirito. Dava ao pai uma aureola de santidade, sem esconder comtudo a rigidez austera do seu caracter.

Luciano ouvia-a com uma attenção silenciosa, sympathisando a pouco e pouco com esse homem, que ainda havia alguns dias odiára e que

lhe parecia agora outro através das saudades e das palavras de Sara!

Não analysava os seus sentimentos; esquecia todo o passado ao influxo d'aquella ternura filial, d'aquella voz argentina, molhada de lagrimas, que vibrava no ar perfumado da noite com uma doçura de sonho. Comprehendia agora bem o coração extremoso e leal da moça; sentia-a forte, fiel, sincera e justiceira, alma feita para esposa e para mãi, capaz de todas as luctas, digna de todas as glorias!

Cahia por terra o seu ciume raivoso e elle desejaria agora ver o Simões reassumir milagrosamente o seu antigo posto ao lado de Sara e ao lado de Ernestina!

Quantas vezes a viuva lhe tinha respondido, quando elle maldizia o marido:

— Elle morreu! e ter ciumes de um morto é uma insensatez!

— Não! redarguia-lhe Luciano; eu preferiria ter ciumes de um *vivo*, com quem pudesse luctar e a quem pudesse vencer!

— Mas se elle não tivesse morrido, eu ainda seria casada...

Era sempre esta phrase que tapava a bocca de Luciano, até que elle, entre risonho e agastado, concluia:

— Sim... elle teve ao menos o juizo de morrer a tempo!

Entretanto, Luciano ouvia agora com respeito

e commoção o nome d'aquelle homem havia pouco detestado! O coração abria-se-lhe a um sentimento novo de sympathia e de piedade.

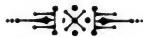
Sentindo-se comprehendida, Sara desabafou as suas maguas. Referiu-se á historia do retrato do pai, á mudança inexplicavel do genio de Ernestina, á maneira por que tirára o luto antes do tempo, o seu nervosismo, o modo por que evitava falar no marido, cujo nome deixára de soar em casa. Aquella ingratidão é que lhe doía muito!

Agitada pelas dansas, pela musica, pelo brilho da noite e o aroma voluptuoso das magnolias, Sara expandia-se, na embriaguez da dôr, falando sempre, revendo-se no olhar de Luciano.

Elle deixou-se envolver de tal sorte que se indignava contra Ernestina, esquecido de que tudo o que ella fizera tinha sido a pedido e a conselho seu! E olhava para a Sara amorosamente, embevecidamente!

Atraz d'elles, suspensos das arvores e de festões de folhas, pendiam as lanternas multicores, como fitas luminosas apanhadas aqui e além pela mão invisivel da noite. A musica do jardim tocava uma fanfarra, os sons dos clarins vibravam tremulos e limpidos, espalhando pelo espaço uma grande sonoridade!

Ernestina approximou-se de braço dado com o Nunes e chamou a filha com voz irritada e as-

pera. Sara baixou humildemente o rosto, illuminado por uma commoção feliz. Seguiram ambas para a *toilette* á procura das capas.

XIII

A ama Josepha rematava uma costura quando sentiu um farfalhar de sedas pelo corredor.

— Um gente? como Yayá vem bonita!

— Escute, Josepha, atalhou Ernestina, eu hoje espero uma visita aqui, em sua casa! Preciso da sala, ouviu?

— A casa toda é sua!...

— Que horas serão?

— São duas...

— Não póde tardar!...

Josepha correu á sala, para tirar de cima do sofá e das cadeiras, camisas engommadas, dos freguezes, que lá tinha extendido, cobertas com uma tarlatana côr de rosa. E n'esse trabalho ia pensando que a Ernestina era uma tonta, mesmo uma creatura muito sem juizo, e concluia:

— Por que diabo não se casará ella de uma vez?!

Quando voltou para dentro, encontrou a viuva Simões em frente do espelho, compondo os anneis do cabello.

Mirou-a toda. Nem um vestigio de luto no seu trage!

Ernestina levava um vestido de seda molle, que lhe cahia rente ao corpo, mostrando-lhe as fórmas delicadas da cinta, do seio e das pernas. Tinha nas orelhas duas saphyras, a pedra da felicidade, que sorriam nas suas scintillações como dois olhos de anjo rebelde. Por toda ella escorria um aroma quente.

— Esse vestido é novo? perguntou a ama.

— É; não vê que tem a côr da moda?

— Azul... ou cinzento...?

— Azul electrico.

— Ah!... não sei que mais hão de inventar! Yayá agora anda muito chic!...

Ernestina sorriu; mas depressa as sobrancelhas contrahiram-se, formando-lhe uma ligeira ruga acima do nariz; esteve um momento silenciosa, pensativa e immovel; tornou, porém, depressa a alisar com a mão a seda do corpinho. Tirou do bolso uma caixinha redonda, pouco maior do que uma noz, abriu-a, puxou por um pompon quasi microscopico e agitou-o sobre o rosto com toda a subtileza, espalhando uma nuvemsinha de pó de arroz.

— Yayá sempre dizia que não havéra de usá nunca essas coisas!... observou a ama.

— Eu era moça! e hoje...

Houve um relampago de odio a fuzilar-lhe nos olhos...

— E' velha?! perguntou a outra rindo.

Ernestina não respondeu; limpava com a ponta da toalha humedecida na agua as pestanas e as sobrancelhas, que se desenhavam negras e finas n'uma leve curva harmoniosa. Depois, sacudiu os hombros com o lenço, examinou os dentes, as unhas... e prestou o ouvido attenta; sentira passos... mas os passos passaram e ella então disse com um sorriso ironico:

— Uma mulher apaixonada não deveria nunca envelhecer.

Bateram. Josepha correu a abrir a porta da sala; Ernestina relanceou a vista para o espelho e murmurou n'um desafio quasi triumphante:

— Sara! vamos a ver qual de nós duas vence!

Dois minutos depois, ella entrava na sala. Luciano foi ao seu encontro com um modo embaraçado, comquanto affavel. Ernestina fixava-o com altivez.

— Chamou-me e aqui me tem, disse ella procurando sorrir.

— Comprehende porque não lhe pedi que fosse antes a minha casa.

— Não...

— Não?!

— Não.

— Devéras? E riu-se. Depois, n'um tom ora precipitado, ora lento:

— Pois vae comprehender. Trata-se de minha filha.

Luciano não poude reprimir um movimento de surpreza. A viuva observou-o um instante e continuou:

— O senhor tem tido varias vezes a barbara franqueza de me dizer que a não póde supportar! Ella, além de todos os defeitos da má educação, tem a enorme desvantagem de ser o retrato do pae!... Ora, reflectindo em tudo isso e de accordo com uma idéa sua, já mais de uma vez manifestada, resolvi uma cousa: — casal-a!

Luciano estremeceu, mas continuou silencioso e serio. Ernestina tinha o olhar cravado n'elle, procurando estudar-lhe os gestos e penetrar-lhe no pensamento. Aquelle olhar cheio de fogo e de paixão perturbava-o tanto como as palavras que ia ouvindo.

— É já tempo de lhe declararmos o nosso amor e os nossos projectos. Para que o casamento se realise, é forçoso separar-me d'ella... assim o senhor me tem dito... Aconselhe-me agora.

Luciano quiz falar, mas deteve-se. Ernestina esperou um segundo.

— Porque não responde?! O senhor nunca teve cuidado em esconder de mim o mal que lhe

queria! Disse-me muitissimas vezes que a achava intoleravel, mal educada, auctoritaria, feia e antipathica! Foi por sua causa que eu a mandei para Friburgo; foi por inexplicaveis pedidos seus que escondi até hoje as nossas intenções, como se ellas fossem criminosas.

«Não me tem custado pouco o mentir á minha filha, acredite! Se ella não tivesse por mim a veneração, o amor absoluto que me faz parecer a seus olhos a mais pura e a melhor das mulheres, que julgaria de mim?!

«Muitas vezes o senhor me tem dito que pareço indifferente ao seu amor, e fria!... Entretanto, fique certo de que a minha frieza e indifferentismo teem-me custado um grande esforço, porque bem sabe que o amo com vehemencia, que o amo com paixão!

A voz de Ernestina tinha uma sonoridade nova, ondeando, entre a censura e a queixa, e a maneira accentuada e firme porque falava revestia-a de um encanto singular.

Houve uma pausa; a viuva Simões cortou-a com azedume:

— Devemos casar Sara quanto antes.

— Casal-a... balbuciou Luciano como um éco.

— Sim! o Eugenio Ribas ama-a, e como é seu amigo, lembrei-me de uma cousa...

— É verdade?!

— É certo; e o que o senhor tem a fazer é o

seguinte : — Vá ter com o Eugenio, promptifique-se a pedir a mão de minha filha, depois...

— Depois ?

— Vá á minha casa e consulte a opinião de Sara ; elogie o rapaz, que é na verdade digno. Em seguida poderemos declarar-lhe as nossas intenções...

Ernestina falava com uma linguagem estudada, reprimindo os sentimentos, domando-os por um esforço de vontade que já não podia sustentar.

Contemplaram-se por algum tempo silenciosos. Luciano com espanto. Ernestina com altivez: por fim, elle disse baixo, n'um tom magoado:

— É impossivel !

— Impossivel ! porque ?! Não tem sido o senhor mesmo a insinuar, a aconselhar, a exigir mesmo, que eu case minha filha? ! Além de tudo, ella ama o Eugenio...

— Ah !

— Adora-o !

— Confessou-lhe isso já ? perguntou Luciano.

A viuva não teve coragem de sobrecarregar a sua impiedosa mentira e, córando um pouco, accrescentou :

— Sei que ella o ama... vive a falar n'elle a proposito de tudo... basta ouvir-lhe o nome para embaraçar-se... surprehendi-a pedindo á Georgina noticias d'elle... É natural, são ambos moços... são ambos bonitos...

— Sim... são ambos moços... Luciano baixou a cabeça entristecido por aquella confidencia, pensando na felicidade do outro. Ernestina comprehendeu-o talvez e agarrou-lhe na mão com doçura, falando-lhe baixinho e tratando-o pcr tu, pela primeira vez.

— Oh! meu Luciano, como te amo! como eu te quero bem! Havemos de ser felizes... ha tantos annos já que nós sonhavamos com essa felicidade!... Lembras-te? Eu era ainda menina! Quando vesti o meu primeiro vestido de mulher, eu já te amava! foste tu que despertaste o meu primeiro sonho... serás tu quem me feche caridosamente os olhos quando eu morrer, beijando-te! Meu marido! Meu marido! Luciano! Lembro-me ainda de todas as palavras que me dizias ha vinte annos!... Dize-me outra vez que me amas!... Estás triste!... Eu daria todo o meu sangue para que fosses feliz! Amo-te assim.

Luciano ia sentindo reviver pouco a pouco o seu amor. Sara amava outro? que amasse! Era tempo de acabar com aquillo; que se casassem depressa e lhe fugissem dos olhos.

Ernestina falava agora, falava sempre, já sem calma, febril, desatando phrases de queixa, de censura, de desespero e de amor, deslumbrando Luciano com a sua voz quente, a sua formosura miraculosamente rejuvenescida n'essa hora de enlevo e de paixão ardente e concentrada.

Elle já não a observava com reserva, mas com admiração.

A pouco e pouco a pallidez mate, o luminoso olhar da viuva, toda aquella febre em que ella se revolvia, iam-lhe accendendo desejos de a apertar nos braços. Ella percebeu isso e postou-se defronte d'elle, com o corpo arfando sob a seda molle do vestido e a cabeça inclinada como a pedir lhe beijos.

Luciano ergueu-se desvairado e quiz beijal-a, ella furtou-se a isso n'uns movimentos arredondados e languidos, e, baixando a cabeça muito risonha e feliz, disse-lhe quasi n'um murmurio :

— Depois...

Foi então Luciano quem prometteu ir falar ao Eugenio e combinou a maneira de o fazer sem indiscrição. A viuva envolvia-o n'um longo olhar voluptuoso e perturbante, elle ia promettendo tudo quanto ella queria e mandava.

— A'manhã ficará tudo acabado ? perguntou-lhe por fim Ernestina.

— Assim o espero.

— Adeus !

N'essa tarde, Ernestina ao tirar no seu quarto o lindo vestido de seda, parou em frente ao espelho, olhando para os braços e o collo nús, de um moreno delicado que a luz tingia de um reflexo dourado. Contemplou-se por muito tempo e concluiu triumphante :

— Sara é moça, mas eu sou mais bonita !

Luciano sahira tonto! As palavras de Ernestina, o seu corpo esbelto, as attitudes provocantes, o aroma forte que a envolvia, e aquella scena de paixão e de enleio, tinham-n'o alvoroçado. Elle acostumara-se á serenidade um tanto fria da moça; o seu amor por ella já se ia tornando n'um habito mais digno do nome de amisade. Agora, porém, as cousas mudavam e elle sentia que iam mudando a tempo.

Durante todo o resto do dia, vibraram nos seus ouvidos as expressões queixosas de Ernestina, e as narinas dilatavam-se-lhe, sentindo como que impregnada a essencia d'ella no seu fato, na sua propria pelle!

A' tarde deveria procurar o Eugenio, mas as primeiras horas da noite ainda o encontraram em casa, e em casa ficou sem resolução, atado. A verdade era que, com o correr das horas, Ernestina ia cedendo o logar á filha, e elle soffria querendo e não podendo cumprir a extravagante missão que lhe déra a Simões.

Luciano mesmo estranhava aquella indecisão. Sara não lhe era nada, havia poucos dias apenas que percebera que ella não era feia e que tinha espirito. Procurava abster-se de pensar n'ella, mas o pensamento teimoso voltava a reproduzil-a n'um deleite amargo. A' proporção que o tempo avançava, elle enfraquecia no proposito de obedecer á viuva. Não comprehendia agora o amor de Sara por Eugenio Ribas.

Suppunha a confidencia de Ernestina um estratagema.

Elle tinha julgado lêr nos olhos de Sara, essas estranhas pupillas ora castanhas ora azues, alguma cousa de infinitamente doce, uma promessa, um sonho, um vôo de pensamento que parecia dirigir-se a elle.

Com a ausencia, o vulto de Ernestina ia-se esfumando no seu espirito, e n'uma irradiação de luz elle via Sara, dizendo-lhe na sua grande franqueza :

— Amo-a!

E era toda essa graça, lealdade e candura, toda essa mocidade e alegria que elle ia offerecer a outro, a um estranho, que a não comprehenderia nunca, talvez! Esposa...

Elle tambem a preferiria para esposa, quereria ser elle a conduzil-a ao altar, a chamal-a — minha!

Em toda a sua vida era a primeira vez que essa palavra simples assumia no seu pensamento proporções tão bellas! e Sara haveria de sagrar essas trez syllabas divinas com as suas qualidades perfeitas, seria esposa amoravel e honesta a quem a mentira repugnasse e o sacrificio aprouvesse!

Não se resignando a falar ao Eugenio Ribas n'esse mesmo dia, Luciano sentou-se á meza e escreveu longamente á viuva Simões. Allegou necessidade urgente de partir n'essa madrugada

para Minas, para onde o chamava, por telegramma, um velho parente moribundo...

Addiava tudo para a volta.

Luciano escreveu aquillo com a convicção de poder mais tarde vencer a sua vontade e apressar o casamento de Sara. Entretanto, percebia bem: se Ernestina era para elle a mulher de fogo que lhe queimava a carne, a filha era a mulher de luz benéfica que lhe illuminava o futuro, e elle amava a ambas, a uma com os sentidos, a outra com o coração.

XIV

Fazia um calor abafadiço e medonho.

Pelas janellas abertas da sala via-se a cidade coberta por um pesado véu cinzento da atmosphera enfumaçada e densa.

As plantas enlangueciam no jardim e a areia faiscava na sua alvura brilhante.

Ernestina estava na sala, onde o retrato do marido reassumira o seu antigo posto. Cahira n'um grande abatimento.

A carta de Luciano tinha-a amargurado. Era evidente que elle fugira á entrevista com o Eugenio Ribas. Amaria então muito a filha? Era isso o que a desesperava.

Comprehendia finalmente que não soubera inspirar a Luciano mais do que uma paixão car nal. O coração e o espirito tinham vivido alheios. Elle quizera um galanteio e ella dera-lhe todo o seu amor.

Envergonhava-se de ter sido tão credula; se o tivesse tratado com desdem, elle, adoral-a-hia talvez! pensava ella.

Tornou a ler a carta, e amarrotou-a com desespero. Vendo fugir o noivo sentia recrudescer a sua paixão. Amava-o como nunca!

A rivalidade com a filha exacerbava isso. A mocidade de Sara era a sua tortura. Invejava aquelles dezoito annos, aquella alma primaveril, aquelle rosto fresco e tranquillo. Estremecia, com medo da velhice, da sua fatal e terrivel decadencia que sentia já perto, muito perto!

Supprimir Sara, pelo casamento, era o seu sonho de ouro! Na sua imaginação doente surgiam idéas extravagantes. Pensou em ir ella mesma, procurar o Eugenio Ribas, ou fazer-lhe constar, pelo Nunes, que daria um grande dote á filha...

Ernestina era delicada e repelliu depressa essa lembrança. Seria expor a filha a commentarios, isso nunca! Como sahir d'aquelle embaraço? Queria vencer, custasse o que custasse. Seria abominavel que Luciano lhe fugisse uma segunda vez! A sua esperança era de que a filha não retribuiria nunca o amor d'elle!

Ernestina imaginara que haveria de ser cada vez mais amada, exactamente por não ter cedido aos desejos e solicitações do noivo e eis que via agora desmoronarem-se todos os seus calculos e aspirações.

Enraivecia-se contra Luciano! Imaginava os

mais estranhos e exquisitos meios de prendel-o a si. Já não importava tanto que elle amasse a outra, comtanto que se casasse com ella!... Ser abandonada sendo formosa e livre, era uma monstruosidade! Depois, Ernestina já se humilhava a que o Luciano se deixasse amar, unicamente desde que pudesse dizer alto á vista de toda a gente, a verdade que sepultava na alma havia tanto tempo! Ser feliz com elle, por elle, dedicar-se-lhe completa, absolutamente, era o seu sonho.

Tinha fé que todo o seu carinho, todo o seu amor e cuidado captivariam o marido mais do que haviam captivado o amante!

No meio d'estes pensamentos, que se atropellavam desordenadamente no seu cerebro, a viuva foi interrompida por Sara que entrando na sala foi direita a ella.

Mãi e filha olharam-se, como adivinhando-se.

Subitamente a moça, que era como fôra o pai, de uma franqueza arrojada, disse n'um tom sacudido e firme:

— Tenho que lhe dizer.

— Ah!...

— Deu-me hontem a entender que o Eugenio Ribas quer casar commigo...

— Sim, quer.

— Pois eu não quero.

— Oh! Elle é um moço excellente, muito bem educado...

— Seja o que for; não gosto d'elle.

— Minha filha! repara que elle faria a tua felicidade!...

— Não. Emfim mamãi, eu só lhe peço uma cousa...

Ernestina ouvia-a, suspensa.

— Se elle vier pedir a minha mão, não me consulte; diga-lhe logo que eu amo outro.

— Amas outro?!

— Sim.

— Quem é esse outro? perguntou Ernestina com medo, com uma voz abafada, segurando-se ao braço da filha.

— Luciano.

— E' mentira! exclamou Ernestina já de pé e com raiva, é mentira!

Sara olhava-a com pasmo; a viuva deteve-se um minuto, depois puxou-a para si, beijou-lhe as tranças, as faces, os olhos e murmurou quasi n'uma supplica:

— Ah... dize-me que é mentira!

Sara não respondeu: olhava-a sempre com o mesmo olhar espantado e mudo.

A mãi levou-a até o sofá, fel-a sentar-se, sentou-se ella tambem e segurando-lhe nas mãos deixou-se resvalar até ficar quasi de joelhos aos pés da filha. E foi assim, com os olhos empanados de lagrimas que ella disse:

— Eu tambem o amo, Sara, eu tambem o adoro!

A moça teve um gesto de horror e de susto a mãi proseguiu:

— Escuta! para ti elle é um amor que começa, um capricho de criança talvez, que se apagará depressa; e para mim elle é a vida, toda a minha mocidade! Eu era ainda mais nova do que tu e já o amava!

Abandona essa idéa! tens um futuro tamanho!... amarás depois outro homem, mais novo, mais bello, mais digno de ti! Eu é que estou no fim... eu é que já não tenho esperança e que morrerei se elle me desprezar!

Sara, com o rosto voltado para fóra, não respondia. Ernestina supplicava-lhe:

— Olha para mim! Não imaginas o sacrificio que tenho feito para te esconder este amor! E elle é tão velho em meu coração! Quando eu te gerei, quando te sentia nas minhas entranhas ou que te suspendia no meu seio, elle já palpitava em mim, com o mesmo fogo, com a mesma violencia!

Sara voltou os olhos para o retrato do pai e duas lagrimas grossas deslisaram-lhe devagar pelas faces.

Surprehendendo a dolorosa piedade que aquelle gesto exprimia, Ernestina murmurou:

— Respeitei sempre teu pai e procurei por todos os modos fazel-o feliz... Se o meu coração era de outro...

A filha suffocou-lhe a phrase tapando-lhe a bo-

ca com a mão, fria e nervosa. Houve uma pausa, ouvia-se a cançada respiração de ambas. Sara retirou a mão com um movimento brusco, Ernestina soluçou baixo:

—Dize-me que lhe fugirás!

Sara não respondeu.

—E has de ser tu, minha filha! quem me roube a ventura com que desde menina sonho! Sara! eu sou uma louca! Ah! na minha edade as paixões são assim, levam a estes desatinos! Como é cruel a velhice!... como tu és feliz, minha Sara!

Ernestina cobrindo de beijos a mão gelada da filha foi-lhe contando tudo baixo e precipitadamente.

Revelou assim, n'uma doidice indiscreta, as promessas e exigencias de Luciano, os seus conselhos e até os seus ditos ferinos contra a filha!

Já exhausta, Ernestina deixou-se cahir sentada na alcatifa. Sara então levantou-se, atravessou a sala sem olhar para traz e sahiu. A mãi ficou só com o rosto sumido no estofo de um *fauteuil*, soluçando alto como uma doida!

XV

Sara encerrou-se no seu quarto. Sentia-se atordoada e oppressa. Esteve longo tempo á janella com os olhos parados no azul acinzentado do mar.

A pouco e pouco via esclarecidas muitas passagens de outr'ora: phrases ironicas e seccas de Luciano, attitudes constrangidas da mãi e mesmo certos ditos levemente maliciosos da Georgina, que tinha sido, como sempre, muito mais perspicaz do que ella...

Isso tudo vinha-lhe á memoria demoradamente, como se umas cousas arrastassem outras.

Mas afinal, o que tangia com mais dor no seu coração, eram aquellas pungentissimas palavras da mãi, referindo-se á antiguidade do seu affecto: «*Quando eu te gerei, quando te sentia nas minhas entranhas ou que te suspendia no meu seio, elle já palpitava em mim com o mesmo fogo, com a mesma violencia!*»

Eram essas expressões nervosas e apaixonadas que soavam mais repetidamente aos ouvidos da moça.

Por que se teria casado a mãi! Por que teria mentido áquelle santo, que se não fosse a filha estaria completamente esquecido na terra? Envergonhava-se como se, por ter sido concebida sob a influencia d'esse amor, tivesse comparticipação no crime da mentira. Votava tal adoração á memoria do seu querido morto, que, mais pequena ainda que tivesse sido a falta, lhe pareceria uma monstruosidade! Amar um homem e casar com outro era, aos seus olhos castos, uma ignominia! Que mysterio haveria em tudo aquillo? Por que não se teriam elles declarado e unido se eram ambos livres?! Começava a duvidar da honestidade da mãi; queria-a toda voltada para áquelle que a amara, leal, exclusivamente!

A confissão de Ernestina fôra até á brutalidade. Para que desvendar-lhe as queixas e antipathias de Luciano? Não precisava d'isso para comprehender agora tudo: a retirada do luto antes do tempo... a historia do retrato... o seu afastamento para Friburgo... os gestos e conversas com que procuravam livrar-se d'ella...Lamentava ter vasado a sua alma no coração de Luciano n'aquella terrivel noite do baile. O seu amor transformara-se subitamente em odio. Execrava Luciano, não comprehendia mesmo como o ti-

vesse amado! E amara-o talvez por tanto ouvir fallar d'elle; á força de vel-o na intimidade da casa, de respirar aquella atmospheia em que o nome d'elle, o gosto d'elle, a vida d'elle pareciam impregnar-se; fôra talvez por ter sido tratada por elle com pouca attenção... Nascera esse amor do resentimento, morria na raiva!

Sara começou depois a passear pelo quarto, mordendo as mãos, sacudindo os hombros em movimentos fortes, sobresaltada, coberta de vergonha só com a idéa de que Luciano adivinhara o seu primeiro amor! que a vira chorar, que demorara nas suas pupillas enternecidas os olhos perfidos, que lhe apertara as mãos com modo enamorado, sentindo-a d'elle... toda d'elle! Revia tudo: as vozes... as luzes... o mar... as flores... o seu nome suspirado por elle, n'um enlevo... aquelle perfume, aquelles batimentos de coração... aquelle despertar no amor, que a commovera tanto!

Enganada, enganada! pensava ella com asco de si mesma, como se tivesse sido um crime a sua credulidade. A mãi tinha-lhe mentido. Tinham-lhe mentido todos que a rodeavam!

Começava a odiar toda a gente.

De repente estacou; a visita do Rosas occorreu-lhe como a lembrança da maior ignominia de toda a sua vida. E a mãi, que a tinha deixado chorar, e soffrer tanto.

Pensou logo que Ernestina já não a amasse.

Cuidou mesmo que ella talvez desejasse a sua morte...

O calor suffocava-a. Sentia um novello na garganta, que lhe tapava o ar. Foi ao lavatorio, enxarcou a toalha de rosto na agua do jarro e envolveu-se n'ella.

N'isso a Simplicia passou rente á janella cantando, em um disfarce, para ver o que se passava lá dentro do quarto da moça. Sara retrahiu-se, envergonhada, lembrando-se de phrases da mulata, percebendo a sua curiosidade.

Toda a gente sabia do amor da viuva por Luciano, só ella ignorara tudo! Simplicia, voltou, ondulando o seu corpo de cobra em movimentos preguiçosos, cantarolando entre dentes.

Era demais! Sara fechou violentamente as venezianas e recomeçou agitadissima a passear de um lado para outro.

Até as negras de casa queriam vigial-a!

Suppoz que tivesse sido aquillo mandado pela mãi, e rasgou-lhe o retrato n'um impeto, arrancando-o da sua cabeceira, onde elle sorria junto do retrato do esposo!... Depois atirou ao chão a photographia despedaçada, e voltou-se religiosamente para o retrato do pai.

Amava-o mais do que nunca! Beijou-o, disse-lhe baixinho tudo que ia voando pela sua imaginação...

Queria vingar-se e vingal-o, remir os beijos que a mãi lhe déra, pensando no outro; fazel-os

amargar aquelle crime; anniquilal-os entre as suas mãos frageis... A vergonha de ter amado Luciano, de lhe ter demonstrado o seu amor nascente, punha-a vermelha, tremula, excitada. Como podia isso ter sido, santo Deus? Agora chamava-lhe miseravel, cão, cão!

Tinha vontade de soccorrer-se em alguem, e achava-se só no mundo, completamente só!

Sara pestanejava, sentindo nas pupillas seccas uma impressão dolorosa, como se as tivessem polvilhado de areia quente. O sangue tingia-lhe todo o rosto de um rosado vivissimo e ella apertava com as mãos geladas as fontes palpitantes. A toalha resvalara-lhe dos hombros para o chão, e, através do vestido molhado, via-se-lhe tremer a carne das costas em convulsões repetidas. O pai olhava-a com o mesmo olhar mudo e frio. A moça deitou-se abatida por uma vertigem que a socegou momentaneamente. Depois abriu os olhos para o tecto nú. Voltou-lhe o conhecimento das cousas. As lagrimas não vieram, mas veiu a febre.

XVI

Eram 11 horas da noite; no quarto de Sara havia um rumor baixo de vozes e um forte cheiro de mostarda com que synapisavam a doente. A lamparina espalhava uma claridade morna e discreta. No papel branco da parede o cortinado da cama desenhava em sombras movediças as suas rosas, pampanos e fetos. Sara estava alli deitada de costas no seu leito de virgem, com os olhos cerrados, immovel como a imagem de um tumulo. A mãi mudava-lhe os synapismos, ajoelhada no chão, com as mãos sumidas em baixo dos lençoes, os olhos vermelhos, maltratados pelo choro.

O medico examinava com attenção o remedio acabado de chegar da botica.

— Dêem-me uma luz! pediu elle, impaciente, revirando entre os dedos magros o frasco do xarope.

A Anna chegou uma vela, fazendo com a mão anteparo, para que a claridade não batesse no rosto da doente.

— Erraram a formula! erraram como burros! gritou o doutor, lendo com attenção o rotulo e mirando a côr opalisada do remedio.

Ernestina voltou-se; o medico abrira o frasco e lambia a ponta do dedo molhada no xarope.

— Peço remedio e mandam-me veneno, resmungou o medico zangado, pousando o vidro sobre a commoda.

— E agora? perguntou-lhe Ernestina.

— Agora é preciso mandar buscar outro.

— Chamem o João! gritou a viuva para dentro.

O medico escreveu, exigindo que fossem a outra pharmacia.

— Eu não quero que minha filha morra! gemeu Ernestina.

— Não morrerá, descanse...

— Não me engana, doutor?!

— Estas doenças cerebraes são graves, são gravissimas .. mas espero que havemos de triumphar.

— Oh! o senhor não tem a certeza!

— Sua filha tem um temperamento sanguineo, muito forte... mas, Senhor, que determinaria isto?!

Era a vigesima vez que elle fazia aquella pergunta. Ernestina suspirou, muito oppressa.

— D'aqui a uma hora dê-lhe uma colher de xarope. Depois só o calmante.

A viuva acompanhou o medico até á porta repetindo a pergunta:

— Ha perigo... ha muito perigo?!

— Não posso dizer nada... por emquanto... respondeu o medico embaraçado.

Ernestina juntou as mãos, afflicta.

— Amanhã deve apresentar melhoias... murmurou elle, procurando consolal-a. Elle sahiu, Ernestina voltou cambaleante para o quarto da filha.

Approximou-se do leito; Sara tinha os olhos abertos, mas fixos, mudos.

— Meu amor... como estás?

Sara não se moveu. Ernestina recuou, chorando, para um recanto mais sombrio do quarto.

Havia já muitos dias que aquillo era assim; dias e noites passadas n'aquelle canto, com as mãos nos joelhos e os olhos na filha. De vez em quando levantava-se; Sara gemia, ella ia arranjar-lhe a roupa, beijal-a, pedir-lhe perdão, baixinho, com toda a humildade e ternura; sem obter nenhum olhar em resposta, voltava para o seu canto, lugubremente. Rezava então de um modo desordenado e afflicto, encolhendo-se na cadeira, com verdadeiro pavor do retrato do marido que continuava suspenso sobre a cabeceira da cama, e que parecia estar alli para proteger a filha e arguir terrivelmente a esposa. A viuva via

incessantemente esta pergunta atroz nos olhos d'elle:

— Que fizeste de nossa filha ?!

Sara balançava-se entre a vida e a morte. A mãi não sabia de mais nada; estava sempre alli sem dormir, sem se despir, quasi sem comer, com o rosto transformado, o cabello em desalinho, os labios a murmurarem preces e promessas:

— «Meu Deus! se salvares minha filha eu vestirei dez orphãos pobres e dar-lhes-hei educação...

Virgem Maria! se déres saude á minha filha, eu irei descalça, como a mais humilde e pobre das creaturas, angariar esmolas para os velhinhos fracos e aleijados!...»

Ao medico ella supplicava, de joelhos, que lhe salvasse a filha, promettendo-lhe fortunas e coisas impossiveis!

Quando a noite chegava, era horrivel! Via-se sósinha; a filha parecia-lhe, ás vezes, moribunda, outras vezes morta.

Então tinha medo de se chegar á cama, arrastava-se de joelhos e rezava ao retrato do marido como rezaria a uma imagem sagrada. Ella era a culpada de tudo!

O remorso juntava-se á dôr. Agora a sua felicidade seria ver Sara feliz.

O seu amor era um crime! Pedia perdão a Deus, promettendo-lhe altares de ouro se elle salvasse Sara!

N'aquella noite Ernestina estava mais agitada do que nunca. O cansaço physico juntava-se á fadiga e tortura moral. Ella revoltava-se contra o corpo, sentindo por vezes vacillar-lhe a vista e a rasão.

No silencio profundo da noite, a badalada da uma hora soou como um grande suspiro de agonia. Ernestina levantou-se e foi direita á commoda.

O medico tinha recommendado vigilancia e extrema pontualidade nas horas do remedio... Ella tomou o vidro por onde o remedio coava uma boa côr opalina e approximou-se do leito. Sara tinha os olhos abertos, mas como se não vissem; a mãi agitou-a, ella moveu a cabeça com um gemido... Ernestina chegou lhe a colher á bocca, a moça cerrou apertadamente os labios. Foi então uma lucta até que a mãi forçou-a, batendo-lhe com a colher nos dentes, a tomar o remedio; chegava a ser brutal, mas queria a todo o custo a salvação da filha! Sara não poude engulir o xarope, gorgolejou-lhe na bocca e sahiu espumante, escorrendo-lhe pelo queixo. Desesperada, Ernestina deu-lhe outra colher e tapou-lhe depois rapidamente a bocca, com a mão espalmada. A doente enguliu com ruido, e ficou-se, como d'antes, immovel. A viuva beijou-a de vagar, como a pedir perdão por aquella violencia, e levantou-se; mas ao voltar-se estremeceu! Sobre a mesa de cabeceira estava o outro vidro de xarope.

De repente lembrou-se de tudo e viu o seu erro. Enganara-se nos remedios. Comparou os dois frascos, eram eguaes no tamanho, eram quasi eguaes na côr... mas n'um estaria talvez a salvação, no outro estava com certeza a morte!

E fôra a morte que ella levara á sua amada, á sua idolatrada filha!

Ernestina correu para fóra, gritando pelos criados: tornou depois a entrar no quarto, e pareceu-lhe que as pupillas de Sara se tinham dilatado muito e que na sua pelle branca e pallida desabrochavam manchas violaceas. Tornou a sahir e foi bater com ambas as mãos na porta do quarto das criadas, que já se vestiam estremunhadas e afflictas. Quiz tornar para o lado de Sara, não teve coragem e atirou-se para o jardim.

A casa do hortelão era ao fundo, meio encoberta pelos pés de murta, ao lado da horta. Ernestina correu para lá, pisando nos canteiros, colerica contra os espinhos das roseiras que a obrigavam a parar, prendendo-lhe o vestido que ella estraçalhava.

O João acordou assustado, ouvindo a voz da patrôa que lhe ordenava de ir chamar o medico, depressa, muito depressa. Elle respondeu que sim, com a voz empastada, cheia de somno.

— Chame tambem um padre! Minha filha morre!

Ernestina voltou para dentro mais uma vez.

Seguiu pelo corredor com as mãos no ar, o peito arfante. Esbarrou na porta do quarto de Sara, sem forças para entrar, com medo da morte. Esteve algum tempo inerte, encostada no humbral, repetindo baixo, n'um tremor nervoso, matei minha filha... matei minha filha... matei minha filha... Espreitou de longe, por fim; criadas rodeavam a cama de Sara. Lembrou-se de repente de ir buscar Luciano; Sara amava-o, só elle a poderia salvar!

Seria o amor o Christo que resuscitasse aquelle corpo exanime e que fizesse erguerem-se, na miraculosa paz das almas satisfeitas, aquellas palpebras immoveis e aquella pallida cabeça de moribunda! Só o amor teria o poder magico de acordar aquella carne que nem os seus beijos, nem as suas lagrimas faziam estremecer!

Ernestina sahiu para a rua e correu pelo morro abaixo, n'um atordoamento. Ia buscar Luciano, o seu amado, o seu sonhado esposo, e dizer-lhe: confesse o seu amor a minha filha e salve-a!

O caminho estava negro, a viuva sentia o vestido embaraçar-se-lhe debaixo dos pés; tropeçava a miudo, cahiu uma vez, ergueu-se; e foi seguindo.

Não levava nem chapéo nem chale, e o vestido leve, caseiro, mal a resguardava da chuva que principiava a cahir.

Uma patrulha cortou-lhe o caminho; ella disse-lhe, entre soluços: — Vou buscar Luciano,

minha filha morre! E com tal dôr disse aquillo, que a policia deixou-a passar, atravez da noite, sósinha na sua angustia!

A chuva cahia do céo ennegrecido; as casas estavam fechadas e mudas, as ruas solitarias, os lampiões de gaz pareciam tochas funebres, accesas de longe em longe, e os passos da viuva Simões soavam no meio d'aquillo tudo de uma maneira irregular, nervosa, triste.

Chegou quasi morta á rua do Riachuelo; encostou-se á parede d'um predio, tacteou a campainha electrica e vibrou-a sem interrupção até que lhe abriram a porta. Era a casa de Luciano; o criado reconheceu-a logo, e não poude conter um murmurio de espanto,

— A senhora aqui!... a estas horas! balbuciou elle.

Ernestina não respondeu; galgou os degraus e seguiu esbarrando nos moveis e nas paredes até perto do quarto de Luciano, para onde gritou com toda a sua alma, n'um ultimo esforço:

— Luciano! Luciano! matei minha filha! Salve minha filha!

Ernestina não poude suster-se por mais tempo em pé. A vista escureceu-se-lhe, os joelhos vergaram-se-lhe e ella cahiu desmaiada.

Quando Luciano entrou na sala ella ainda estava estendida no chão.

O criado illuminava a scena, com os olhos espantados. Vendo o amo, perguntou indeciso:

— Ella diz que matou a filha... quer o senhor que vá avisar a policia ?!

— Quero que vás chamar um carro, oh burro! pois não vês que ella morre ? !

Luciano tinha chegado n'esse dia da viagem a Minas, arranjada como pretexto para addiar as explicações com o Eugenio Ribas. Nada sabia ácerca de Sara, temia escrever a Ernestina em quem pensava, quando longe, como n'uma doce amiga de infancia, e quando perto, no alvoroço dos sentidos, como na mais desejavel das amantes ! Aquella mulher era um enygma !

Desde os tempos antigos, da sua primeira paixão, que elle lhe fugira por medo !...

A belleza de Ernestina era então de uma singularidade atormentadora ! Vira sempre n'ella a tentação da carne, chamando-a por isso, de : — virgem inconscientemente peccaminosa ! Nunca lhe occorrera dar-lhe uma flor. Se pensava em presenteal-a, vinham-lhe á idéa pedrarias caras, engastadas em metaes rijos e vistosos.

A não ser como amante, lasciva e ardente, elle só podia conceber Ernestina casar-se com um principe poderoso ou um d'esses homens phantasticos, das lendas, que a vestisse de roupas sumptuosissimas e a fizesse servir em baixella de ouro. Era a mulher destinada, pela sua formosura emocionadora, ao luxo, á grandeza e ao amor !

Não que o seu rosto fosse de linhas puras, nem que as suas palavras denunciassem a volupia; aquelle ardor, aquelle dominio, vinham da sua pelle, do seu olhar, do seu porte e do seu sorriso.

Decorreram annos depois de tudo isso; agora elle sabia-a boa e honesta; a sua vida de casada fôra doce, invejavel, simples, recta! Inda assim, era sempre a mesma impressão exquisita, meramente sensual, que essa mulher produzia n'elle!

Lamentava-se d'isso agora que, pela convivencia, conhecia as maneiras e idéas severas de Ernestina, sempre tão correcta e tão fria.

Aquella scena em casa da ama Josepha enchera-o de assombro e de piedade. Calculava o sacrificio que teria custado á viuva o seu coquetismo quasi canalha.

Ella ahi estava agora a seus pés, com o vestido sujo de lama, o cabello solto, os olhos dentro de um circulo negro.

Luciano, attonito, curvou-se para vel-a bem de perto.

O criado repetiu:

— O senhor fará o que entender... mas eu sempre achava bom avisar a policia...

— Um carro, já disse! gritou Luciano com raiva; e emquanto o outro sahia a procurar um carro, elle fixava com susto a physionomia da viuva.

— Que se teria passado? As hypotheses voa-

vam-lhe doidamente pelo espirito. Suspendeu a viuva, pol-a no sofá agitando-lhe a cabeça n'uma almofada.

Julgava-a victima de uma febre. Era delirio tudo aquillo: a sua vinda e aquellas palavras horriveis que o tinham despertado de um modo tão cruel.

— «Matei minha filha ; salve minha filha !»

Luciano vestira um robe de chambre ao conhecer a voz de Ernestina, apressando-se em vel-a: agora fazia rapidamente a sua *toilette*, com o ouvido á escuta e o coração aos saltos.

Sara... Sara! meu Deus! que haveria de verdade em tudo isso? A ser delirio, não teriam deixado a doente sahir áquella hora... sósinha... Loucura? Quem sabe?... Mas como? porque teria enlouquecido Ernestina?... E no fundo do seu espirito debatia-se o medo de que realmente a viuva tivesse estrangulado a filha em um momento de ciume...

Ao mesmo tempo a razão lembrava-lhe o amor d'aquella mãi, para quem a filha era o symbolo da perfeição na terra, o inexhaurivel manancial de todos os bens! Impressionado e perplexo, elle procurava ás vezes interrogar a viuva, mas curvava-se para ella, sem animo de a despertar, abandonando-a n'aquella vertigem que a immobilisara completamente.

A chuva tinha engrossado e batia agora com força nos vidros da janella.

Luciano ia e vinha do quarto para a sala, esperando a todos os momentos o carro, ancioso por sahir e saber a verdade!

Mas o carro tardava e, acabada a sua *toilette*, elle illuminou a sala e sentou-se em frente da viuva Simões. Que differença. Ella parecia-lhe muito mais morena; os cabellos cahidos para os hombros davam-lhe um aspecto de louca, e a sua bocca, deliciosamente pequenina e vermelha, estava então desbotada, entreaberta n'uma expressão de agonia.

Luciano, não tendo em casa ether, recorreu ás essencias, mas vacillava se deveria ou não chamar a viuva á realidade da vida. Julgou mais acertado leval-a assim, receiando que lhe sobreviesse uma crise violenta.

Pobre mulher! pensava Luciano com infinita tristeza. E sentia uma dor incomprehensivel, que seria talvez o remorso, imaginando que no fundo a causa de tudo aquillo... era elle!

XVII

As criadas tinham despertado aos gritos de Ernestina, mas quando sahiram do quarto já não a encontraram. Foram todas rodear o leito de Sara, espavoridas, sem atinar com o que fizessem.

A cosinheira tomou por fim o expediente de mandar o jardineiro chamar o padre Anselmo. A moça estava nas ultimas, affirmava ella. Sahiu para isso e encontrou o hortelão já na porta, acabando de enfiar já as mangas da jaqueta.

— Seu João ! nhá Sara tá morrendo... vá chamá o padre...

— A patroa já me disse...

A Benedicta voltou chorosa para o lado da doente. O seu coração sentia uma magua immensa por ver assim a sua sinhá moça, que tantas vezes trouxera ao collo, quando pequenina !

O hortelão caminhava apressado sob a chuva miuda, que vinha cahindo como uma nuvem ligeira, na montanha.

— Se a menina morre, dizia elle comsigo mesmo, eu saio da casa!...

Sara era adorada pelos servos; não tendo de ordenar coisa alguma, ella não se mostrava severa e intervinha muitas vezes nas zangas da mãe, procurando desculpal-os.

A's vezes mesmo a moça ia ajudal-o, de manhã cedo, na cultura do jardim. Era trefega, alegre e robusta, gostava d'aquelles exercicios ao sol; tinha os seus instrumentos e os seus canteiros, onde não consentia que outras pessoas bolissem.

E depois que risadas, que alegres cantorias! Era extraordinaria! Nem elle nunca vira moça rica e de cidade ter tanto humor! E pensava:

«Ai! as bellas manhãs!... se ellas não voltam mais... pobre menina!»

Depois de ter batido á porta do medico, o jardineiro apressou-se a ir chamar o sacerdote.

O padre Anselmo morava mais longe, n'uma casa rodeada de cães e de roseiras bravas... Mas nem os espinhos das flores nem o latido dos cães dissuadiam os crentes de o ir chamar a deshoras. Sabiam todos que o padre Anselmo não se negava a ninguem.

Rico ou pobre, que lhe importava! Era uma alma a salvar, e elle ia sempre! A chuva tinha apertado. Os dois homens caminhavam depressa, os seus vultos manchavam ainda de mais negro a escuridão da noite, que nenhuma bulha de

vida perturbava. Sómente ao longe a agua do aqueducto rumorejava uns soluços surdos, que o jardineiro maldizia, trazendo-lhe á mente o estertor de um moribundo...

O seu pavor por vezes era tamanho que elle, o trabalhador da terra, forte e rude, tinha impetos de se agarrar á batina e ao manto negro e fluctuante do padre!

— Está ahi o carro, disse o criado a Luciano; e quiz logo narrar a grande difficuldade que tivera para obter uma caleça, áquella hora; mas o amo sem lhe dar attenção ordenou-lhe que o ajudasse a transportar a doente.

Ernestina ia desaccordada, elle sentia-a nos braços, como morta.

O cocheiro, receiando talvez ser cumplice involuntario n'um crime, veiu, antes de subir para a boléa, examinar de perto a moça, e foi depois para o seu posto resmungando baixo. Seguiram. A chuva diminuiu pouco a pouco; poder-se-hiam por fim contar as gottas que soavam como pancadas dadas compassadamente com as pontas dos dedos na coberta do carro.

Ernestina continuava insensivel a tudo; ia com a cabeça deitada no peito de Luciano, os pés pousados no banco fronteiro. Elle amparava-a com desvello, levando através da noite immaculada e só, a sua desejada amante. De vez emquando ao passarem por algum lampião de gaz,

a luz vinha, amarellada e frouxa, illuminar a cabeça desfallecida da viuva.

Luciano contemplava-a attonito; parecia-lhe incrivel que se envelhecesse tão depressa! Havia menos de um mez que não via Ernestina; deixara-a fresca, louçã, tentadora, vinha encontral-a amollecida, pallida,cheia de cabellos brancos. Uma grande piedade substituia agora o seu amor impetuoso e antigo. Um filho não teria carinho mais doce nem mais respeitoso para sua mãi!

Quando chegaram ao portão do jardim, Ernestina voltara a si. O cocheiro desceu da boléa e abri a portinhola, sacudindo barulhentamente a agua que lhe escorria do capote de borracha. A noite estava ainda trevosa: dentro, através das grades, viam-se as janellas do chalet, cujos vidros, molhados, coavam uma luz pallida e triste. Luciano ajudou Ernestina a apear-se.

O carro voltou, enterrando as rodas na lama, com uma bulha surda. A viuva Simões mal se podia arrastar, e a travessia do jardim foi vagarosa; em torno d'elles as flores, abafadas pela chuva, tinham um aroma discreto e vago. Uma ou outra gotta de chuva, retida nas folhas e despenhada agora das arvores, cahia como uma lagrima fria sobre a cabeça nua de Ernestina. Ella já não podia mover as pernas; um grande peso paralysava-lhe as forças; a voz sumira-se-lhe tambem e de tal geito que só poude

acenar com a mão a Luciano, que fosse depressa e que a deixasse alli.

Luciano tremia, estava perplexo, apprehensivo; as suas supposições haviam-se dissipado logo que ao chegar ao portão da chacara não vira Sara, como esperava, correr para a mãi doente.

O silencio d'aquella casa illuminada encheu-o de pavor e sentia, instinctivamente, repulsão por aquella mulher que ia conduzindo com tanta solicitude!

Sentia ainda ferir-lhe os ouvidos o seu grito terrivel:

— Luciano! Luciano! matei minha filha! salve minha filha!

N'esse instante, manchando o corredor com a sua ampla batina negra, elle viu o padre Anselmo dirigir-se para o quarto de Sara. Ao mesmo tempo rompeu lá de dentro um soluço que ondulou dolorosamente pelo ar silencioso da noite, fincando-se-lhe no coração como uma dôr atrocissima.

— Então é verdade!? gritou Luciano sacudindo Ernestina.

— E'... disse ella por entre os dentes cerrados, com um olhar de susto.

N'um grande desvairamento, Luciano galgou de um pulo os poucos degráus do terraço, deixando a viuva fóra sosinha. Outro soluço, mais brando e choroso, voou pela noite negra.

Ernestina deu alguns passos, cambaleante, até que já sem forças cahiu de joelhos, erguendo as mãos unidas para o céo impiedoso.

Ella tambem tinha reconhecido o padre; aquella batina preta passando rapida, de uma porta a outra porta, como que lhe dissera alto e de longe: acabou-se!

Dentro, havia um rumor abafado de vozes, e um crepitar de luzes, talvez das velas de cera allumiadas junto ao cadaver... E cá fóra nem uma luz; tudo preto; agua correndo pelos declives da montanha, nada mais.

Ernestina já não resava, nem o seu espirito sabia formular, nem os seus labios articular palavras. Encolhida, de joelhos na areia molhada, ella afundava o olhar pelo corredor, agarrando-se ás grades do terraço, e empapando a cabeça nas trepadeiras alagadas...

Subitamente, uma voz desconhecida disse alto, lá de dentro:

— Muito depressa!— e ella viu o jardineiro vir correndo pelo corredor e sahir.

— Que seria?! Teve desejo de o segurar em ambas as mãos, de lhe perguntar se a sua filha adorada era viva ou morta... mas não poude mover-se, e elle, como a não visse... passou.

Ernestina então deixou-se cahir sentada, com as mãos espalmadas no chão e o pescoço dobrado sobre a espinha. A chuva recomeçava em pin-

gos grossos que lhe cahiam nos olhos abertos, na bocca, no queixo, ora um... ora outro... ora dous a um tempo.

Queria ir ver a filha, beijal-a, supplicar-lhe que vivesse, que vivesse, que vivesse ! mas eram inuteis os seus tremendos esforços para levantar-se, subir os degráus e ir ao quarto de Sara.

Sentia-se presa á terra ; já não era uma mulher, mas como que uma planta, nascida para o soffrimento e por isso mesmo valentemente enraizada no chão.

Quando Luciano entrou no quarto de Sara viu o padre Anselmo de pé, junto do leito, com uma das mãos extendida sobre a cabeça da moça n'uma attitude de benção.

A fronte do velho erguida, os olhos humidos e levantados, os labios movendo-se n'uma oração compenetrada, baixa e fervorosa, tinham uma doçura solemne em que a piedade humana se misturava com a austeridade religiosa. O homem n'elle soffria uma revolta contra a natureza, por ver morrer uma mulher tão joven ; o padre porém congratulava-se com o céo, que ia receber no seu seio limpido uma virgem pura !

Luciano ficou preso áquelle leito, n'uma mudez gelada, olhos fixos em Sara, por quem sentia agora recrudescer o seu amor ! Amava-a sim, e com intensidade ! As lagrimas rebentavam-lhe dos olhos celeremente. A Benedicta soluçava alto,

de vez em quando, e aquelles soluços revolviam-lhe n'alma toda a sua ternura. Atráz d'elle, o medico escrevia; mas no seu desespero Luciano nem reparava n'elle; todo o seu sentido estava n'essa cama estreita, branca, revolta, onde, como uma estatua, pesada e rigida, Sara parecia dormir! morta não estava! elle via-lhe o peito abaixar-se e erguer-se n'uma respiração custosa, como se aquelle resto de vida lhe pesasse sobre o coração.

A doente tinha as feições alteradas, o rosto livido, manchado de escuro, os labios entumecidos e as palpebras roxas.

Luciano quiz beijal-a na testa, o padre Anselmo desviou-o com austeridade.

A penna do medico rangia no papel, e as criadas, agrupadas aos pés da cama, esperavam as ordens, olhando com tristeza para a moça. Benedicta chorava sempre alto, e o padre compadecido, disse-lhe com voz doce e triste:

— Espere! ella talvez não morra... a misericordia de Deus é infinita!

O medico postou-se novamente á cabeceira da doente.

Luciano, vendo-o, contou-lhe o que ouvira de Ernestina, baixo e precipitadamente. Que seria aquillo, um envenenamento?!

—Não!... houve um engano de remedio, nada mais. Percebi, logo que entrei, do que se tratava, vendo á cabeceira da doente o frasco que

eu já tinha posto de parte, por terem errado a formula... mas não era cousa de matar... mormente em dóse pequena... Não foi isso que determinou o accesso !

— Mas ha esperança ?

— Nenhuma...

Luciano estremeceu e um suor frio inundou-lhe a testa.

—Isto é... acudiu o medico, quem sabe ? não será a primeira que eu veja resuscitar... Estas doenças de cabeça são terriveis !

—Ah... ella foi atacada...

—De uma febre cerebral.

—Meu Deus ! ...

—Ás vezes, é melhor morrer, concluiu o medico, abaixando-se para examinar o rosto de Sara

O medico empregava a actividade de toda a gente da casa ; as criadas iam e vinham, aquecendo agua, transportando roupas, luzes, receitas, acudindo sem cansaço a todos os chamados, com boa vontade e ligeireza.

Entretanto o padre Anselmo perguntava por Ernestina. Até ahi, tanto elle como o medico tinham-n'a julgado recolhida, propositalmente afastada da filha, e poupavam-lhe a agonia de a ver morrer. Agora porém o caso era outro, desde que Luciano narrara a ida da viuva a sua casa.

—Mas então onde está ella ? perguntava o padre.

Ninguem sabia responder, percorreram a casa inutilmente.

—Veiu commigo, affirmava Luciano; entrámos juntos!... Mas Luciano não se arredava do leito de Sara, não se lembrava de mais nada, repetia machinalmente aquillo—veiu commigo, entrámos juntos!—sem interesse, sem preoccupação, entregue á sua surpreza, com os olhos fitos em Sara, esperando a morte!

O padre estremecia; vinham-lhe á idéa os despenhadeiros do morro, onde Ernestina fosse talvez pedir o esquecimento da dôr que a pungia.

Chamou então o jardineiro e sahiram ambos.

As sombras da noite iam-se dissipando. A dous passos da porta o padre distinguiu alguem deitado sobre a grama; approximou-se abaixando-se, apalpou Ernestina.

—Ajude-me a leval-a para dentro, disse elle ao jardineiro.

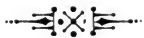
E ergueram a viuva, que estava alagada e fria.

—Pobre mãi!... repetia o bom velho, commovido. Dentro recommendou ás criadas que lhe mudassem roupa e friccionassem o corpo. Feito isso, elle entrou no quarto e sentou-se ao pé do leito.

Ernestina abriu os olhos e, de repente, espavorida com a lembrança da filha, perguntou:

—Morreu?!

—Não morrerá, tenha esperança !.. respondeu-lhe o padre.

No entorpecimento da sua terrivel dôr, Ernestina não pareceu alegrar-se; deixou-se cahir sobre os travesseiros e adormeceu profundamente.

XVIII

Quando Ernestina acordou era dia. Quiz mover-se, não pôde. A cabeça ardia-lhe, muito pesada e dorida, tinha o rosto vermelho e uma dôr no peito que a não deixava respirar. O medico foi vel-a, assegurou-lhe que Sára não morreria, consolando-a muito. Ella quiz contar a historia toda: como confundira os remedios e o seu desatino depois. Elle fel-a calar-se, percebera a verdade vendo os dous frascos juntos e abertos... providenciara a tempo.

Tudo ia bem.

Tudo ia bem!... Entretanto, n'uma occasião ella teve medo que a enganassem e saltou da cama descalça, com a camisa aberta no peito e os cabellos soltos; atravessou a sala sem que a vissem, passou pelo corredor onde circulava li-

vremente o ar, e abriu de mansinho a porta do quarto de Sara, com um medo terrivel de o ir encontrar vazio.. mas não; Sara dormia n'uma attitude serena, e, a seus pés, de costas para a porta, estava Luciano.

Ernestina voltou para o seu quarto, sem desgosto, sem alegria, impassivel como se tudo aquillo fosse esperado!

Sentou-se na cama, com os pés nús sobre o tapete, as mãos cahidas nos joelhos, e assim ficou algum tempo, com os olhos fixos no reposteiro da porta, sem pestanejar, immovel, abstracta. A pouco e pouco a respiração foi-se tornando mais difficil e o corpo, vencido, cahiu pesadamente sobre os travesseiros. Recrudesceram-lhe as dores e a febre. Pelas faces, muito vermelhas, rolavam lagrimas grossas e ardentes, e ella mal podia respirar, sentindo uma pontada violenta no peito.

Luciano entrava a medo no quarto da viuva, esperando sempre uma recriminação, temendo tambem exacerbar-lhe o mal. A sua consciencia não o deixava á vontade entre aquellas duas mulheres enfermas. Entretanto não se afastava d'alli. d'aquella casa.

Sara não o tinha percebido ainda; a viuva não falava a ninguem. Como o medico exigisse enfermeiras, elle julgou dever avisar a mulher do Nunes e a ama Josepha.

Georgina passava tambem agora os dias e as

noites no quarto da amiga. Desenvolvêra uma actividade de que ninguem a julgára capaz. Era energica, movia sem cansaço o seu corpo franzino; com as mãos ageis, os passos léves, o ouvido attento e o seu bello olhar de gazella, tão vivo e tão meigo, a sondar a doente, buscando uma esperança que não apparecia!

Ah, ella comprehendeu a verdade sem ouvir explicações! O amor de Ernestina por Luciano não fôra nunca um segredo para ella; a sua perspicacia adivinhara-o logo. Percebendo mais tarde que, por sua vez, Sara o adorava, esperou com curiosidade e medo o desfecho d'aquella historia.

Elle ahi estava, e bem triste!

A D. Candinha Nunes mudou-se tambem para Santa Thereza e era quem determinava tudo, assidua, solicita e animada. Entrava pouco nos quartos das doentes, mas preparava-lhes lá dentro os caldos, o leite, o gelo, as roupas e ordenava o silencio entre as criadas que, a um gesto seu, suspendiam o minimo rumor.

A' cabeceira da viuva Simões estava a Josepha sentada em um banquinho, com as mãos descançadas no collo e o queixo erguido para a cama. De vez em quando coxilava, e então o queixo, quadrado e forte, batia-lhe no peito ossudo, ella despertava com vexame, olhando em roda, observando se a tinham visto, receiosa de um olhar de censura. Mas, nada. A viuva tinha os olhos

fechados ou postos no tecto, as mãos sumidas nas dobras do linho, os labios silenciosos.

Pelas janellas cerradas o sol entrava em fisgas; a não ser o tic-tac do relogio, só se ouvia o voar das moscas na sua bulha quasi imperceptivel e vaga. Josepha para justificar a sua estada alli, erguia-se de vez em quando, alisava o lençol da doente e perguntava-lhe:

— Quer alguma cousa?

A viuva respondia com um gesto que não; a maior parte das vezes nem assim mesmo respondia, quedava-se immovel, e a Josepha tornava para o banquinho, com um suspiro de cansaço e o corpo moido d'aquella indolencia. E as horas iam passando; o sol abrandava a sua luz amarella, recolhia pouco a pouco as fitas de ouro, que extendêra atravéz das venezianas cerradas. Cahia a tarde e o silencio continuava, triste e profundo.

D. Candinha ia de hora em hora dar o remedio, recommendando sempre á Josepha que a avisasse se houvesse alguma falta. Ás vezes, de longe em longe, a pobre mulher pedia á moça que ficasse alli um minuto; ella voltaria depressa.

Sahia; e, logo fóra da porta, respirava com força, sacudia as saias e andava com passos largos, desentorpecendo-se. Ia ao quintal gyrar um pouco, colhia um raminho de mangerona ou de hortelã e entrava na cosinha mastigando as folhas e pedindo um caldo.

Tomava o alimento á pressa, lamentando não

poder saboreal-o. Em verdade o que ella saboreava mais não era a sopa, era a liberdade, era a janella francamente aberta, a variedade das caras e a variedade das cousas, a ausencia do quarto de doente, com o seu cheiro enjoativo de remedios, cortinas descidas e o relogio estupido, a dizer sobre a commoda sempre o mesmo: tic, tac, tic, tac, tic, tac!

Mas outras visinhas vieram, boas, cuidadosas e, apezar de tudo, a Josepha, como um cão de guarda, passava os dias sentada no banquinho, olhando para a viuva, cançada, triste, esperando pelas horas da refeição para ir gozar lá fóra, sob esse pretexto, o ar, a luz e a palestra.

—Tomara já que isto acabe! pensava ella, que Yayá fique boa e Sarinha tambem. Ave Maria! como estarão os meus cacos em S. Christovão!

A visão da casa atormentava-a muito. Via as baratas passeando sobre os pratos da marmelada, feitos para quitanda, na manhã da subida para Santa Thereza; lembrava-se de ter deixado fóra do quarto, pendurado, á toa, o seu melhor vestido... e parecia-lhe sentir o ruido dos dentinhos dos ratos nas roupas dos freguezes... Crédo! Calculava os prejuizos, sommava pelos dedos o que teria de pagar a um e a outro, e pasmava deante das cifras que se desenhavam em seu espirito em proporções enormes!

Uma noite, a Josepha teve um sonho que a decidiu a abandonar a doente por algum tempo

Sonhou que o seu adorado S. Sebastião, furioso por vêr apagada a lamparina com que ella, cuidadosa, religiosamente, o allumiava no seu oratorio dia e noite, entrára a desfechar-lhe nos olhos todas as settas do seu bemdicto corpo.

— Perdão! gemia a pobre; mas o santo não lhe perdoava.

Quando Josepha accordou sentiu dôr nos olhos... aquillo tornou-a apprehensiva. Foi ao espelho; os olhos estavam vermelhos!

— Uê! gente! Isto é aviso do céu! Eu vou logo a S. Christovão!

Ao meio-dia vestiu o seu vestido de merino preto, poz o seu velho toucado de vidrilhos e flores roxas e dispoz-se a sahir.

Estava toda a casa silenciosa. A viuva dormia e a mãi de Georgina fazia-lhe quarto. Josepha atravessou a sala de jantar em bicos de pés e entrou no corredor. Ao fundo, a porta do jardim attrahia-a, muito aberta, como um quadro de luz; e ella seguia com passos miudos, segurando na mão a bolsinha de couro que não deixava nunca, quando de repente um grito agudo feriu o ar e o silencio da casa. Josepha estacou.

Deus do céo! que teria sido!? houve uma pausa; correram minutos... outro grito igual e estridulo partiu do quarto de Sara. Josepha voltou depressa para o quarto da moça.

— Que foi?!

Georgina levantou para ella os olhos chorosos,

D. Candinha, mais calma, respondeu-lhe sem olhar para ella, fixando a doente:

— Foi a morte, Josepha! Sára está perdida!...

Josepha cahiu de joelhos e pôz as mãos; Georgina imitou-a, sem saber como, e ambas rezaram silenciosas, chorando.

Ambas resaram, ambas fizeram promessas, e quando se levantaram abraçaram-se, sem saber como, sem saber porque!

XIX

Tomavam-se precauções para que os gritos de Sara não chegassem ao quarto da mãe; entretanto a viuva Simões ouviu-os e perguntou por elles uma vez.

— São as crianças do visinho; respondeu-lhe D. Candinha, trocando depois um olhar de intelligencia com a Josepha, que se agachára no seu posto, com o queixo erguido para a cama.

A pobre mulher desistira da ida á casa. Baratas e ratos que andassem por lá á vontade. Já não temia cousa alguma.

— Olhe que você ainda está de chapeu!... avisou D. Candinha.

Josepha elevou as mãos grossas á altura das flores roxas do toucado.

— Vê! por isso é que eu tenho dôr de cabeça... murmurou ella.

Mudara de vestido, estava agora de chita; com uma saia e um casaco da cosinheira. O toucado dava-lhe ares de macaco velho, desconfiado, ainda não acertado ao rythmo do realejo.

—Vá descançar! disse-lhe D. Candinha.

— Não; fico. E agora já não tenho somno... já não tenho nada ..

E os seus olhinhos castanhos encheram-se de lagrimas.

Entretanto, no quarto de Sara, Luciano e Georgina conversavam ácerca da doente:

— Tem reparado n'uma cousa? perguntou elle.

— Em que?

— Nos raros momentos em que Sara parecia melhorar, mostrava-se afflicta com a minha presença!...

—E' verdade...

—Notou tambem isso?

—Notei.

—Julguei que pudesse ser uma illusão minha...

—Não foi. Sara quando o viu e o reconheceu teve um grande abalo; tornou-se rôxa; não viu como ella fechou apertadamente os olhos?

—Vi... Porque me odiará ella?

— Ainda o senhor pergunta!

Georgina aggravava os remorsos de Luciano, vingando a amiga. Outras vezes falavam-se como irmãos, elogiando Sara, recordando em commum

os seus gestos e os seus ditos, como se tratassem de uma morta.

O arrependimento de Luciano crescia, á vista da doente. Já nada esperava, não podia á força de amor resgatar culpas antigas... Todas as noites sahia d'aquella casa pensando em não voltar... que ia fazer alli, entre duas mulheres, victimas do seu capricho de homem gasto pelos prazeres e pelas dôres da vida? Elle não era máu afinal... como se tinha deixado levar tão levianamente, em tudo aquillo?! julgára talvez todas as mulheres eguaes... Habituára-se á vida frivola, longe da familia, do meio de que se afastára para correr bohemiamente, alegremente, dos salões faceis para os cafés, e os theatros, sem affeições sérias, sem preoccupações, sem trabalho, gastando as forças e adquirindo vicios

Depois toda aquella historia tinha começado como uma simples *flirtation* leve e risonha... Este desenlace agora enchia-o de pavor e procurava salvar a sua consciencia sem encontrar auxilio... Outras vezes exaggerava as suas faltas, revolvendo ideias, penitenciando o seu espirito decahido...

Os medicos faziam repetidas visitas ao dia; as enfermeiras eram incançaveis e o tempo ia cada vez mais azul e formoso. Luciano subia todas as tardes, ficava até meia-noite e descia atormentado, sósinho, dizendo comsigo que estava tudo acabado, bem acabado ..

Entretanto a viuva melhorava e teimava por

sahir da cama. Queria vêr a filha, presentia alguma coisa, dizia ás vezes que a enganavam, Sára estava morta... outras scismava com aquelle rumor estranho que se fazia em toda a casa, e em que o nome de Sára parecia sussurrado continuamente...

Medicos e enfermeiros prolongaram aquelle estado negando-lhe auctorisação para erguer-se.

Os gritos de Sara tinham cessado, a casa voltára ao anterior silencio. Uma vez a viuva viu, atravéz das palpebras, no levissimo somno dos convalescentes, entrar D. Candinha e dirigir-se á Josepha, que lá estava a cochilar no seu canto. A moça curvou-se para a velha, e, entre ambas, Ernestina distinguiu no ar, subtilmente estas palavras:

...Sara...

— Que me diz, senhora ?!

— Psio!...

Sahiram ambas, cautelosamente. A viuva Simões sentou-se de um salto e prestou o ouvido. Pareceu-lhe sentir um chôro abafado, afastou desvairadamente as roupas da cama e ergueu-se do leito sempre escutando, tremula, com os cabellos desgrenhados sobre os hombros magros e as pernas finas desenhadas no linho da camisola. Entreabriu assim a porta e esgueirou-se a medo para o corredor:

Lá fóra, na atmosphera suavemente morna, vagava o aroma das flores de larangeira. Ernes-

tina teve uma vertigem. A luz cegou-a, o aroma entonteceu-a. Encostou-se ao hombral. Não passava ninguem, a casa parecia deserta; a viuva recobrou alento e atravessou o corredor, descalça, com os artelhos nús, pensando em ir encontrar a filha amortalhada, no setim branco das esponsaes, com a grinalda de virgem e o véu castissimo esparso em ondas sobre as suas opulentas tranças loiras...

Foi d'esse modo, sem ser presentida, até ao quarto de vestir da filha, e, sempre muda e attenta, approximou-se da alcova. D'alli não podia ver Sara, encoberta pelas costas e o cortinado do leito. Tinha ainda medo... medo de entrar n'aquelle quarto... medo de se approximar da filha! Junto á mesa, de que só via um angulo, estava sentado um homem; divisava-lhe a orla das calças cinzentas e os pés que se moviam nervosamente.

Georgina olhava para fóra, com o rosto unido aos vidros. O seu corpo de menina fino e chato, ondulava com o esforço da respiração, e os cotovellos pontudos, erguidos á altura das orelhas, que as mãos cruzadas sobre a nuca encobriam, faziam scismar no desejo das azas, azas que se batessem pelo azul fóra levando aquelle coração de pomba para bem longe das miserias da vida!

Perto da cama, D. Candinha e Josepha cochichavam, curvando-se para a doente. Transparecia a dor no perfil de ambas.

Ernestina deu mais dous passos para diante.

D. Candinha percebendo-a exclamou assustada:

— Olhem quem está alli!

Rodearam Ernestina; Josepha enrolou-a no seu chale, emquanto a viuva perguntava baixinho á Georgina, apontando o leito:

— Morreu?!..

— Não... mas...

Como se aquellas palavras lhe tivessem insuflado nova vida, Ernestina desembaraçou se de todos, que procuravam retel-a, e correu para a cama.

Pararam os outros a vê-la, silenciosos e oppressos. D. Candinha cobriu-lhe de novo os hombros com o chale, mas o chale resvalava para o chão. A viuva curvada para a filha não dizia nada nem se movia tão pouco. Olhava... olhava... olhava!

Sára tinha emmagrecido muito e a sua cabeça, redonda e forte, parecia desproporcionada agora, emergindo de uns hombros estreitos, de criança. Os olhos não tinham brilho, olhavam sem ver e a bocca entreaberta enchia-se de baba, que Georgina limpava de vez em quando, pacientemente.

A mãe parecia não comprehender...

D. Candinha murmurou-lhe ao ouvido:

— Que é isso, Ernestina? Vá vestir-se! Luciano está aqui...

— Que me importa! Sara? oh minha filha?

Sara voltou-se para a mãe e arrastou umas syllabas embrulhadamente que ninguem poude entender!

Pouco a pouco a viuva foi percebendo a verdade; a filha não morreria... mas estava idiota! Ao redor d'ella, todos calados esperavam uma scena em que a dôr explodisse em gritos, ou a abatesse n'um desmaio. Nada! A viuva achava, apesar de tudo, uma consolação — a filha vivia e, idiota embora, respirava, deixava-se beijar! estava n'isso o seu resto de ventura materna!

De joelhos, perto da cama, esteve longo tempo a olhar, a olhar... Ergueu se com um suspiro e deixou que a D. Candinha lhe vestisse um *peignoir* de lã; atou ella mesma machinalmente os cordões da cinta sem desviar os olhos da filha.

Só depois de algum tempo foi que ella chorou, muito baixinho, embebendo as lagrimas no lenço.

Luciano tinha-se afastado do quarto e passeava no jardim, fugindo aos olhos de todos e á bulha atormentadora das vozes. Subia e descia pelas ruas vagarosamente, parando ás vezes para afastar com o pé uma folha secca do caminho, ou para esmagar entre as unhas as petalas leitosas das flores das laranjeiras. Os galhos carregados das arvores desciam muito e as formiguinhas passeavam pelos troncos apressadamente, carregando folhinhas e salpicando de preto a brancura das folhas.

Luciano contemplava aquillo tudo sem pensar

no que via, mas vendo, sem pensar tambem em outra coisa. Cansado, subiu pelo pomar dando volta pela horta, meio inculta agora e abandonada.

Por entre as largas folhas asperas das aboboras que se alastravam comendo vencedoramente a maior parte do terreno, erguiam-se os calices altos das flores na sua triumphante côr de ouro vivo. E elle notou com preguiça o desleixo em que o João tinha agora a verdura, toda abafada pelo aboboral. Afinal de contas, é sempre a força bruta que predomina em toda a natureza. As flores delicadas e franzinas que nascem para o perfume, como o coração da mulher para o amor, cahem e morrem se não lhes dão amparo doce e cuidadoso. Luciano continuou até acima, á touceira de bambús, onde vira pela primeira vez Sara e Georgina com outras amigas jogando o *croquet*. Parou ahi um momento com a lembrança d'aquelle dia na memoria. Teve saudades... Entrou depois no jardim e viu logo alli perto duas saracuras brigando sobre a grama de um canteiro largo. Elle chegou a sorrir, reparando para os meneios d'aquelles corpos delicados; uma d'ellas fez-lhe lembrar Georgina, na graça e na ligeireza. Subiu por fim ao terraço e, exhausto, como se viesse de longas caminhadas, sentou-se n'um banco, encostou a cabeça á parede e olhou para a frente.

A luz forte do sol envolvia tudo no seu manto

glorioso e quente. O mar extendia-se sereno, muito azul, limpo de barcos, beijando as fitas brancas das praias longinquas e fronteiras. As montanhas recortavam no céu limpido os seus enormes perfis bizarros n'um esbatimento de sombras e de luz. Em baixo, no pittoresco outeiro da Gloria, tremulavam bandeiras de festa. Entre a casaria da cidade, lá uma ou outra janella, batida de sol, despedia dos vidros chammas de incendio e repicavam os sinos e havia em tudo um ar de alegria e de infinita doçura! Só ao longe, temivel no seu grandioso mysterio, a Esphinge silenciosa mergulhava parte do seu corpo de montanhas na agua profunda, erguendo para o alto espaço a sua fronte rochosa e altiva!

Luciano quedou-se alli longo tempo, ora com os olhos fitos nos galhardetes da egreja, ora nas fortalezas silenciosas, ou nos despenhadeiros do morro, onde as paineiras abriam, em sorrisos côr de rosa, as suas grandes flores.

Concluindo uma série de reflexões quaesquer, Luciano murmurou a meia-voz, levantando-se:

— Decididamente hei de morrer solteiro...

— Está falando sósinho? perguntou-lhe D. Candinha, que havia chegado sem ser presentida.

— Falei alto? não admira, estou meio maluco... respondeu elle sorrindo.

— E' preciso cuidado... as paredes têm ouvidos... e....

— Está tudo acabado...

— Para Ernestina e para Sara, com certeza.

— E para mim.

— Isso... duvido! Conheço os homens, as impressões n'elles não duram como em nós... Mas, emfim, não é d'isso que se trata agora. Vim procural-o para dizer-lhe adeus.

— Já ?!

— De que se admira ?

— Acho muito cedo...

— O senhor não se lembra de que sou casada e que de mais a mais hoje é dia santo ?

— Ser dia santo não é razão!...

— É. Imagine: devo ter a casa cheia de gente! Acostumei-me a fazer dansar os sobrinhos nos dias feriados e tanto elles como os empregados do Nunes contam com isso... Já que acudi ás afflicções de uns, é justo que divirta os outros... Comtudo, sr. egoista, repare bem: se me vou embora é porque Ernestina tem uma coragem unica! Exigiu a minha retirada, bem como a de Georgina!

— Devéras! está assim calma ?

— Perfeitamente...Diz que o que temia era encontrar a filha morta... A pequena conhece-a. Coitadas!

— Que futuro triste!

— Ora... a tudo a gente se acostuma! Adeus, vá ver-me de vez em quando.

— Consente que eu a acompanhe ?

— Não. O senhor póde ser preciso aqui.

D. Candinha ageitou o veosinho preto sobre o seu rosto largo e desceu o jardim calçando as luvas.

Luciano entrou. A Josepha esperava-o e disse-lhe logo que o viu, com um modo embaraçado:

— Não vá lá dentro...

— Por que ?!

— Yayá não quer...

— Ah...ella disse-lhe isso ?...

— Disse...

Luciano parou indeciso, magoado, sem saber como falar a Ernestina, mas desejando ardentemente vel-a e beijar-lhe a mão antes de sahir. Respeitava-a agora como a uma santa, amava-a com a ternura de um filho. A Josepha observava-o com dó e com espanto, elle continuava perplexo deante d'ella.

—O senhor quer mesmo falar com Yayá ? rompeu ella.

— Sim, quero...

—Espere um pouco... Ella está sósinha. Georgina já foi para casa... que mocinha boa! Eu fico morando aqui. Yayá quer que eu tome conta da casa... que hei de fazer? Olhe, eu ainda não disse nada; mas a Simplicia fugiu com o Augusto esta madrugada e o peior é que levou roupas finas e os talheres de prata!...Que mulatinha levada! Aquillo ha de acabar rolando bebeda pelas ruas. A Anna já veiu me dizer que exige mais

ordenado... Ui! agora esta historia de criadas é um inferno!

Luciano interrompeu-a com um gesto.

—Eu já volto, disse ella, e sahiu. Elle ficou só, sentado no sofá, embaixo do retrato do commendador Simões.

Passado algum tempo, a Josepha tornou pressurosa.

—Então?! inquiriu Luciano.

—Yayá não quer vêl-o e pede-lhe para não voltar a esta casa.

Dias depois, a viuva Simões, acompanhava com a vista, do seu terraço de ladrilhos côr de rosa, um paquete transatlantico, que demandava a barra, levando Luciano para a Europa.

O tempo estava esplendido, de um azul glorioso, o mar desenrolava o seu manto, sem rugas, com uma serenidade de sonho, e as flores desabrochavam n'uma alegre anciedade de luz e de vida, perfumando tudo...

Ao lado da mãi, n'uma cadeira de rodas, Sara, com o seu eterno e doloroso sorriso, fazia e desmanchava a unica cousa bella que lhe ficára: a sua trança loura.

FIM.